



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Rebeca Emerich Alvarez

“Quer ver” como fica a análise dessa construção: futuridade, modalidade e evidencialidade em jogo

São Gonçalo

2023

Rebeca Emerich Alvarez

“Quer ver” como fica a análise dessa construção: futuridade, modalidade e evidencialidade em jogo



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Teoria e Análise Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Luiz Wiedemer

São Gonçalo

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

A473 Alvarez, Rebeca Emerich.
TESE “Quer ver” como fica a análise dessa construção: futuridade, modalidade e evidencialidade em jogo / Rebeca Emerich Alvarez. – 2023.
121f.:il.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Luiz Wiedemer.
Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Gramática comparada e geral – Teses. 2. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Teses. 3. Funcionalismo (Linguística) – Teses. I. Wiedemer, Marcos Luiz. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB/7 - 4994

CDU 806.90-5

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Rebeca Emerich Alvarez

“Quer ver” como fica a análise dessa construção: futuridade, modalidade e evidencialidade em jogo

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Teoria e Análise Linguística.

Aprovada em 21 de dezembro de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcos Luiz Wiedemer (Orientador)
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof^a. Dra. Keren Betsabe González Rodríguez
Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Solange de Carvalho Fortilli
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)

São Gonçalo

2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais e à minha família, que não tiveram a mesma oportunidade que eu. Dedico também aos meus filhos, David e Raquel, que me mostraram que o título de mãe atípica é o mais importante que terei neste mundo. Ademais, dedico à professora Valéria Campos Muniz, que sempre me incentivou e percebeu o meu potencial.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, por me incentivarem e me mostrarem que a herança mais valiosa é a educação. Em especial agradeço à minha mãe, Eunice, por me dar suporte e auxílio para que eu pudesse me desenvolver.

Agradeço ao meu filho David, por ser meu melhor amigo e me admirar, pois ser o espelho dele é um dos fatores que me motiva.

À minha filha Raquel, por me ensinar que viver no espectro é uma lição valiosa, que precisa de muito estudo, dedicação e amor.

Aos meus irmãos Diego e Jean, que me mostraram os primeiros ensinamentos da vida.

Agradeço aos meus professores da graduação, Angelo Ricardo Grisoli, Tatiana Barcelos e Valéria Campos Muniz, por me incentivarem, pelos conhecimentos, pelo apoio e inserção na vivência acadêmica.

Agradeço aos meus colegas de trabalho, em especial ao Joselito, por acreditarem na educação, na ciência e no desenvolvimento do país por meio da educação pública e cidadã.

Ao meu orientador, Marcos Wiedemer, por todo o conhecimento transmitido, pela paciência, por todo o aparato, pelo suporte, e por tornar possível o meu sonho de ser mestre.

Aos meus amigos Carla, Karine, Lucas, João, Tafarel, Marcelle, Marina, Tais, Sônia, Thayna e todos os outros que participaram dessa trajetória.

É que, de todos os instrumentos de controle e coerção social, a linguagem talvez seja o mais complexo e sutil.

Marcos Bagno

RESUMO

ALVAREZ, Rebeca Emerich. *“Quer ver” como fica a análise dessa construção: futuridade, modalidade e evidencialidade em jogo*. 2023. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística), Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

Nesta dissertação, desenvolvemos um quadro analítico da predicação complexa [$V_{\text{Volitivo(auxiliar)}} V_{\text{Percepção(ver)Predicador de um estado de coisas(infinitivo)Predicador complexo}$], e buscamos identificar os contextos de usos (futuridade, epistemicidade e evidencialidade), a partir da estratificação sincrônica, em 366 dados extraídos da amostra *Now*, do Corpus do Português. Além disso, a metodologia é quali-quantitativa. A análise é fundamentada na Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), que enfatiza a relação entre a gramática e o uso da linguagem e explora as propriedades formais e funcionais das construções gramaticais em contextos de usos. Os resultados gerais apontam para uma mudança de percepção visual para percepção não-visual, especialmente mental e, como conseqüente, extensibilidade da construção, que promoveu o desenvolvimento de novos usos para a construção [quer+ver] licenciando os usos epistêmico e evidencial, além do valor de futuridade. Com isso, a partir desses novos sentidos, o falante introduz um elemento modal que reflete um desejo ou uma vontade expressa, relacionada ao aspecto epistêmico, revelando a atitude do falante em relação à validade ou confirmação da proposição apresentada. A epistemicidade, ao introduzir o conhecimento ou crença do falante, está intrinsecamente conectada à evidencialidade, que se refere à marcação linguística das fontes de informação que sustentam uma afirmação. Por fim, os achados demonstram que a evidencialidade é direta, onde o sujeito parece estar na dêixis do falante. Em outras, há uma inferência baseada em conhecimentos acumulados e percepções sensoriais para antecipar eventos futuros. O uso da primeira pessoa do singular e a referência a situações passadas reforçam a conexão entre a dêixis e a continuidade temporal.

Palavras-chave: GCBU; futuridade; epistemicidade; evidencialidade.

ABSTRACT

ALVAREZ, Rebeca Emerich. *"Want to see" how the analysis of this construction looks: futurity, modality and evidentiality at stake*. 2023. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística), Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

In this dissertation, we developed an analytical framework of complex predication [$V_{\text{Volitional(auxiliary)}} V_{\text{Perception(see)}}$ $\text{Predicator of a state of affairs(infinitive)}$] $\text{Complex predicator}$], and sought to identify the contexts of uses (futurity, epistemicity and evidentiality), from the synchronic stratification, in 366 data extracted from the *now* sample, from the Portuguese Corpus. In addition, the methodology is quali-quantitative. The analysis is grounded in Use-Based Construction Grammar (GCBU), which emphasizes the relationship between grammar and language use and explores the formal and functional properties of grammatical constructions in usage contexts. The general results point to a change from visual perception to non-visual perception, especially mental and, as a consequence, extensibility of the construction, which promoted the development of new uses for construction, licensing the epistemic and evidential uses, in addition to the futurity value. Thus, from these new meanings, the speaker introduces a modal element that reflects an expressed desire or will, related to the epistemic aspect, revealing the speaker's attitude towards the validity or confirmation of the proposition presented. Epistemicity, when introducing the speaker's knowledge or belief, is intrinsically connected to evidentiality, which refers to the linguistic marking of the sources of information that support a statement. Finally, the findings demonstrate that the evidentiality is direct, where the subject seems to be in the voice of the speaker. In others, there is an inference based on accumulated knowledge and sensory perceptions to anticipate future events. The use of the first person singular and the reference to past situations reinforce the connection between deixis and temporal continuity.

Keywords: GCBU; futurity; epistemicity; evidentiality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 -	Possível caminho de mudança linguística	18
Quadro 2 -	Possível caminho de mudança linguística do valor de futuridade à evidencialidade	22
Figura 1 -	Combinação de construções de um enunciado	28
Figura 2 -	Propriedades de forma e sentido da construção	30
Quadro 3 -	Dimensões das construções	31
Figura 3 -	Gradiente de relações hierárquicas entre construções	34
Quadro 4 -	Hierarquia dos verbos de percepção	42
Figura 4 -	Componentes semântico e pragmático da construção	51
Quadro 5 -	Tipologia dos evidenciais em língua portuguesa	59
Tabela 1 -	Atributos e valores controlados	68
Quadro 6 -	Frequência de ocorrências de “quer ver”	70
Quadro 7 -	Frequência de ocorrência de “quer ver que”	71
Quadro 8 -	Frequência de ocorrência de “quer ver como”	71
Tabela 2 -	Panorama de ocorrências - corpus da pesquisa	71
Gráfico 1 -	Frequência de ocorrências das microconstruções “quer ver”, “quer ver que” e “quer ver como”	72
Gráfico 2 -	Frequência de perfilamento semântico (futuridade, epistêmico e evidencial)	93
Gráfico 3 -	Posição da construção na microconstrução [quer ver como]	94

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	A DINAMICIDADE DO SISTEMA LINGUÍSTICO	26
1.1	A Gramática de Construções Baseada no Uso	26
1.1.1	<u>Conceitos basilares</u>	28
1.1.2	<u>Propriedades da construção</u>	32
1.1.2.1	Esquematicidade	32
1.1.2.2	Produtividade	35
1.1.2.3	Composicionalidade	36
1.2	Mudança linguística	37
2	REVISÃO DA LITERATURA	40
2.1	Os verbos de percepção	40
2.2	Volição: da intencionalidade à futuridade	42
2.3	Modalidade e epistemicidade	49
2.4	A evidencialidade	55
2.4.1	<u>Evidencialidade e dêixis</u>	58
2.4.2	<u>Evidencialidade vs. Epistemicidade</u>	61
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	64
3.1	A metodologia qualitativa	64
3.2	A composição do corpus	65

3.3	As etapas metodológicas	65
3.4	Os critérios de análise	66
3.5	A coleta de dados	67
4	QUER VER COMO FICOU A ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	69
4.1	Panorama de usos das microconstruções	69
4.2	Polaridade da predicação	72
4.3	Configuração da predicação verbal	80
4.3.1	<u>A Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta Reduzida</u>	82
4.3.2	<u>OSSOD Reduzida de Particípio</u>	83
4.3.3	<u>OSSOD Reduzida de Gerúndio</u>	84
4.3.4	<u>A oração desenvolvida QUER VER QUE</u>	85
4.3.5	<u>Que ver como</u>	89
4.3.6	<u>“Quer ver que” versus “quer que veja” e “queria ver que”: uma questão de modalização</u>	94
4.4	O papel do sujeito	96
4.4.1	<u>Animacidade do sujeito</u>	98
4.5	Futuridade, epistemicidade e evidencialidade em jogo	101
4.5.1	<u>O desenvolvimento do valor epistêmico</u>	104
4.5.2	<u>O desenvolvimento do valor evidencial</u>	108
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
	REFERÊNCIAS	116

INTRODUÇÃO

Na literatura linguística, já existem diversos estudos sobre as expressões de futuro/futuridade no português brasileiro (doravante PB). Sobre a temática, de acordo com Oliveira (2012), a expressão de futuridade verbal, no PB, pode ser representada pelas seguintes estruturas:

a) o futuro simples (eu farei isso amanhã); b) o futuro perifrástico com haver de no presente + infinitivo (eu hei de fazer isso amanhã); c) o futuro perifrástico com haver de no futuro + infinitivo (eu haverei de fazer isso amanhã); d) o futuro perifrástico com ir no presente + infinitivo (eu vou fazer isso amanhã); e) o futuro perifrástico com ir no futuro + infinitivo (eu irei fazer isso amanhã); f) o presente (eu faço isso amanhã) (OLIVEIRA, 2012, p. 125).

Em geral, essa classificação de Oliveira (2012) pode ser corroborada por diversos estudos, os quais têm demonstrado que a expressão da futuridade verbal é um fenômeno variável (cf. Gibbon, 2000, 2014, Oliveira, 2006, Santos, 2000, Tesch, 2011, Silva, 2021 entre outros). Além disso, somam-se a esse quadro, os estudos sobre o prisma da gramaticalização do desenvolvimento de auxiliares e afixos para marcadores gramaticais de futuro, apontando o caminho de *desejo/obligatoriedade* >>>> *marcador temporal* (ver Givón, 2001, Fonseca, 2010).

Além das estruturas indicadas por Oliveira (2012), bem como os demais estudos sobre o desenvolvimento de auxiliares como marcadores gramaticais, ainda, sobre a temática de futuridade, encontramos, também, as pesquisas desenvolvidas sobre as construções de futuro com verbos volitivos¹ (Cezario, 2001, Baroni, 2011, Costa, Souza e Vieira, 2020 entre outros). Souza (2019, p. 1169), sobre o assunto e comenta que:

a trajetória de gramaticalização a partir da implicatura de desejo disparada pelo verbo nos leva a crer que se uma ação é desejada pelo falante, de alguma forma esse falante projeta a realização dessa ação no futuro. Assim, se o mesmo ato de fala comporta a expressão de desejo e a indicação de futuro na estrutura *querer + verbo*, essa seria uma forma indireta de expressar o tempo em português, pois *querer* expressa volição e implica predição. Inferimos a marcação de tempo futuro a partir de um verbo de volição, mas não interpretamos esse tipo de proposição como um ato de fala expressivo (SEARLE, 1995). Isso pode ocorrer devido a uma escala de implicação de futuro que faz parte das expressões de desejo e volição: quanto mais próximo do desejo for o ato de fala, menor será a inferência de futuro.

Esta pesquisa se insere também no escopo de observar a realização da futuridade verbal a partir da análise do esquema [Verbo volitivo (*querer*) + Verbo percepção (*ver*)]. Portanto, nossa

¹ Aqui, não fazemos distinção entre verbos de desejo e volição.

temática de investigação se dá no campo de análise dos contextos de usos que envolvem, de um lado, a discussão da futuridade e, por outro lado, os desenvolvimentos (micropassos) de mudança linguística e a formação de novos significados, como epistêmico e evidencial.

O verbo "querer" exerceu uma função crucial na introdução da noção de futuridade na língua portuguesa ao longo de sua evolução. Conforme indicado por linguistas e gramáticos, como Bechara (2019), inicialmente, esse verbo era empregado de forma atemporal para expressar desejos e vontades no presente. No entanto, ao longo do tempo, sua utilização foi ampliada para abranger nuances temporais, especialmente quando conjugado com infinitivos ou expressões que indicam ações futuras.

A progressiva mudança no emprego do verbo "querer" passou a refletir não apenas desejos imediatos, mas também a intenção de realizar ações planejadas para o futuro. Esse fenômeno linguístico contribuiu para o desenvolvimento de estruturas que expressam futuridade de maneira mais explícita, consolidando a formação de futuros verbais e perífrases verbais que caracterizam a língua portuguesa contemporânea.

Dessa forma, conforme observado por Bechara (2019), a evolução do uso do verbo "querer", não apenas atendeu às demandas comunicativas dos falantes, permitindo a expressão de aspirações futuras, mas também desempenhou um papel linguístico significativo na construção da temporalidade na língua portuguesa, enriquecendo-a com flexibilidade e dinamismo.

Sobre os estudos de futuridade em usos de "querer + infinitivo", no PB, Souza (2019) aponta que se trata de uma implicatura, uma inferência derivada do conteúdo semântico das proposições combinado com o contexto conversacional, onde a futuridade é derivada do uso do verbo de volição "querer" ao atuar como auxiliar. Segundo a autora, "o uso de querer como verbo auxiliar implica futuridade, funcionando, portanto, não como uma marca de futuro, mas uma indicação" (SOUZA, 2019, p. 1169). Dessa forma, podemos deduzir que o uso da perífrase com "querer", no lugar de outra marca de futuro, indica o desejo interno do agente que o impulsiona a uma ação futura (cf. Souza, 2019).

A temática que envolve os verbos volitivos, tais como "querer" ou "desejar", já vem sendo estudada na literatura linguística (cf. Costa, Souza e Vieira, 2020). Tais estudos têm destacado o desenvolvimento da noção de futuridade pelo fato de a volição estar relacionada a noções de vontade/desejo que, por sua vez, permite depreender o valor semântico de uma realização futura. Dessa maneira, a volição parece estar intrinsecamente relacionada à ideia de um fim/objetivo projetado para o futuro.

Sobre o assunto, Xavier (2011) observa que, no PB, o verbo "*querer*" pode ser utilizado como um marcador de futuridade, denotando a intenção do falante em realizar uma ação no futuro. Também Viana (2015), a partir da análise feita de variedades do português europeu (PE), indica que o verbo "*querer*" pode assumir uma função semelhante, como em "*quero ir contigo amanhã*" ou "*queremos partir antes do meio-dia*". Nesses casos, o verbo "*querer*" aparece em uma construção futurizada, indicando a intenção de realizar uma ação no futuro. Por outro lado, Cezario (2004) comenta que o verbo auxiliar é uma categoria intermediária em um contínuo que varia entre o verbo pleno e a flexão verbal. Essa perspectiva também sugere estágios intermediários nos quais os verbos volitivos e cognitivos do português podem ser classificados. Com base nessa visão, Cezario (2004, p. 52) propõe a hipótese de que "existem diferentes graus de integração sintático-semântico-pragmática entre um verbo e seu complemento".

De forma geral, esses estudos (Cezario, 2001, Baroni, 2011, Costa, Souza e Vieira, 2020) defendem a hipótese do desenvolvimento da marcação de tempo futuro via gramaticalização (Cezario, 2001, Baroni, 2011) ou via construcionalização gramatical (Costa, Souza e Vieira, 2020), assumindo o papel de um auxiliar de futuro. Segundo Costa, Souza e Vieira, p. 35), "tal verbo exerce valores gramaticais típicos de um auxiliar de futuro"². Isso pode ser observado, por exemplo, em (01), no qual temos a configuração de modal futuridade/proximativo.

(01) "*Tenho foto de ele aqui. A senhora quer ver?*"

Fonte: <http://www.redebrasilatual.com.br/blogs/blog-na-rede/2014/01/luto-maria-conceicao-ferreira-morre-sem-ver-justica-pelo-assassinato-do-filho-8344.html> Acesso em: 19/06/2023.

Em (01), o enunciado interrogativo cria a expectativa de que haja uma resposta negativa ou afirmativa por parte do destinatário, ancorado na dêixis, em que se mostraria a foto de uma pessoa. O sujeito é especificado, "a senhora", e o referente é anterior, "foto dele", que deseja se confirmar no campo dêitico³, mostrando para que a outra pessoa possa "mirar com os olhos", a fim de confirmar ou obter informações. Por não apresentar marcação morfológica temporal de futuro, a implicatura de futuridade é constituída a partir do valor de volição (cf. SOUZA, 2019), em que temos [V_{Volitivo(auxiliar)} V_{Predicador} de um estado de

² Não é nosso objetivo aqui investigar a formação da auxiliaridade, ou seja, da passagem de predicor simples a predicador complexo, conforme: [V_{Volitivo(pleno)} Predicador simples] >>> [V_{Volitivo(auxiliar)} V_{Predicador} de um estado de coisas(infinitivo)] Predicador complexo(marcação de tempo futuro), como já indicado em outros estudos (cf. COSTA, SOUZA & VIEIRA, 2020 entre outros). Nossa análise recai a partir da formação da construção complexa.

³ Discutiremos a questão do campo dêitico em nosso capítulo 02.

coisas(infinitivo)]Predicador complexo(marcação de tempo futuro)]. O sujeito da oração é um participante ativo, a quem se pergunta sobre o desejo de “ver” ou não a fotografia. Mantém-se no verbo “querer” as propriedades de auxiliar de atitude proposicional, que Ferreira (2020) definiu como coberto por projeções que determinam a perspectiva temporal da modalidade. Conservam-se também as propriedades de percepção sensorial do verbo “ver” (cf.), levando à composicionalidade da microconstrução.

No entanto, ao observarmos os estudos de Souza (2019), Xavier (2011), Viana (2015), Costa, Souza e Vieira (2020), notamos que os autores não se preocuparam em observar as propriedades léxico-gramaticais do verbo subsequente ao verbo “*querer*”. Vejamos alguns exemplos de nosso *corpus*, a seguir.

(02) “*Quem vocês acham que ela vai indicar?* ”, *questionou Patrícia. Caruso apontou para si mesmo e indagou: “Quer apostar que vai ser eu?”*

Fonte: <https://tvefamosos.uol.com.br/bbb/bbb18/noticias/redacao/2018/02/16/nao-quero-sair-daqui-com-o-rotulo-de-vilao-alega-caruso-para-ayrton.htm> Acesso em: 15/06/2023.

(03) “*A polícia também quer saber a dinâmica do que aconteceu naquela noite a partir da coleta de mais depoimentos de pessoas que estiveram no local*”.

Fonte: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/06/21/morte-de-pastor-todos-que-estavam-na-casa-sao-investigados-diz-delegada.htm> Acesso em: 15/06/2023.

(04) “*Foi o artilheiro da equipe nas Eliminatórias, mas na Rússia se tornou o primeiro centroavante do Brasil a não marcar nenhum gol em Copas do Mundo. Agora, ele quer mostrar que pode ser de novo um jogador decisivo*”.

Fonte: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/gabriel-jesus-se-ve-em-momento-de-afirmação-na-seleção-brasileira,113ccf8705ebbe02c51c4437cbd19d1ezvqfwvfj.html> Acesso em 15/06/2023.

Nos exemplos acima, o verbo “*querer*” se une a verbos de estado-de-coisas nocionais, expressando, por meio da perífrase, futuridade. Observemos que, em (02), temos uma hipótese de indicação para algo; em (03), há a expectativa de desvendar, em breve, um crime; em (04), existe a expectativa do jogador mostrar seu valor como atleta, modificando o status do presente. Em todos os casos há a perspectiva de que se concretize num futuro proximativo. Se observamos os exemplos, as ações expressas indicam o modo, bem como passam a indicar uma realidade. Além disso, ainda é possível recuperar o modo “imperativo” nesses exemplos,

o que indica um pedido, o que também auxilia na leitura de futuridade. Diferentemente destes exemplos, acima (02) a (04), percebemos que quando associado ao verbo de sentido sensorial - também denominado verbo de percepção visual passiva -, como “*ver*”, acreditamos que possa haver não só a noção de tempo futuro instituída pela perífrase instanciada por [querer + volitivo], mas também traços de epistemicidade e evidencialidade, analisável pela união dos referidos verbos.

Pensando nos possíveis desenvolvimentos do esquema [Verbo volitivo (querer) + Verbo percepção (ver)], teríamos os sentidos mais lexicais dos verbos “*querer*” e “*ver*”, que passaram pelo processo de enriquecimento funcional (cf. Cezario, 2001, 2004) e Rost (2002) e desenvolvem novos usos. Nesse contexto, entre as possíveis configurações, o verbo “*querer*” assume o papel de auxiliar de futuridade (cf. Costa, Souza e Vieira, 2020). Vejamos o enunciado em (05), que confirma essa hipótese.

(05) “*Você é um tarado (ou uma tarada, por que não?) e quer ver mulheres peladas em momento de êxtase*”.

Fonte: <http://amaequequeroser.wordpress.com/> Acesso em: 16/06/2023.

Em (05), há a predicação complexa [V_{Volitivo(auxiliar)} V_{Predicador} de um estado de coisas(infinitivo)]Predicador complexo(marcação de tempo futuro) que resulta na construção de volição em uma circunstância específica “*em momentos de êxtase*”. A construção na terceira pessoa do singular tem o sujeito marcado e animado “*você*”, entretanto, não parece referenciar o interlocutor, mas sim estabelece uma hipótese em que o sujeito a quem se reporta a enunciação se coloque neste papel para argumentar. Neste exemplo, a polaridade da predicação é afirmativa, aproximando a prototipicidade de ambos os verbos: “*querer*” e “*ver*”, tornando a construção totalmente composicional.

Na pesquisa de Costa, Souza e Vieira (2020), são apresentados valores acionados pela construção [*querer* + *Vinfinitivo*], os quais são, de certa forma, simultâneos no que tange à aspectualidade, podendo indicar volição e futuro, nas formas de proximativo, iminencial inconcluso ou concessivo representados por um *continuum* onde na extremidade do valor futuro, temos a realização propriamente dita, enquanto na outra extremidade, o valor concessivo representa a não realização. No meio desse *continuum*, encontra-se o valor iminencial inconcluso, que descreve uma ação que quase aconteceu, mas não se concretizou, e o valor proximativo, que indica um futuro próximo.

Ao avaliarmos os achados de Costa, Souza e Vieira (2020), bem como o enunciado em (05), percebemos que os valores identificados pelas autoras de futuridade são valores aspectuais, ou seja, descrevem a maneira como uma ação ou evento é concebida em termos de sua duração, conclusão ou repetição. Com isso, teríamos o caminho de desenvolvimento de tempo >>>> aspecto, que resulta na passagem de um verbo pleno (querer) para verbo auxiliar (querer), caminho este que confirma tanto o processo de gramaticalização (nos moldes do funcionalismo) ou da construcionalização gramatical (nos moldes da construcionalização gramatical). Dessa forma, teríamos a passagem de [V_{Volitivo(pleno)} Predicador simples] para [V_{Volitivo(auxiliar)} V_{Predicador de um estado de coisas(infinitivo)} Predicador complexo(marcação de tempo futuro)].

Até este ponto, destacamos que a perífrase [querer + V infinitivo] licencia a estruturação de auxiliar modal futuridade/proximativo, com diferentes valores aspectuais, que de certa forma expressam a maneira ou a atitude do falante em relação ao conteúdo da frase, bem como transmitem diferentes nuances e/ou intenções comunicativas. Além desse desenvolvimento para auxiliar futuro e de valores aspectuais identificados (cf. COSTA, SOUZA e VIEIRA, 2020), em nossa análise de dados, também encontramos usos que evidenciam o desenvolvimento de valor epistêmico, conforme os exemplos (06) a (08), a seguir,

(06) “Você **quer ver** uma coisa? Se eu pegar uma foto sua, aqui de trás, sabe? De 20 anos atrás e falar em cabelo, né?”

Fonte: <https://www.otvfoco.com.br/ana-maria-braga-debocha-de-cabelo-cacheado-e-e-acusada-de-racismo-na-globo-tem-inveja-do-cabelo-liso/> Acesso em: 19/06/2023.

(07) “O Jogo pode ser bom, mas **quer ver que** vão cobrar preço cheio de AAA?”

Fonte: <https://www.gamevicio.com/noticias/2023/06/o-publico-nao-gostou-de-prince-of-persia-the-lost-crown/> Acesso em: 16/06/2023.

(08) “O nacionalismo hindu não **quer ver** nenhuma mudança nas estruturas sociais”.

Fonte: <http://www.jornaldamadeira.com/2019/06/07/india-radicaais-hindus-destroem-casas-de-cristaos-apos-vitoria-do-partido-nacionalista-de-narendra-modi/> Acesso em: 14/06/2023.

No exemplo (06), o sujeito "você" é marcado na estrutura oracional, mas a proposição está fundamentada na epistemicidade, refletindo as crenças do locutor em relação ao que está sendo comunicado. Além disso, há uma implicação de futuridade após a construção "[V_{Volitivo(auxiliar)} V_{Predicador de um estado de coisas(infinitivo)}]", onde a ação se

desdobra subsequentemente. A pergunta inicial "você quer ver uma coisa?" é seguida por uma condição que responde a essa pergunta: "se eu pegar uma foto sua...", evidenciando a ação que será realizada em sequência. Nesse contexto, a construção "quer ver" funciona como um exemplificador, operando de forma reportativa para reforçar o argumento que será exposto posteriormente na fala. O infinitivo prejacente está alinhado com o argumento que será desenvolvido, enquanto o sujeito, sendo animado, implica na volição subjacente ao verbo "querer" presente nessa perífrase.

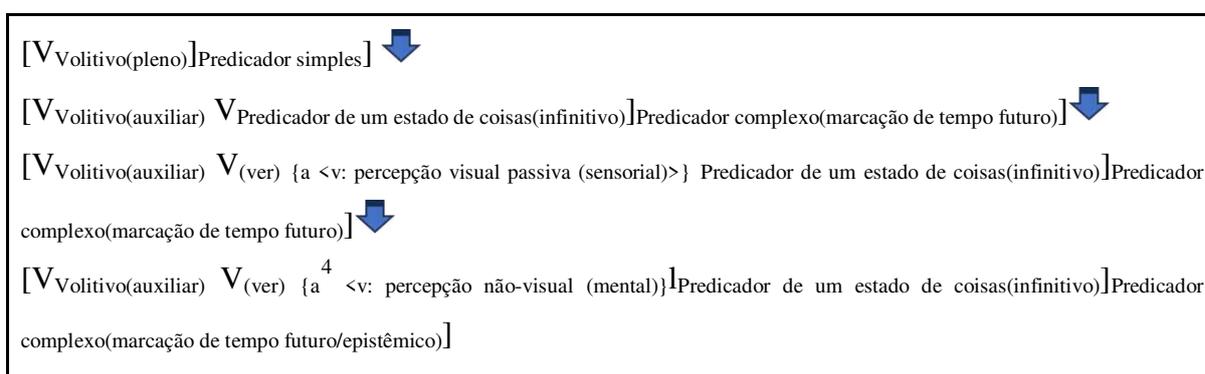
Assim, podemos observar uma gradação de significados que abrange desde a expressão de crenças epistêmicas até a projeção de futuridade, com a estrutura da frase indicando tanto a pergunta quanto a resposta subsequente de forma encadeada e sequencial. O comportamento do sujeito como animado também contribui para a interpretação da volição subjacente ao verbo "querer" na construção.

No enunciado (07), temos uma perspectiva de futuro hipotético baseado em dados que o falante possui sobre o "valor do ingresso". O sujeito é oracional e animado, o que preserva o valor de volição, mas difere essa construção das demais analisadas, pois afasta o caráter prototípico da visão, e estabelece o grau de futuridade por meio da perífrase [V_{Volitivo(auxiliar)} V_{Predicador de um estado de coisas(infinitivo)} Predicador complexo(marcação de tempo futuro)]. Isso porque, segundo Costa, Souza e Vieira (2020, p. 35), "um verbo volitivo tem, além do papel de predicador na língua, o potencial de operar gramaticalmente como (semi)auxiliar via neoanálise". O desenvolvimento da predicação para o nível maior de complexidade afeta a composicionalidade da construção, indo de [+composicional] para [-composicional]. A pessoa gramatical se mantém na terceira pessoa do singular, ligando-se a um verbo na forma de infinitivo que, para Costa, Souza e Vieira (2020, p. 35) serve "mais para perspectivar temporalmente o estado de coisas que esse verbo representa do que para acentuar intencionalidade/volição".

Já no excerto (08), o sujeito é inanimado, o objeto é abstrato, formando a perífrase de polaridade negativa sobre o "*nacionalismo hindu*" - também abstrato. O verbo "*querer*" opera como auxiliar de futuridade, servindo para perspectivar temporalmente o estado de coisas - o partido e/ou integrantes dele (nacionalismo hindu) não deseja que sejam feitas mudanças nos estratos sociais nem agora nem no futuro. As autoras Costa, Souza e Vieira (2020, p. 35) afirmam que o verbo "*querer*" "é atraído também para predicadores complexos envolvendo participantes sujeitos inanimados e, enfim, revelando menos restrições em termos de compatibilização viáveis".

Ao considerarmos os exemplos (06) a (08), é possível identificar um novo micropasso de mudança, onde, para expressar inferências, a fonte de conhecimento que é feita pela percepção do verbo “ver” (percepção visual) passe também a abarcar a percepção não-visual. Esse aspecto contribui significativamente para o desenvolvimento do valor epistêmico. Essa ideia encontra respaldo na organização hierárquica em termos de previsibilidade tipológica defendida por Haßler (2016, p. 356) - vamos discutir mais largamente esse conceito em nosso capítulo de revisão (ver capítulo 03). Esse micropasso de mudança sugere um possível caminho de mudança linguística. Procuramos representar tal mudança no quadro, a seguir. Em nossa análise, vamos aprofundar a avaliação desse valor epistêmico.

Quadro 1 - Possível caminho de mudança linguística



De maneira geral, a perspectiva atual sobre os modais sugere que eles podem expressar tanto o valor epistêmico quanto não-epistêmico (Capelle e Depraetere, 2016, depraetere, 2014), caracterizando, por conseguinte, a polissemia desses termos. Além disso, em Coates (1983), é indicado que as distinções de sentido epistêmico e não-epistêmico formam um *continuum*, ou seja, os auxiliares modais possuem diferentes significados dependentes de contextos de usos (Hilpert, 2014).

Ainda, sobre os possíveis contextos de usos de “querer + ver”, encontramos, em nosso corpus, exemplos de usos que expressam o sentido evidencial⁵, os quais passamos a exemplificar. Entre os usos possíveis, em (09) e (10), temos os valor evidencial direto, enquanto em (11) e (12), identificamos o valor evidencial indireto, os quais discutiremos a seguir.

⁴ Estamos utilizando a notação indicada em Leino e Östman (2005) e Machado Vieira e Wiedemer (2020) , onde “a” se refere ao atributo, ao qual se confere um valor (v:), ou seja, uma especificação.

⁵ Apoiados em Hattnher (2013), Hengeveld & Hattnher (2015), compreendemos evidencialidade como “categoria responsável pela indicação da fonte da informação veiculada em um enunciado” (Hattnher, 2018, p. 99).

(09) “*Quer ver algumas matérias de o" Journal? Dirija-se à guia " more ", passe os botões de navegação*”.

Fonte: <https://www.poder360.com.br/nieman/apple-news-plus-decepciona-quem-deseja-real-incentivo-ao-negocio-de-noticias/> Acesso em: 19/06/2023.

(10) “*E, como você vai ver na lista abaixo, existe mesmo uma certa magia na forma como o pessoal dos bastidores mudam as feições das estrelas e fazem com elas fiquem completamente irreconhecíveis e de uma forma muito natural ainda por cima. Quer ver? Confira 33 fotos inacreditáveis de artistas caracterizados para os filmes...*”

Fonte: <http://segredosdomundo.r7.com/33-fotos-inacreditaveis-de-artistas-caracterizados-para-os-filmes/> Acesso em: 19/06/2023.

Em (09), temos uma predicação simples utilizada pelo falante para convidá-lo a observar o jornal. O complemento do verbo modal, segundo Ferreira (2020), pode hospedar um operador de futuro que se manifesta morfologicamente no próprio verbo. Assim, como verbos no infinitivo não possuem marcas morfológicas de tempo aparente, a projeção de futuro se forma pela constituição interrogativa da construção, em que o sujeito não participa da ação, apenas chama o interlocutor, também não especificado, já que se trata de uma propaganda, e essa é uma estratégia do gênero em questão. “Quer” é o verbo principal da oração, indicando uma ação no presente, na segunda pessoa do singular, ao passo que “ver” é o verbo infinitivo que acompanha o verbo “quer”, formando uma locução verbal. O verbo “ver” ao se juntar com o verbo “querer”, este, por ser um verbo de atitude proposicional, auxiliar que marca o desejo/volição por parte do locutor ou interlocutor, apresenta certa transparência morfossemântica, cuja resposta à interrogação que propõe a visita ao site, encontra-se na próxima parte do discurso analisado. O complemento verbal, por ser concreto, “*algumas matérias de o Journal*”, contribui para que haja a correspondência conceitual, possibilitando uma leitura composicional da construção. Além disso, a marcação de tempo é elaborada através da implicatura de futuridade que se dá pelo uso do verbo de volição quando este atua como auxiliar, uma construção típica do PB, que, de acordo com Moura e Santos (2016, p. 9), toma-se o futuro como “uma previsão feita pelo falante de que a situação colocada na proposição, que se refere a um evento localizado após o momento de fala, irá se realizar”, como, por exemplo: “*quer ver algumas matérias*” implicaria em acessar o site, o campo dêitico que locutor e interlocutor compartilham com a finalidade de que se conhecesse

as matérias do jornal. O sujeito é animado “*você*”, o que aproxima o valor volitivo da perífrase.

No enunciado em (10), a [quer ver] se configura entre períodos, de forma a introduzir as evidências diretas ligadas à primeira parte da enunciação, a se concretizar na dêixis⁶ compartilhada entre locutor e interlocutor. O sujeito animado, “*você*”, compõe uma predicação interrogativa, com o lexema verbal volitivo conjugado na terceira pessoa do singular, operando como um marcador evidencial de futuro proximativo, que se concretiza em seguinte à proposição dada na construção prejacente. O valor evidencial é obtido através do verbo imperativo da oração seguinte - “*confira*”, que traça o paralelo entre o referente (bastidores dos famosos) e o referenciado (fotos do que foi falado - artistas).

Observamos que tanto em (09), quanto em (10), introduz-se a ideia de compartilhamento dêitico entre interlocutor e locutor, num dado evento temporal em comum, em que se pode atestar a veracidade dos fatos via testemunho perceptivo, em que a percepção sensorial é ativada, em ambos os casos, por meio da visão, para que se comprove o argumento/fato expresso anteriormente. Assim, a percepção de evento, que opera na camada do estado-de-coisas no nível representacional, indica se um evento foi (será ou está sendo) ou não testemunhado pelo falante (cf. Hengeveld e Hattner, 2015). Com isso, a experiência sensorial direta instância a evidencialidade direta em diferentes graus (cf. Givón, 2001), o que se percebe na oração que procede à construção analisada tanto em (09) em que se apresentam as matérias do jornal, quanto em (10), quando se mostra as fotos dos artistas dos quais se fala no enunciado prejacente. Dessa forma, “*quer ver*” operaria, portanto, como uma forma de conectar argumentos de forma a expor os aspectos da evidencialidade como reforço da predicação anterior.

Vejam, agora, os usos com valor evidencial reportativo indireto:

- (11) “...os próprios céticos foi quem baixaram a guarda e começou de maneira baixa, não estão protegidos por falta de idoneidade e humanidade, **quer ver?** Repare...”

Fonte: <https://www.ceticismoaberto.com/ufologia/900/ventilador-transformista-os-cabelos-que-diferena>

Acesso em: 14/06/2023.

⁶ Vamos aprofundar a discussão do papel da atuação da dêixis em nosso capítulo de análise.

- (12) “*Você come o que gosta e sem restrição, desde que não exploda os pontos. Quer ver? Se eu comer dois pastéis de queijo e uma fatia de bolo de chocolate, eu terei que viver de ar até o dia seguinte (cruel essa vida de dieta!!)*”

Fonte: <http://vejasp.abril.com.br/blogs/emagrecer/2015/04/22/aplicativos-dieta-melhores/> Acesso em: 19/06/2023.

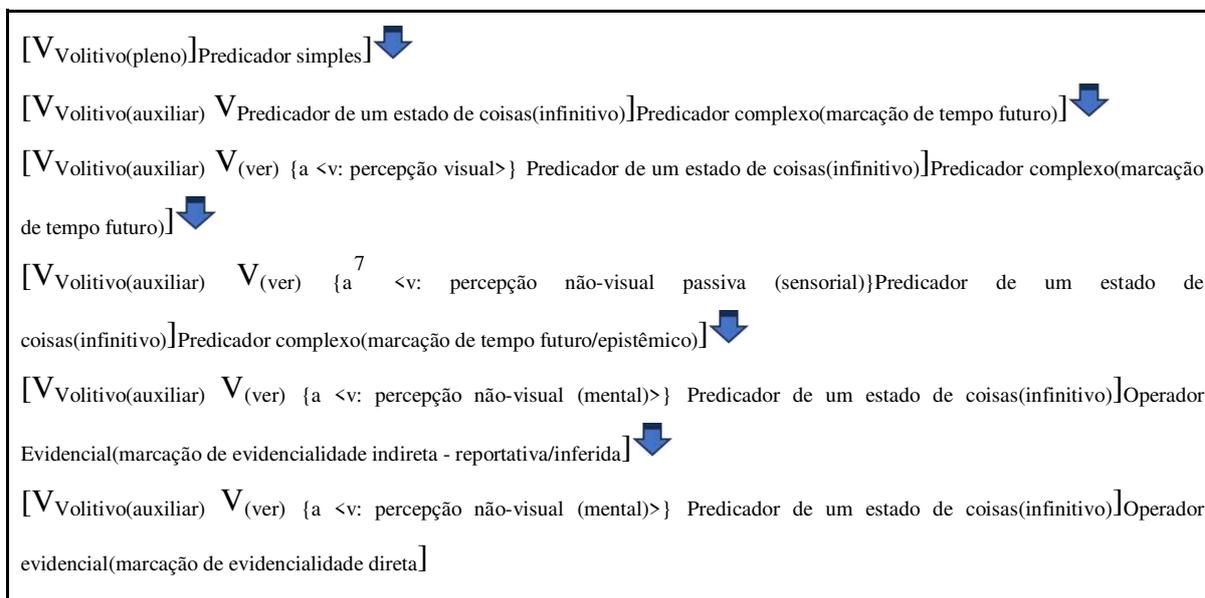
Em (11), podemos observar que a construção “quer ver” é posicionada ao final do enunciado modificando a função, que, neste caso, vem após o argumento, na tentativa do emissor da mensagem em ratificar a argumentação proposta por um verbo “imperativo”, colocado logo após a construção (“repare”). Essa estratégia tem como finalidade operar como verdade, apelando para o interlocutor se colocar como parte do proposto. O sujeito não é marcado, mas atua na ação por meio do verbo posterior. Em outras palavras, o prejacente infinitivo está ancorado no verbo imperativo. A implicação do futuro ainda é construída pelo operador de futuridade, o verbo volitivo “quer”, na terceira pessoa do singular, junto ao verbo de percepção “ver”, no infinitivo, formando uma interrogativa, cuja resposta se dá por meio das evidências dadas anteriormente e acionadas pelo locutor com o objetivo de ser confirmada pelo acordo com o leitor/interlocutor. Contudo, não é um acordo explícito, mas sim induzido pela noção de verdade que se constrói com a estrutura: [argumentação + interlocução + participação ativa]. A transparência, entretanto, deixa de ser atestada, uma vez que se perder traços mais lexicais do verbo “ver”, que não tem mais a noção de “fitar com os olhos”, mas sim de atestar algo baseado em evidências reportativas, traçando um paralelo entre o que se fala e uma ação do falante (a ação de reparar).

Já em (12), a polaridade interrogativa entre os períodos parece atuar como uma espécie de operador evidencial, uma vez que o locutor elabora um argumento, que será projetado no argumento procedente à construção, marcando a fonte da informação contida na enunciação (a dêixis é o próprio falante). Da primeira asserção emerge a modalidade epistêmica, quando o enunciador afirma: “*Você come o que gosta e sem restrição, desde que não exploda os pontos*”, expondo suas convicções sobre o assunto, e a *posteriori*, comprovando por meio de um argumento evidencial. Isso mostra que há uma intersecção entre valores epistêmicos e evidências, que colaboram para a construção da argumentação, em que o sujeito traça uma premissa e, ao envolver o interlocutor na trama por meio da construção “quer ver”, comprova, no futuro que se consolida logo em seguida, a asserção estabelecida inicialmente. O sujeito animado “você”, é conjugado na terceira pessoa do singular, o verbo “querer” encontra-se no presente do indicativo, ao passo que o verbo “ver”

está no infinitivo. Observa-se ainda que a marcação de futuro instanciada pelo verbo volitivo “querer” marca a defluência do tempo das enunciações, de um futuro proximativo, concretizado na enunciação que se segue, em que o desejo de mostrar algo é realizado imediatamente.

Resumimos, a seguir, no quadro (02), esse possível caminho da mudança linguística.

Quadro 2 - Possível caminho de mudança linguística do valor de futuridade à evidencialidade



Fonte: a autora.

Se observarmos os estudos que revisamos, bem como os exemplos até aqui elencados, podemos aludir o seguinte caminho de mudança linguística, conforme disposto no quadro (02), acima, e que comentamos, a seguir. O verbo volitivo “querer”, na passagem de verbo pleno a verbo auxiliar, no esquema [Verbo_{volitivo (querer)} + Verbo_{percepção (ver)}] assumiu valores de auxiliar modal e passa a atuar na marcação de tempo futuro/futuridade V_{Volitivo(auxiliar)} V_{Predicador de um estado de coisas(infinitivo)}]Predicador complexo(marcação de tempo futuro)], conforme já atestado pelas pesquisas de Souza (2019), Xavier (2011) e Viana (2015). Ao assumir esse papel e se correlacionar com o verbo de percepção “ver”, passa a desempenhar o papel de futuridade com base na percepção visual, ou seja, na percepção do evento e assume diferentes papéis aspectuais (volitivo, futuro, proximativo, iminicial inconcluso e concessivo), conforme estudos de Costa, Souza e Vieira (2020).

Numa próxima etapa de desenvolvimento, acreditamos que ocorra a mudança da percepção visual passiva para percepção não-visual passiva, ou seja, não se trata apenas de

⁷ Estamos utilizando a notação indicada em Leino e Östman (2005) e Machado Vieira e Wiedemer (2020), onde “a” se refere ao atributo, ao qual se confere um valor (v:), ou seja, uma especificação.

uma evidência física, mas também abstrata, gerando usos epistêmicos. [$V_{\text{Volitivo(auxiliar)}} V_{\text{(ver)}}$ {a <v: percepção não-visual>Predicador de um estado de coisas(infinitivo)}Predicador complexo(marcação de tempo futuro/epistêmico)], conforme os exemplos (06) a (08).

O campo dêitico traça, por sua vez, uma relação entre o locutor/interlocutor e o compartilhamento do espaço no ato de fala. Isso determina a fonte da informação por meio da lexicalidade, denominada evidencialidade, a qual toma alguns itens do léxico, como verbos sensoriais, por exemplo, para evidenciar se o fato/evento/ação foi observado de forma direta, observada/vivenciada por aquele que enuncia, ou de forma indireta, inferida, deduzida ou reportada. Na sequência de desenvolvimentos, via neoanálises, encontramos, ainda, o desenvolvimento do valor evidencial direto (exemplos 09 e 10) e evidencial indireto (exemplos 11 e 12).

Diante desse quadro, a **hipótese de investigação** desta pesquisa é que, a mudança de percepção visual para a percepção não-visual promoveu a emergência de novos usos para a construção [quer+ver], licenciando os usos epistêmico e evidencial, além do valor de futuro/futuridade. Essa proposição encontra suporte no modelo de mudança tipológica proposto por Haßler (2016), que prevê uma organização hierárquica em termos de previsibilidade para a categoria de evidencialidade. Adicionalmente, essa hipótese se alinha os estudos que exploram as categorias de Tempo, Aspecto, Modalidade e Evidencialidade (cf. Hengeveld e Mackenzie, 2008).

Assim, o **objetivo de pesquisa** é analisar, sob a perspectiva construcionista da gramática, os contextos de usos da predicação complexa [$V_{\text{Volitivo(auxiliar)}} V_{\text{Percepção(ver)}}$ Predicador de um estado de coisas(infinitivo)]Predicador complexo] e verificar que, no PB, além dos usos de valor de futuro/futuridade, encontramos também os usos de valor epistêmico e evidencial. Dessa forma, esperamos demonstrar o desenvolvimento de uma escala de construcionalização gramatical para o fenômeno aqui em tela.

Para tanto, nossos **objetivos específicos** são:

- (i) descrever e analisar as propriedades formais e funcionais que envolvem a construção de predicação complexa [$V_{\text{Volitivo(auxiliar)}} V_{\text{Percepção (ver)}}$ Predicador de um estado de coisas(infinitivo)]Predicador complexo], a partir de dados extraídos da amostra *Now*, do corpus do Português;
- (ii) analisar, no PB, os micropassos, tomados como etapas de neoanálises, que derivam na mudança construcional e/ou construcionalização gramatical do esquema construcional mais amplo;
- (iii) investigar o perfilamento ou não da base do significado de futuridade, epistemicidade e evidencialidade em dados sincrônicos do PB;

(iv) Relacionar os achados descritivos com as propriedades de ordem cognitiva e discursivo-pragmática, bem como as propriedades formais.

Para dar conta desses objetivos e testar nossa hipótese, esta pesquisa se baseia em dados extraídos do Corpus do Português *Now*, um conjunto abrangente de textos disponíveis no seguinte endereço eletrônico: <https://www.corpusdoportugues.org/>. Esse corpus engloba materiais datados do período de 2012 a 2019. Como metodologia, utilizamos a análise quali-quantitativa, em que procuramos explorar as propriedades formais e funcionais da construção.

Esta pesquisa tem como base o aparato teórico-metodológico da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) (Croft, 2001, Diessel, 2015, 2019, Perek, 2015 entre outros) cuja abordagem destaca a importância do uso da linguagem na aquisição e estruturação do conhecimento linguístico. A abordagem da GCBU analisa as construções gramaticais como unidades autônomas, investigando sua forma, função e se apoia nos usos em contextos linguísticos autênticos. Além disso, enfatiza a relação entre a gramática e o uso da linguagem, buscando entender como as construções se desenvolvem a partir de padrões recorrentes de uso e como elas influenciam a comunicação efetiva. A GCBU apresenta o conhecimento linguístico como uma rede de unidades simbólicas interconectadas, que são constantemente influenciadas pela experiência do falante e construída por processos cognitivos gerais, admitindo representações redundantes em diferentes níveis, reforçando o compromisso com a realidade psicológica.

A presente dissertação está dividida em quatro capítulos, a saber. No capítulo I, é abordada a dinamicidade da língua, por meio da teoria da Gramática de Construções Baseada no Uso, desenvolvida pelo subitem 1.1, em que os conceitos basilares são discutidos em 1.1.1, as propriedades da construção são debatidos em 1.1.2, a esquematicidade em 1.1.2.1, a produtividade em 1.1.2.2 e a composicionalidade em 1.1.3. O capítulo II é composto pela revisão dos teóricos que investigam conceitos importantes a este trabalho, divididos em 2.1 percepção (verbos de percepção), 2.2 volição e futuridade, 2.3 construções com o verbo “querer” à luz dos critérios estabelecidos por Capelle e Depraetere (2016), além da modalidade epistêmica, que se encontra na subseção 2.4, junto à evidencialidade. O terceiro capítulo aborda a metodologia da pesquisa, detalhando a abordagem quali-quantitativa, destacando a influência do pesquisador e a congruência de métodos. O corpus, proveniente do Português *Now* entre 2016-2019, é discutido na composição do corpus 3.2. Nas etapas metodológicas 3.3, a pesquisa integra aspectos qualitativos e quantitativos em diferentes fases para uma abordagem holística. Os critérios de análise 3.4 são estabelecidos para controlar variáveis como polaridade e configuração verbal. A coleta 3.5 explora as propriedades

formais e funcionais da construção de predicação complexa em diversos contextos linguísticos. O quarto capítulo inicia-se com uma análise da frequência de ocorrência 4.1 entre 2012 e 2018. A polaridade da predicação é examinada na seção 4.2, considerando diferentes contextos. A configuração da predicação verbal é explorada na seção 4.3, abordando orações subordinadas e conjunções. As seções seguintes (4.4 a 4.5) aprofundam a análise, investigando o papel do sujeito e os perfilamentos de futuridade, epistemicidade e evidencialidade na construção "[quer ver]".

1 A DINAMICIDADE DO SISTEMA LINGUÍSTICO EM FOCO

“Construções de cima a baixo”.
(Goldberg, 2006, p. 18)⁸

Quer ver como a língua é dinâmica? Neste capítulo, abordaremos a concepção teórico-metodológica da Gramática de Construções Baseada no Uso (1.1), apresentando-a a partir dos principais conceitos basilares (1.1.1) nos quais se apoia, traçando um paralelo entre a construção analisada e o aparato metodológico no qual a pesquisa se ancora, evidenciando as propriedades da construção (1.1.2) relevantes a este trabalho, dentre os quais selecionamos conceitos caros à GCBU, como esquematicidade (1.1.2.1), produtividade (1.1.2.2) e composicionalidade (1.1.2.3). Por fim, revisamos a visão de mudança linguística a partir da abordagem construcionista (1.2).

1.1 A Gramática de Construções Baseada no Uso

A Gramática de Construções (GC) é uma teoria linguística desenvolvida a partir da década de 80 e, segundo Tomasello (2003, p. 27), essa abordagem considera que “construções são as unidades básicas da gramática e são adquiridas como um todo pelo falante nativo”. Nesse sentido, as construções não são apenas sequências de palavras isoladas, mas sim unidades maiores que possuem um significado próprio e que são usadas de forma recorrente pelos falantes.

Para Goldberg (2006) e Langacker (2008), em um modelo considerado construcionista, a gramática de uma língua é concebida a partir de pareamentos de forma-significado, ou construções, cuja organização se dá em rede. Esse conhecimento linguístico deve ser representado como um inventário de esquemas declarativos.

Neste sentido, as construções são convencionais porquanto são compartilhadas por um grupo de falantes, e são simbólicas na medida em que são signos, e, portanto, associações de forma e significado. São também consideradas unidades por seu aspecto idiossincrático ou

⁸ Cf. original: “*it's constructions all the way down*”.

frequente que, por tais motivos, o signo se fixa como pareamento entre forma e significado na mente do falante (Traugott e Trousdale, 2021, p. 25).

Apesar de existirem diferentes abordagens construcionais da língua, alguns pontos importantes são convergentes, como traça Traugott e Trousdale (2021, p. 28):

(a) a unidade básica da gramática é a construção, um pareamento convencional de forma e significado (cf., p. ex., LAKOFF, 1987; FILLMORE; KAY E O'CONNOR, 1988; GOLDBERG, 1995; 2006).

(b) a estrutura semântica é mapeada diretamente na estrutura sintática superficial, sem derivações (cf. GOLDBERG, 2002; CULICOVER E JACKENDOFF, 2005).

(c) A língua, como outros sistemas cognitivos, é uma rede de nós e elos entre os nós; as associações entre alguns desses nós tomam forma de hierarquias de herança (relações taxonômicas que capturam o grau em que propriedades de construções de nível mais baixo são previsíveis a partir de construções mais gerais. Cf., p. ex., LANGACKER, 1987; HUDSON 1990; 2007a).

(d) A variação translinguística (e dialetal) pode ser explicada de vários modos, incluindo processos cognitivos de domínio geral (cf., p. ex., BYBEE, 2010; GOLDBERG, 2013) e construções específicas da língua (cf., p. ex., CROFT, 2001; HASPELMATH, 2008).

(e) A estrutura da língua é moldada pelo uso da língua (cf., p. ex., BARLOW E KEMMER, 2000; BYBEE, 2010).

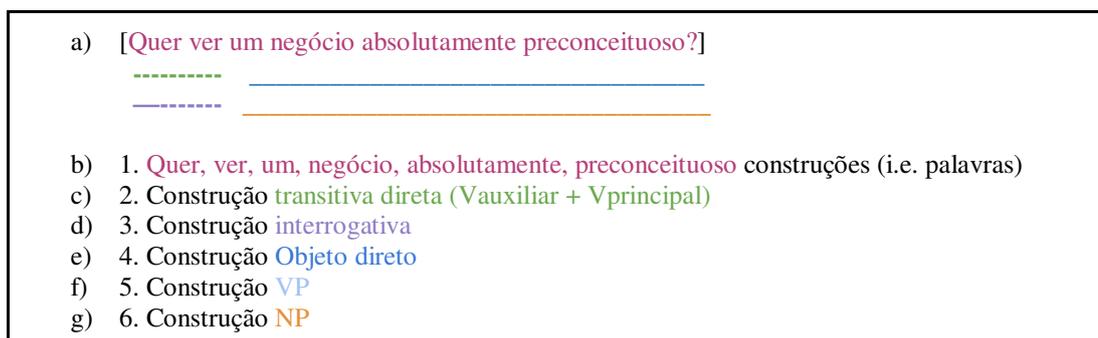
Uma das principais contribuições da GC é o reconhecimento de que muitas construções são multimembros, ou seja, possuem mais de um elemento que contribui para o seu significado. Sobre isso, Goldberg (2003, p. 221) comenta que “Construções podem ser combinadas livremente para formar expressões reais, desde que elas não estejam em conflito”⁹. Dessa forma, um mesmo enunciado pode conter diferentes construções. Vejamos um exemplo:

(13) *“Quer ver um negócio absolutamente preconceituoso?”*

Fonte: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2018/08/23/gravacao-de-aula-com-supostas-declaracoes-discriminatorias-cai-na-web-e-gera-polemica-em-universidade.ghtml> Acesso em 29/06/2023.

⁹ Cf. original: "constructions can be combined freely to form actual expressions as long as they are not in conflict".

Figura 1 - Combinação de construções de um enunciado (baseado em Goldberg, 2003)



Alguns críticos da GC argumentam que essa teoria é demasiadamente descritiva e não oferece uma explicação para a origem dos padrões linguísticos. No entanto, como aponta Croft (2001), essa crítica é infundada, já que a GC propõe uma explicação para a origem dos padrões: eles emergem a partir do uso recorrente de certas construções pelos falantes.

1.1.1 Conceitos basilares

Um conceito fundamental na GC é a noção de “construção”. Sobre isso, Goldberg (1995, p. 4) propõe o seguinte:

C é uma CONSTRUÇÃO se C for um pareamento de forma-significado de modo que algum aspecto de F_i ou algum aspecto de S_i não seja estritamente previsível a partir das partes componentes de C ou de outras construções previamente estabelecidas.¹⁰

Assim, nesta visão de Goldberg (1995), as construções são consideradas unidades de forma que carregam significado, ao contrário da visão gerativista, baseada em regras estruturais desprovidas de sentido. Assim, as construções não são apenas sequências de palavras independentes, mas sim unidades significativas e funcionais. Ou seja, a forma de uma construção está intimamente ligada à sua função.

Ainda, segundo Goldberg (2003, p. 219), as "Construções são emparelhamentos armazenados de forma e função, incluindo morfemas, palavras, expressões idiomáticas,

¹⁰ Cf. original: “C is a construction iff_{def} C is a form-meaning pair $\langle F_i, S_i \rangle$ such that some aspect of F_i or some aspect of S_i is not strictly predictable from C's component parts or from other previously established constructions”.

padrões linguísticos parcialmente preenchidos lexicalmente e padrões linguísticos completamente gerais."¹¹. Com isso, a forma das construções é determinada pelas propriedades recorrentes dos elementos que as compõem, como sequência de palavras, ordem dos constituintes, flexão e concordância, entre outros fatores.

Neste sentido, para Goldberg (1995, p. 6), “significado” passa a ser entendido em seu sentido amplo, compreendendo léxico, semântica, aspectos pragmáticos, discursivos-funcionais e sociais, enquanto “forma”, os aspectos fonológicos e as informações sintáticas e morfológicas. Uma importante contribuição de Goldberg (1995) é a não previsibilidade da construção, ou seja, subpartes e outras construções parcialmente semelhantes são reconhecidas como uma construção com direito próprio. Disto isto, a não previsibilidade para a autora está relacionada às noções de idiomaticidade e não composicionalidade.

Um termo recorrente na gramática construcional é a metáfora “rede de construção”. Uma rede é um conjunto de construções relacionadas que possuem elementos em comum e se influenciam mutuamente. Ela representa a interconexão entre as construções e como elas se relacionam e se organizam na gramática. Essa interconexão é identificada através de padrões recorrentes no uso da língua pelos falantes nativos. Diferentes construções dentro de uma rede podem compartilhar elementos, como palavras ou expressões, mas também podem ter características ou funções específicas que as distinguem. Esses elementos comuns e distintivos ajudam a estabelecer uma relação entre as construções, formando assim uma rede.

As redes na GCBU são organizadas de acordo com padrões e regularidades encontradas no uso da língua. Essas regularidades são identificadas através da análise de dados linguísticos reais, como corpora, que fornecem exemplos autênticos do uso da língua pelos falantes nativos.

Uma rede pode ser representada visualmente através de diagramas que destacam as conexões entre as construções. Esses diagramas mostram as relações entre as construções de forma clara e visualmente intuitiva, permitindo uma melhor compreensão da gramática construcional.

O *constructicon*, isto é, um cômputo entre as palavras “*construction e lexicon*”, um inventário estruturado em rede, conceito grato à Linguística Cognitiva, porquanto compreende que a língua emana de processos de cognitivos de domínio geral, como a categorização, relacionar e operar em níveis globais ou locais (Bybee, 2010), o que vai ao encontro da ideia de que a língua “é uma rede de nós ligados por elos e as associações entre alguns desses nós

¹¹ Cf. original: “Constructions are stored pairings of form and function, including morphemes, words, idioms, partially lexically filled and fully general linguistic pattern”.

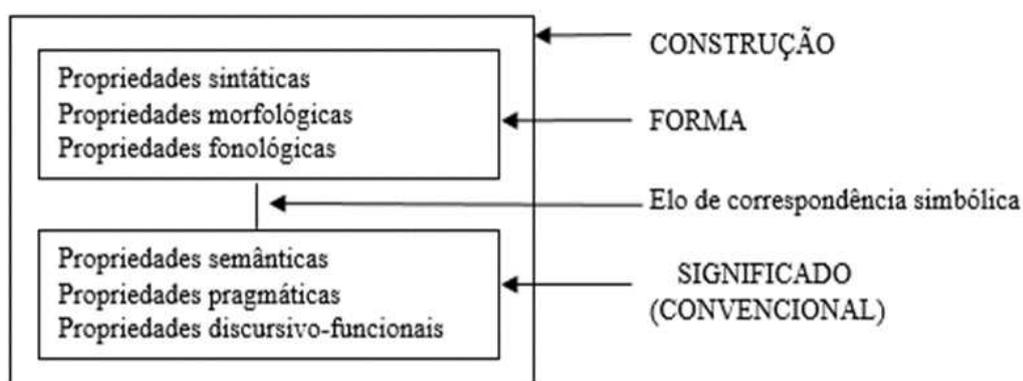
tomam a forma de hierarquias de herança” (Langacker, 1987), já que se propõe um sistema de entidades interconectadas, ou seja, uma rede de construções que compõe o conhecimento linguístico do falante.

Traugott e Trousdale (2013) identificam vários fatores cruciais para a noção de uma rede, como nós e conexões entre eles, a distância entre membros de uma família, conjuntos de propriedades, graus de fixação entre forma e conteúdo e a acessibilidade de uma construção. Essa rede é dinâmica, no sentido de que novas conexões e “nós” estão constantemente sendo estabelecidos. Assim, a língua como um todo é uma rede, contrastando com a visão mais tradicional de língua como uma gramática e um léxico.

Com isso, existem dois princípios básicos que sustentam a GC: (a) o pareamento de estrutura complexa e significado; e (b) associação de tais pares (construções) em uma rede.

Dentro da perspectiva construcionista, além das dimensões do sentido e da forma na pesquisa dos usos linguísticos, a dimensão contextual não deve ser desprezada, pois ela deve dar conta da correlação entre o nível da forma e o nível do sentido. Acerca disso, Bergs e Diewald (2006), apontam que a abordagem construcionista da gramática assume que a língua consiste numa “unidade simbólica convencional” de pares de forma e sentido, e que essa relação pode ser tratada, com base na estrutura simbólica proposta por Croft (2001) e Croft e Cruse (2004, p. 258), conforme disposto na Figura (02).

Figura 2 - Propriedades de forma e sentido da construção



Fonte: Croft, 2001, p. 18

Traugott e Trousdale (2021) estabelecem, a partir de Croft (2001) e Goldberg (1995), a definição da construção como um “pareamento forma-significado”. Esse pareamento pode ser pensado em termos de várias dimensões, todas elas gradientes. Entre elas estão tamanho, grau de especificidade fonológica e tipo de conceito”.

O tamanho da construção pode ser considerada atômica, complexa e intermediária. Este tipo construcional é monomorfêmica, como os exemplos dados por Traugott & Trousdale (2021) “*red/vermelho, data/dados, -un/in-, -dom/-dade, if/se, -s/-s*”. Já as construções complexas são aquelas constituídas por *chunks* que podem ser analisados, como os exemplos dos autores supracitados: *pull strings/ mexer os pauzinhos* ou *on top of/ em cima de*. As intermediárias estão situadas entre as atômicas e complexas, incluindo expressões como *bonfire/ fogueira* - parcialmente analisáveis uma vez que *fire/fogo* é reconhecível, ao passo que *bon* não é (Traugott; Trousdale, 2021, p. 41).

A dimensão que se refere à especificidade fonológica compreende uma construção como substantiva, esquemática e intermediária. A construção considerada substantiva é “fonologicamente totalmente especificada”, a partir do exemplos dos autores Traugott e Trousdale (2021), podemos perceber que *red/ vermelho, dropout/ abandono, -s/ -s* ou *may/ poder*. As construções completamente esquemáticas são abstrações como SVO (sujeito-verbo-objeto). Os parciais possuem parte substantiva e parte esquemática, o que significa dizer que parte dela é preenchida - especificada, e parte é aberta, como V-ment/ V-mento (palavras formadas como *enjoy-ment/diverti-mento*) (Traugott; Trousdale, 2021, p. 41).

O tipo de conceito considera o fato de uma construção poder ser de conteúdo (lexical) ou procedural (gramatical): “Material de “conteúdo” pode ser usado preferencialmente; na dimensão formal, associa-se às categorias esquemáticas N, V e ADJ. Material “procedural” tem significado abstrato que sinaliza relações linguísticas, perspectivas e orientações dêiticas” (Traugott; Trousdale, 2021, p. 42).

Quadro 3 - Dimensões das construções (Fonte: Traugott; Trousdale, 2021, p. 44)

Tamanho	Atômica <i>red, -s</i>	Complexa <i>pull strings, on top of</i>	Intermediária <i>bonfire</i>
Especificidade	Substantiva <i>dropout, -dom</i>	Esquemática <i>N, ISA</i>	Intermediária <i>V-ment</i>
Conceito	Lexical <i>red, N</i>	Procedural <i>-s, ISA</i>	Intermediária <i>construção com way</i>

Em relação ao quadro acima, citado por Traugott e Trousdale (2021, p. 44), as construções “Quer ver X” estariam distribuídas no tamanho como intermediária, já que não é monomorfêmica, como as atômicas, ou chunks analisáveis, como as complexas. Em relação à especificidade, se encaixaria como intermediária, já que parte dela é especificada “quer ver”, e o restante (0, CI, OD, OSSOD) pode ser preenchido com diversas possibilidades.

Conceitualmente também seria intermediária, já que não é lexical somente, tampouco totalmente gramatical, como as procedurais.

1.1.2 Propriedades da construção

1.1.2.1 Esquematicidade

A esquematicidade é um conceito importante na teoria da GCBU, que se refere à capacidade dos falantes de reconhecerem padrões estruturais e semânticos em construções linguísticas que se repetem ao longo do tempo e que se tornam convencionais. Segundo Fillmore (1982), a esquematicidade é "a capacidade de entender a linguagem em termos de esquemas cognitivos, que permitem generalizações semânticas e estruturais sobre várias expressões gramaticais" (p. 233).

Esses esquemas são moldados pelo uso frequente de construções específicas e pela interação entre as construções e os contextos em que elas ocorrem. Como explica Goldberg (2006), "os esquemas não são abstrações de propriedades compartilhadas entre as construções, mas sim construções cujos elementos são selecionados para apresentar o que parece ser uma estrutura simples e uniforme para o falante" (p. 48).

Para Traugott e Trousdale (2021), esquemas são grupos de construções abstratas, tanto procedurais quanto de conteúdo, que são semanticamente genéricos. Essas abstrações perpassam conjuntos de construções que são relacionadas na rede construcional, e são percebidas inconscientemente pelos usuários da língua. A esquematicidade de uma construção está relacionada com o grau em que ela captura padrões gerais em uma série de construções específicas (LANGAKER, 2009). Esquemas e subesquemas são as subpartes do sistema linguístico que o linguista usa para analisá-lo e discuti-lo, mas não devem ser vistos como representações mentais. Subesquemas e microconstruções instanciam esquemas linguísticos e esquemas auxiliares, respectivamente. Traugott e Trousdale (p.45) exemplificam com a seguinte passagem:

“móvel” é mais abstrato e inclusivo que o de cadeira, que, por sua vez, é mais abstrato que o conceito de poltrona; “nome” é mais abstrato do que “nome contável”

Alternativamente, começando com o específico, um “pastor alemão” é um “cão” e um “cão” é um “mamífero”; um “verbo intransitivo” é um “verbo”, etc.

Enquanto uma construção pode consistir inteiramente de posições esquemáticas abstratas, como a forma componente do esquema bitransitivo [S V OBJ, OBJ²], ela pode também ser parcialmente esquemática, contendo uma construção substantiva, como a construção com way ([S¹[V POSS¹ way] DIR]) (Tuggy, 2007; Barddal, 2008).

Esquemas linguísticos são grupos abstratos, semanticamente gerais, de construções, quer procedurais, quer de conteúdo, conforme discutido na subseção precedente. São abstrações que perpassam conjuntos de construções que são (inconscientemente) percebidas pelos usuários da língua como sendo estritamente relacionadas na rede construcional. Graus de esquematicidade pertencem a níveis de generalidade ou especificidade e o grau em que as partes da rede são ricas em detalhe (Langacker, 2009). Por exemplo, começando pela generalização o conceito “móvel” é mais abstrato e inclusivo que o de cadeira, que, por sua vez, é mais abstrato que o conceito de poltrona; “nome” é mais abstrato do que “nome contável” alternativamente, começando com o específico, um “pastor alemão” é um “cão” e um “cão” é um “mamífero”; um “verbo intransitivo” é um “verbo”, etc. Esquemas linguísticos são instanciados por subesquemas e, nos níveis mais baixos, por microconstruções, tipos específicos de esquemas mais abstratos.

Em outras palavras, os esquemas são construções mentais que os falantes usam para simplificar a compreensão de um grande número de construções similares, reduzindo a sua complexidade semântica e sintática. Por exemplo, a expressão "comer sorvete" pode ser vista como uma instância de um esquema mais geral de construção VERBO + OBJETO ALIMENTO, que também inclui outras expressões como "beber café", "comer pizza", "beber cerveja", etc.

Podemos conceituar o esquema como um molde ou plano geral que descreve uma construção linguística específica. Um esquema representa uma estrutura ampla e flexível que pode ser preenchida por várias palavras ou unidades menores, dependendo do contexto. Por exemplo, o esquema para a construção de frases afirmativas em inglês pode ser representado por: [Sujeito + Verbo + Complemento]. Esse esquema fornece uma estrutura básica que pode ser preenchida por diferentes vocábulos ou grupos de palavras para formar frases completas. Assim, os esquemas são flexíveis o suficiente para permitir variações e estão sujeitos a mudança ao longo do tempo.

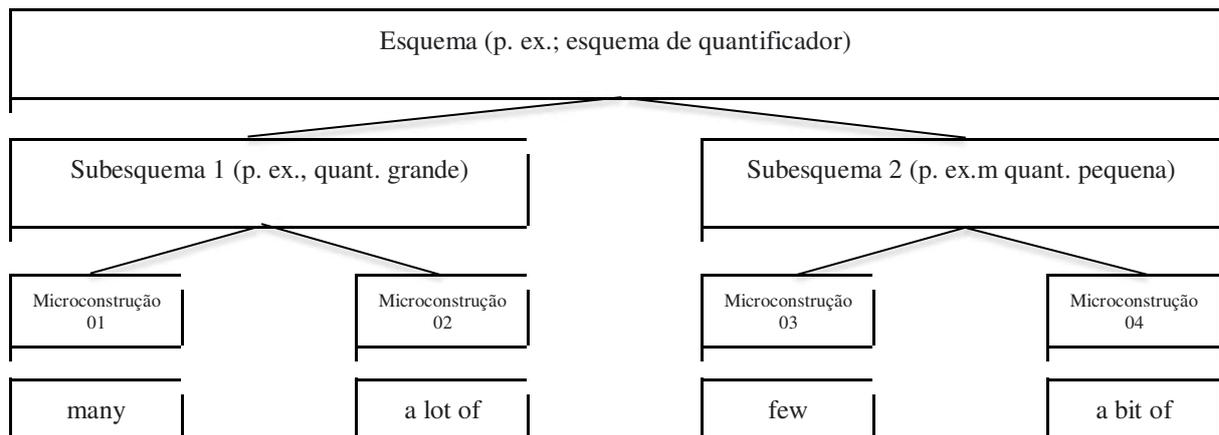
Já o conceito de subesquema é uma versão mais específica de um esquema que descreve uma construção linguística particular dentro de um domínio mais amplo. A estrutura

assemelha-se a de esquema , mas contém mais detalhes e restrições sobre como a construção deve ser preenchida. Por exemplo, dentro do esquema geral de frase afirmativa em inglês, podemos ter subesquemas específicos para frases com verbos transitivos ("Sujeito + Verbo Transitivo + Objeto") ou frases com verbos intransitivos ("Sujeito + Verbo Intransitivo"). Esses subesquemas capturam padrões recorrentes de uso mais específicos e nos permitem entender melhor as construções dentro de um domínio particular.

Uma microconstrução é a menor unidade gramatical dentro de uma construção, que pode ser considerada um bloco fundamental do uso linguístico. Ela descreve a relação entre duas ou mais palavras adjacentes e é caracterizada por uma sintaxe específica. Por exemplo, a preposição "de" seguida por um substantivo em português pode formar uma microconstrução como "preocupado de saúde". Essa microconstrução em particular tem um significado específico e ocorre com frequência na língua portuguesa.

Ao analisar a linguagem a partir da GCBU, podemos entender como os esquemas, subesquemas e microconstruções interagem para formar a estrutura da linguagem. Essa abordagem nos permite capturar as complexidades e sutilezas da linguagem natural, levando em consideração os padrões recorrentes de uso encontrados no discurso dos falantes.

Figura 3 - Gradiente de relações hierárquicas entre construções



Fonte: Traugott; Trousdale , 2021, p.50

Segundo este modelo teórico, as construções são relativamente estáveis, convencionais e estruturadas, e têm uma base cognitiva que é formada a partir de padrões frequentes e de uso comum no discurso. Assim, a esquematicidade ocorre quando várias construções gramaticais expressam significados semânticos semelhantes e possuem formas e estruturas sintáticas similares.

A esquematicidade é importante para a teoria supracitada porque demonstra como as construções gramaticais são moldadas pelo uso e pelas interações contextuais. Como afirma Croft (2001), "a construção é uma unidade funcional que interage com outras unidades funcionais, gerando estruturas mais complexas e altamente esquematizadas" (p. 39).

1.1.2.2 Produtividade

A produtividade é um outro conceito crucial na teoria da GCBU, uma vez que concebe a língua como um sistema dinâmico de estruturas emergentes que surgem do uso dos falantes (Croft, 2001, Tomasello, 2003).

A produtividade pode ser definida como a propriedade de uma estrutura linguística gerar novas expressões a partir dos elementos já existentes em seu repertório sintático-semântico (Goldberg, 1995; Bybee, 2010). Segundo Goldberg (1995), uma construção é considerada produtiva quando é capaz de generalizar suas propriedades sintáticas e semânticas além de suas ocorrências usuais, permitindo a criação de novas expressões a partir de sua estrutura básica.

Traugott e Trousdale (2021, p. 50) afirmam que a produtividade de uma construção é gradiente, "pertence a esquemas (parciais) e diz respeito a (i) sua extensibilidade (Bardall, 2008), o grau em que eles sancionam outras construções menos esquemáticas, e (ii) o grau em que são restringidos (BOAS, 2008)". A maioria dos trabalhos acerca da produtividade estariam ligados à frequência, as quais são cindidas entre frequência de type/ tipo (o número de expressões que um mesmo padrão pode ter) e frequência de token/ ocorrência (número de vezes que uma mesma unidade ocorre).

A construção "quer ver" é uma construção altamente produtiva em português, pois, conforme veremos em nossa análise, apresenta extensibilidade de uso, bem como frequência produtiva

De acordo com a GCBU, a produtividade de uma construção é baseada em sua frequência de uso e em sua capacidade de combinação com outros elementos linguísticos. Além disso, a produtividade também está intimamente relacionada à percepção dos falantes sobre sua relevância para a comunicação. Conforme afirma Tomasello (2003), a produtividade das construções está diretamente relacionada com sua utilidade e com a eficiência comunicativa que elas oferecem aos falantes. Por esse motivo, construções

altamente produtivas são frequentemente associadas a contextos comunicativos estruturados e frequentes, refletindo a importância da pragmática na compreensão da gramática de construções.

1.1.2.3 Composicionalidade

A composicionalidade tem sido um tema central em teorias da linguagem desde os primórdios da linguística moderna. A noção de que o significado de uma sentença é composto a partir do significado das suas partes constituintes é inerente à gramática do senso comum, e tem sido formalizada em diferentes teorias ao longo do tempo.

Uma dessas teorias é a GCBU, que se distingue de outras abordagens pela ênfase no papel do uso e da frequência na construção do conhecimento gramatical. Segundo a GCBU, as construções gramaticais são unidades de uso que se constroem a partir de informações sintáticas, semânticas e pragmáticas, e que se tornam disponíveis para uso repetido através da sua frequência em situações comunicativas.

Essa abordagem tem implicações importantes para a noção de composicionalidade, já que a gramaticalidade de uma construção não é determinada apenas pelo significado das suas partes constituintes, mas também pelo contexto em que ela ocorre e pelas expectativas linguísticas e discursivas do falante e do ouvinte. Nesse sentido, a GCBU propõe uma noção de composicionalidade mais flexível e dinâmica do que outras teorias, que pode dar conta da criatividade e da variação que caracterizam a linguagem natural.

Essa visão é compartilhada por diversos pesquisadores que trabalham com a GCBU e que têm explorado as implicações da teoria para o estudo da composicionalidade em diferentes níveis de análise. Por exemplo, Goldberg (2006) propõe que as construções gramaticais são formadas a partir de esquemas cognitivos gerais que são modificados pela experiência linguística individual e pela interação social, e que a combinação de esquemas é guiada pelo princípio da coerência.

Já Tomasello (2003) destaca a importância da frequência e da aprendizagem colaborativa na emergência das construções gramaticais, e argumenta que a composicionalidade é uma propriedade derivada da interação entre o sistema cognitivo individual e as demandas comunicativas do ambiente social.

A GCBU contribui muito para o debate sobre a composicionalidade na linguagem, especialmente no que diz respeito aos processos cognitivos e sociais envolvidos na construção e na interpretação das unidades gramaticais. Ao valorizar o papel do uso e da frequência na gramaticalização, a teoria abre possibilidades interessantes para a compreensão da diversidade e da complexidade da linguagem natural, e para o desenvolvimento de modelos mais adequadamente adaptados à natureza dinâmica e situada da comunicação humana.

Dessa forma, a composicionalidade de uma construção pode variar de acordo com as informações contextuais e discursivas que influenciam a sua interpretação.

1.2 Mudança linguística

A transformação linguística constitui um fenômeno inerente às línguas naturais, demandando uma análise de seus processos para uma compreensão abrangente. Conforme apontado por Traugott e Dasher (2002) e em pesquisas posteriores, destaca-se a relevância dos micropassos na evolução linguística, bem como a ênfase em conceitos fundamentais como analogização e neoanálise.

Os micropassos da mudança linguística, conforme Traugott e Dasher (2002), referem-se às pequenas alterações que ocorrem de maneira incremental e cumulativa ao longo do tempo. A compreensão da mudança linguística envolve, portanto, a observação dessas pequenas transformações, que, ao longo do tempo, resultam em mudanças mais abrangentes na língua, abrangendo diversas áreas, desde fonologia e morfologia até semântica e sintaxe. Atualmente, os passos na mudança linguística são geralmente considerados micropassos, mudanças (cf. DE SMET, 2012, p. 608), que podem ser dificilmente perceptíveis em um *corpus* ou entre indivíduos.

A analogização, de acordo com as análises de Traugott e Dasher (2002), é um conceito central na teoria de mudança linguística, representando o processo pelo qual falantes de uma língua ajustam ou estendem um padrão linguístico existente para se alinhar a outros padrões presentes na língua.

A instauração da mudança linguística tem origem na formulação de uma nova representação na mente de um usuário da língua. Esse processo é notavelmente evidenciado pelo mecanismo denominado "neoanálise", uma modificação de um elemento dentro de uma construção, como devidamente explicado por Andersen (2001: 231). O conceito de

"neoanálise" é introduzido como uma alternativa ao termo "reanálise", abordando a possibilidade de um usuário da língua interpretar uma construção de maneira diferente, sem que ocorra necessariamente uma "re" -análise, mas sim uma análise 'diferente'. O termo "neoanálise" é considerado um micropasso na mudança construcional, seja na forma ou no significado. Essa transformação é frequentemente desencadeada pela correspondência de padrões, muitas vezes inconsciente, por parte dos usuários da linguagem, caracterizando um fenômeno conhecido como analogia, ou, de maneira mais precisa, "pensamento analógico".

Conforme destacado por Traugott e Trousdale (2010: 38), a analogização, como resultado do pensamento analógico, é um mecanismo crucial no processo de mudança linguística. Esse mecanismo envolve o recrutamento de um item para um subesquema, uma ação que surge a partir do pensamento analógico. Dessa forma, a analogização se configura como um elemento essencial na dinâmica da mudança linguística, proporcionando um entendimento mais claro de como novas representações mentais e ajustes nas construções linguísticas são gerados ao longo do tempo. Esse fenômeno sublinha a interconexão entre a mente do usuário da língua, as modificações nas construções e o papel central da analogia na transformação gradual do sistema linguístico.

Na perspectiva de Traugott e Trousdale (2013), a noção de mudança linguística estaria associada à ideia de um continuum, uma vez que uma rede de construções é constituída por uma base em uma complexa teia de links contextuais. Nesse contexto, a mudança linguística não é vista como um evento isolado, mas como um processo contínuo e gradual, no qual as construções linguísticas se adaptam e se transformam ao longo do tempo, devido à interação dinâmica com contextos variados. Essa abordagem reconhece que as construções estão enraizadas em uma diversidade de contextos sociais, culturais e comunicativos, e, como tal, a mudança linguística é percebida como parte de um contínuo evolutivo, onde as construções se adaptam e se reorganizam em resposta às demandas em constante mutação da comunicação linguística. As mudanças se dão em micropassos via neoanálise de base metonímica ou metafórica ou analogização, nas quais há uma divisão em que os passos, de forma mais ou menos lenta, podem ser assim descritos:

- 1° Inovação;
- 2° Convencionalização;
- 3° Construcionalização;
- 4° Pós-construcionalização;

5º Redução ou obsolescência¹²

De maneira geral, de acordo com Diewald (2002, 2006) e Diewald & Smirnova (2012), é possível relacionar o processo de mudança linguística e, como consequência, a mudança gramatical, aos estágios ou passos sucessivos que estão vinculados a contextos específicos.

De acordo com Diewald & Smirnova (2016), os usos linguísticos podem ser classificados nos tipos de contexto (atípico, crítico, isolado e paradigmático), que, segundo as autoras, marcam o ciclo de gramaticalização. Esses tipos de contexto permitem ao analista mapear os processos contínuos de gramaticalização, bem como a estabelecer o grau em que os processos avançaram em um determinado momento da língua. No contexto atípico, temos a atuação de implicaturas pragmáticas. Já o contexto crítico é constituído por significados ambíguos entre o antigo e o novo significado. A próxima etapa é formada por contextos isolados, nos quais o novo significado gramatical se consolida como um significado separado. Por fim, diferente dos demais estágios, em que o novo significado se separa de sua fonte, o quarto estágio, o contexto paradigmático, refere-se a um processo em que o novo signo se associa a outros membros do paradigma e perde sua independência ou autonomia. O novo signo gramaticalizado passa a ser confrontado com membros opostos do mesmo paradigma, além disso é gradualmente associado a um significado gramatical mais abstrato.

A construção analisada, [V_{Volitivo(auxiliar)} V_{Percepção(ver)Predicador} de um estado de coisas(infinitivo)]Predicador complexo], parece estar passando por uma mudança construcional, contudo, mantendo o perfilamento de futuridade, epistemicidade e evidencialidade num continuum gramatical, sem que haja obsolescência ou perda, mas sim, coexistência das unidades como diferentes pareamentos forma-função. Ao longo da nossa análise, procuramos evidenciar esses perfilamentos.

¹² Não explicaremos cada um dos micropassos pois não é o objetivo desta dissertação.

2 REVISÃO DA LITERATURA

“Se a língua tivesse uma estrutura mental fixa, ela talvez tivesse categorias discretas; mas já que ela é uma estrutura mental que está em constante uso e é filtrada pelas atividades de processamento que a modificam, há variação e gradação” (Bybee, 2016).¹³

O presente capítulo se dedica a uma revisão da literatura, explorando tópicos relacionados ao tema aqui investigado. Dessa forma, dividimos o capítulo em quatro seções distintas, a saber. A primeira seção, aborda uma revisão sobre os verbos de percepção (2.1). Já, na seção seguinte, exploramos a noção de volição desde a intencionalidade à futuridade (2.2). Nas seções seguintes, revisitamos os conceitos de modalidade e epistemicidade (2.3), e a evidencialidade (2.4).

2.1 Os verbos de percepção

De acordo com Rost (2002), historicamente, os verbos “*ver*” e “*olhar*” possuem especificidades que os distinguem, o primeiro tem a origem no vocábulo latino “*oculare*”, com o sentido de “dar vista”, mas, na passagem do latim para o português, já compreende a noção de “mirar”, “fitar com os olhos”, o que propõe certa concretude ao verbo. Ao passo que “*ver*”, derivado do latim “*videre*”, teria seu sentido mais ligado ao de “perceber pela vista”, “avistar”. De todo modo, para a referida autora, ambas as formas estão ligadas à percepção físico-espacial.

Há uma distinção feita por Vendrame-Ferrari (2010) entre os verbos “*ver*” e “*olhar*”, cujo papel semântico do sujeito parecem fazer diferença na compreensão entre os dois, pois, segundo a autora, verbos de percepção ativa (tal como *olhar*), são “verbos que indicam uma percepção ativa por parte do referente-sujeito, ou seja, a percepção é conscientemente controlada pelo referente-sujeito” (p. 34), em outras palavras, “*olhar*” é algo que o sujeito quer, intencionalmente, fazer. Já os verbos de percepção passiva, para Vendrame-Ferrari, são aqueles que “indicam uma percepção passiva, ou seja, a percepção acontece

¹³ Cf. original: “If language had a fixed mental structure, it might have discrete categories; but since it is a mental structure constantly in use and filtered by processing activities that modify it, there is variation and gradation” (BYBEE, 2016, p. 26).

independentemente da vontade do referente-sujeito da oração” (p. 34), dentre eles, o verbo “ver”.

Nogueira (2021, p. 19) resume com a seguinte passagem: ““ver” é um verbo de percepção visual passiva, ao passo que o verbo “olhar” é de percepção visual ativa, justamente porque este verbo implica algum tipo de movimento do indivíduo em direção ao objeto/ponto de observação; já o indivíduo do verbo “ver” é um sujeito paciente”.

Observemos os exemplos de Vendrame-Ferrari (2010, p. 34):

(i) “*Pedro olhou para os pássaros*”;

(ii) “*Pedro viu os pássaros*”.

De fato, em (i), o enunciado tem o sentido que Pedro olhou de forma ativa, intencional para os pássaros, enquanto em (ii), Pedro apenas viu, de maneira passiva, não intencional, os pássaros que ali passaram. A estrutura é quase a mesma, a não ser pela transitividade e o tipo de objeto.

Robuste (2018) faz um estudo da construção [v¹+ver], sendo eles substituíveis por “querer”, “ir” e “deixar”, classificando-as como construções lexicais de movimento com propósito, construções perifrásticas, construções modais ou como marcador discursivo. Interessa-nos, pois, especificamente o [v¹] na forma do verbo “querer”.

Sobre o verbo “ver”, Robuste (2018, p. 50) traz a seguinte reflexão:

O verbo ver integra o grupo dos verbos de percepção e pode indicar tanto percepção visual, sensorialmente percebida, quanto percepção mental, cognitivamente processada. No que tange à percepção visual, ver pode indicar percepção passiva e ativa, a depender do tipo de percepção e da casualidade ou intenção de senti-la. O valor de percepção mental é, em linhas gerais, aquele cognitivamente derivado do valor de percepção visual, por meio de um processo de metaforização (ROBUSTE, 2018, p. 50).

Portanto, o verbo “ver” pode ser considerado em suas duas formas: sensorial e mental, a primeira utilizando o sentido da visão, e a segunda propondo um ato a ser considerado como verdade, uma proposição futura, uma metaforização. Esta, por sua vez, é capaz de explicar e iniciar nossa compreensão acerca das construções aqui propostas.

Viberg (1984, p. 136) traça observações a respeito da polissemia observada na maior parte dos verbos de percepção, propondo, então, um quadro hierárquico, aplicado: “quando um verbo tem um significado prototípico conectado a uma modalidade de sentido e esse significado é estendido para cobrir uma outra modalidade”:

Quadro 4 - Hierarquia dos verbos de percepção

Visão > audição > tato > olfato/paladar

Fonte: VIBERG, 1984

Isso significa, de acordo com o autor, que os sentidos, quanto mais à esquerda, mais podem se expandir para abarcar um significado de um sentido à direita, cuja polissemia é verificada mais frequentemente em verbos de percepção passiva.

Viberg (1984, p. 139) estabelece que o verbo "ver" é o mais prototípico ligado ao sentido da visão, mas, é polissêmico quando abarca os outros sentidos como audição, tato, olfato e paladar, como traz, de forma adaptada ao português. Sobre isso, Vendrame-Ferrari (2010, p. 40), alude os seguintes exemplos:

- (iii) “*Pedro escutou o CD para ver se ficou bem gravado*”;
- (iv) “*Pedro pegou a toalha para ver quão macia ela era*”;
- (v) “*Pedro experimentou a comida para ver se ela estava salgada*”;
- (vi) “*Pedro cheirou a sopa para ver se ela continha alho*”.

Observa-se, nos exemplos acima, que os significados se afastam do concreto, e ganham um traço mais metafórico, uma vez que tomam um sentido pelo outro, como uma sinestesia. Em (iii) usa-se o “ver” em lugar de “ouvir”, em (iv), toma-se o “ver” por “sentir”, em (v), trocou-se o sentir (como paladar), por “ver”, assim como em (vi). Contudo, em nenhuma delas há o prejuízo do sentido, porquanto é facilmente entendido pelo interlocutor o que se pretende nas falas.

Conforme já anunciamos, em nossa introdução, no quadro (02), uma de nossas hipóteses, é que a expansão de significado do verbo “ver”, de “percepção visual passiva” para “percepção não-visual passiva”, ou seja, não se trata apenas de uma evidência física, o que promoveu os usos epistêmico e evidencial.

2.2 Volição: da intencionalidade à futuridade

Segundo o *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (2015), volição significa, para o ramo da psicologia, “processo mental pelo qual a pessoa adota uma linha de ação; atividade consciente que visa a determinado fim, manifestada por intenção e decisão” (p. 672), em outras palavras, pode ser compreendida como o processo cognitivo pelo qual o indivíduo decide, conscientemente, praticar uma ação. Portanto, podemos entender, segundo Costa,

Souza e Vieira, (2020), que “a volição parece estar relacionada à ideia de um fim projetado para o futuro” (p. 33).

Em relação ao verbo “querer”, parece óbvia a classificação volitiva, já que preenche os requisitos acima descritos. Oliveira (2016, p. 57) afirma sobre a volição:

Entendendo-a como uma noção ampla que englobaria desejos e intenções e que estaria relacionada à possível execução de uma ação, podemos supor que esse conceito envolve, na verdade, a manifestação de um evento volitivo diretamente relacionado ao grau de incerteza epistêmica que o falante possui para torná-lo exequível. Nesse sentido, o falante concebe a sua vontade de maneira escalar de modo que, quanto menor a incerteza que possui sobre o evento, maior será a possibilidade em realizá-lo (OLIVEIRA, 2016, p. 57).

Como a volição trata de acontecimentos que se realizarão em momento ulterior, caracteriza-se, portanto, como uma categoria *irrealis*, não-atual/não-real. Givón (1984, p. 287) traça certa ligação entre tempo e modalidade por meio da categoria do *realis* e *irrealis*. Para o autor, passado e presente compõem o tempo *realis* (fato), ao passo que o futuro faz parte do *irrealis*. Segundo Givón, “esta assimetria sistemática entre o passado (fato, verdade, certeza) e o futuro (possível, incerto, confuso) percorre a gramática em vários níveis (...). Assim, **a modalidade IRREALIS coincide bastante em uma extensão com o FUTURO**”, atribuindo tais aspectos à cognição, cuja diferença residiria na estabilidade de memorização de um fato passado ou corrente, *versus* um fato possível, uma incerteza.

Oliveira (2016, p. 80), traz o seguinte excerto sobre *irrealis* vs. volição:

a atitude pragmática de *irrealis* define a noção de modalidade e distribui-se em dois traços definidores: o de futuridade e o de incerteza epistêmica (com o entrecruzamento do julgamento deontico). Esses dois traços interpretam o discurso em termos de projeção futura, o qual assinala um grau de incerteza em relação aos objetivos comunicativos do usuário da língua durante a interação (OLIVEIRA, 2016, p. 80).

Contudo, de acordo com o estudo de Costa, Souza e Vieira (2020, p. 36), “querer”, ao se ligar a um verbo no infinitivo, assume o papel de auxiliar de futuridade:

Dessa forma, nosso entendimento é o de que essa construção atualiza, com o verbo querer, diferentes potencialidades que, em alguma medida, tendem a reter algum grau dos valores de volição e de futuridade. Entre essas possibilidades, está a que se vê configurada, em certos constructos, com verbo auxiliar. Tal verbo exerce valores gramaticais típicos de um auxiliar de futuro: ligando-se mais estreitamente a um verbo na forma de infinitivo, servindo mais para perspectivar temporalmente o estado de coisas que esse verbo representa do que para acentuar intencionalidade/volição (COSTA, SOUZA e VIEIRA, 2020, p. 36).

Podemos entender que o verbo "querer" apresenta uma série de possibilidades de uso que não se limitam apenas à expressão de volição e futuridade, mas também envolvem outras nuances gramaticais, como epistemicidade. Essa variedade de usos sugere uma fluidez de traços entre as estruturas que tradicionalmente são consideradas mais vinculadas ao futuro e aquelas que abrangem outros contextos.

Ao analisarmos as diferentes potencialidades do verbo "querer" em combinação com verbos no infinitivo, observamos uma gradiência de significados. Por exemplo, quando o verbo "querer" está acompanhado por um verbo auxiliar na forma de infinitivo, ele tende a assumir valores gramaticais típicos de um auxiliar de futuro. Nesse contexto, sua função principal é perspectivar temporalmente o estado de coisas representado pelo verbo principal, destacando assim a futuridade da ação.

No entanto, é importante ressaltar que essa perspectiva não exclui outras interpretações do uso do verbo "querer". A interação entre volição, futuridade e epistemicidade, entre outros aspectos, sugere uma complexidade que não pode ser totalmente capturada por uma abordagem dicotômica. Assim, a ideia de um tratamento gradiente se torna essencial para uma compreensão mais abrangente dos usos do verbo "querer" e suas diversas nuances gramaticais.

Portanto, a análise proposta pelo trecho sugere que o tratamento do verbo "querer" deve ser escalonado, levando em consideração não apenas sua relação com a volição e a futuridade, mas também sua interação com outros aspectos linguísticos, como a epistemicidade.

Marcelino (2015) argumenta que o verbo "querer" pode assumir uma função auxiliar de futuro quando utilizado com verbos não sensoriais. Segundo essa perspectiva, o verbo "querer" projeta temporalmente a ação expressa pelo verbo no infinitivo, indicando uma perspectiva temporal. Já Carvalho (2010) defende que o verbo "querer" exerce um valor prospectivo-futurístico quando acompanhado por verbos no infinitivo, o que reforça a ideia de que ele age como um auxiliar de futuro.

Assim, torna-se evidente que o verbo "querer", ao se juntar a verbos no infinitivo não sensoriais (ver exemplo 14), exerce valores gramaticais típicos de um auxiliar de futuro, servindo para prospectar temporalmente o estado de coisas. No entanto, ao se juntar ao verbo "ver" de "percepção visual passiva", na construção, aqui analisada, pode assumir valores de volição (14), auxiliar de futuridade (15), epistêmico (16) ou evidencial (17), conforme os exemplos, a seguir.

- (14) *“Nosso grupo ainda **quer entender** como era o recife anos atrás e em que taxa realmente ele vem crescendo”.*
 Fonte: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2019/03/14/corais-de-5-mil-anos-sao-descobertos-em-sp-ao-lado-de-ilha-habitada-por-serpentes.ghtml> Acesso em: 08/08/2023
- (15) *“**Quero ver** sua foto apagando a 1ª velinha, e talvez a mais marcante para você lhe vê no futuro!”*
 Fonte: <http://www.atribunamt.com.br/2014/06/homenagem-especial-a-um-pequeno-principe/>
 Acesso em: 24/07/2023
- (16) *“Lá vem um homem, **quer ver que** ele vai me encher o saco”.*
 Fonte: <https://papodehomem.com.br/como-se-sente-uma-mulher/>. Acesso em: 23/08/22.
- (17) *“...uma brincadeira com a própria arte e, principalmente, com o público. **Quer ver?** A foto abaixo é duma das obras que vi em essa...”*
 Fonte: <http://www.caldinas.com.br/2013/02/a-arte-moderna-me-intriga.html>. Acesso em: 23/08/22

Em (14) o sujeito animado simples, liga-se à perífrase “quer entender”, precedido pelo advérbio “ainda”, cuja função é situar o interlocutor quanto ao inacabamento da ação e vontade, expressa prototipicamente pelo verbo volitivo “querer”, cuja temporalidade futura também se exprime de forma intrínseca ao vocábulo que, ao se ligar a outro verbo no infinitivo, como no caso analisado (entender), nesta ocorrência, nocional, expressando o estado de coisas projetado para um momento ulterior, ainda incerto, mas desejável. Constatamos que, o verbo “querer”, ao se conectar ao verbo na forma infinitiva “entender”, funciona como um verbo auxiliar, mais especificamente, auxiliar de futuridade, porquanto ancora, ainda que conjugado na terceira pessoa do presente do indicativo, como “a gente”, a noção de tempo posterior, referenciando a algo que já aconteceu, características pregressas, ao estado posterior concomitante ao tempo presente, realizando projeções, baseadas nessas informações, para o futuro, emitidas pela forma no gerúndio apresentada pelo verbo “crescendo”.

Em (15) o sujeito simples animado liga-se ao verbo “querer”, conjugado na primeira pessoa do singular, combinado ao verbo “ver” na forma do infinitivo impessoal “ver”, aquele comportando-se como auxiliar de futuridade, carregando traços volitivos do desejo em “fitar com os olhos” uma fotografia, reforçando o argumento na oração precedente, ao explicitar o

porquê dessa intenção. A microconstrução do [querer auxiliar de futuro volitivo + ver verbo principal de percepção] instancia o construto analisado, com o traço de [+composicional], já que ambos os verbos carregam os valores mais prototípicos.

Já em (16), a construção [quer ver que], possui o sujeito animado na terceira pessoa gramatical no singular, o verbo “querer” encontra-se no presente do indicativo, associado ao verbo “ver” na forma infinitiva impessoal, unindo a oração subordinada substantiva direta ao objeto direto por meio da conjunção “que”, formando uma assertiva quase-asseverativa. Diferente da construção (14), e que o verbo “querer” somente formava uma construção futura, preservando aspectos composicionais, em (15) o verbo “querer” revela traços de epistemicidade, uma vez que o falante formula o enunciado embasado em convicções, opiniões e certezas acerca da temática abordada (homens, de modo geral, para o enunciador, possuem o retrospecto de serem invasivos com mulheres, as quais se sentem invadidas e perturbadas por eles). O verbo “ver”, por sua vez, também perde traços de prototipicidade, não funcionando mais com as características principais do frame ao qual pertencem, como “mirar” ou fitar” por meio da visão, fazendo, portanto, que a construção perca os traços de composicionalidade.

Em (17) o verbo “querer”, conjugado na terceira pessoa do singular, no modo indicativo, tempo presente, atrelado ao verbo “ver” na forma infinitiva, formam a microconstrução [quer ver], uma predicação simples que se posiciona entre períodos, formando uma interrogativa. Diferentemente de (14), em que a construção [quer ver] projeta um desejo para o futuro, fundamentando o argumento na sentença que se segue, e (15) que é baseada em convicções, o exemplo (16) comporta-se como uma espécie de operador de evidencialidade, uma vez que não apenas revela futuridade ou epistemicidade, mas também traz, de forma direta, evidências sobre o que está sendo dito, pois compartilha, no campo dêitico, a evidência da qual se fala, uma foto sobre a obra do argumento da enunciação prejacente. A microconstrução [quer ver] opera evidencialmente entre os períodos, de modo a ratificar o primeiro argumento por meio de evidências concretas, introduzindo-as de forma a convidar o interlocutor a comungar da sua visão sobre o assunto.

Além disso, entende-se que a volição não pode ser atrelada a um sujeito inanimado, pois um sujeito que, por hipótese, não pode ter vontades, não poderia ser o portador de uma volição. Ainda continuam os autores Costa, Souza e Vieira (2020, p. 43) “não houve instâncias do valor volitivo em orações em que o sujeito era inanimado. Os casos de orações com sujeitos inanimados – poucos exemplos foram encontrados no corpus – se distribuíram entre construções com valor de futuro e construções cristalizadas”. Se pensarmos que na

passagem de mudança de “percepção visual passiva” para “percepção não-visual passiva”, podemos pensar na possibilidade de sujeitos inanimados em construções com “querer + verbo”, principalmente, com verbos de estado-de-coisas nocionais e menos em verbos de percepção. Dessa forma, em nossa análise, iremos controlar esse fator (ver metodologia a descrição dos fatores controlados).

Deutscher (2014, s/p.) traz uma perspectiva da gramaticalização a respeito de como o “will” se tornou um auxiliar de futuro, na língua inglesa.

A noção de futuro atrai metáforas de todos os lugares. Você pode imaginá-la como um tipo de “ralo funcional” para o qual fontes distintas convergem. Pense no marcador de futuro do inglês ‘will’. Atualmente, ninguém se atreveria a criticar um marcador gramatical tão respeitável, mas, originalmente, ‘will’ era um verbo completamente normal, que significava apenas “querer” ou “desejar”.

Santos (2015) afirma que a situação acima pode ser também projetada ao PB, já que verbos volitivos podem se transformar em auxiliares, ou em morfemas marcadores de futuridade, e “querer”, como auxiliar, implica futuro, não é uma marca dele, mas sim uma indicação. Aparentemente, a futuridade é inerente ao verbo “querer” já que, “do ponto de vista semântico, a volição está ligada a noções de vontade e desejo, o que põe em jogo a provável realização/consecução futura. Desse modo, diversas línguas apresentam a gramaticalização de verbos volitivos como marcadores de futuro” (Costa, Souza e Vieira, 2020, p. 31).

Neste trabalho, conforme já adiantamos (ver objetivos de pesquisa), ao analisarmos os micropassos de mudanças decorrentes de etapas de neoanálises, acreditamos que ocorreu o desenvolvimento de perfilamentos de significados de futuridade, epistemicidade e evidencialidade, além dos sentido volitivo.

O verbo “querer” é descrito por Robuste (2018, p. 50) como prototípico cuja significação gira em torno da volição: esperar, ousar, preferir, pretender, recuar, recusar, temer, tencionar e tentar.

Para Gonçalves et al. (2008, p. 1027), predicados que expressam volição (como querer), seguidos de verbos na forma infinitiva, fazem parte do grupo de construções envolvendo predicados cujos significados e configuração se aproximam dos de auxiliares, dado seu estágio de gramaticalização rumo à formação de perífrases verbais que codificam um único estado-de-coisas (ROBUSTE, 2018, p. 50).

Logo, segundo a autora, construções com o “querer + v. impessoal”, podem dotar o primeiro de características próximas de auxiliares, já que houve um processo de gramaticalização que resultou nesse comportamento gramatical do verbo “querer”.

Para Neves (1996), Cassimiro (2007), Sousa e Dias (2014) e Travaglia (2016), o verbo *querer*, quando acompanhado de uma forma verbal nominal, atua como um verbo semi-auxiliar, e juntos formam uma perífrase verbal com a função de marcar modalidade, aqui, entendida em seu sentido mais amplo como a explicitação de atitude psíquica do falante em face da situação que exprime. Especialmente no caso da combinação dos verbos *querer* e *ver*, a modalidade se manifestaria na forma de *volição*, como claramente assume Castilho (2010, p. 451) ao afirmar que esses verbos juntos formam uma perífrase de infinitivo indicadora de *volição* (ROBUSTE, 2018, p. 71).

Em outras palavras, os referidos autores entendem a união dos verbos “*querer*” e “*ver*” como como uma perífrase que traz na semântica da locução, a *volição*, especialmente evidenciado quando a construção supracitada tem no verbo “*ver*” o sentido sensorial, como no exemplo extraído de Robuste (2018, p. 73):

(93) “*NISSO eu ouVI... e fiquei desespeRADA parei de comê(r) na HORA empurrei o prato e falei falei –“tia que que FO::I?”–“meu pai meu pai e minha mãe caíram da mo::to?”–... e eu tava desesPERADA porque que/ eu t/ eu queria vê(r) minha MãE queria vê(r) meu PAI tava CHORAN(d)O fiquei desesPERADA*” [AC-008-NR; L. 60”].

O fragmento acima “*eu queria ver minha mãe, queria ver meu pai*”, traz a perífrase do “*querer + ver*” no sentido do *ver* sensorial, de *querer* tê-los no campo de visão, uma *volição* atrelada a um verbo sensorial cujo sujeito perifrástico pronominal de ambas orações seria o “*eu*”. Na perífrase, então, o verbo “*querer*” parece se comportar como um (semi) auxiliar.

Além disso, ao revisar Costa, Souza e Vieira (2020), observa-se que o verbo volitivo “*querer*” pode ser uma forma de valores de construções no futuro do PB. Esse pressuposto se vale porquanto, semanticamente, os verbos de *volição* possuem uma carga de desejo, ou provável realização/ consecução no futuro.

De acordo com as supracitadas autoras (2020, p. 33),

na definição apresentada pelo dicionário virtual Michaelis, a *volição* é entendida como o processo mental pelo qual a pessoa adota uma linha de ação; atividade consciente que visa a determinado fim, manifestada por intenção e decisão”. Ou seja, a *volição* parece estar relacionada à ideia de um fim projetado para o futuro. Assim, como explicam Heine et al. (1991), há uma predisposição nos verbos volitivos a sofrer mudanças em direção a uma série de funções gramaticais. Ressalta-se que, nesta pesquisa, não se faz distinção entre verbos volitivos e verbos de desejo e, assim, as duas nomenclaturas são utilizadas como sinônimas

Assim, o verbo “*querer*” (aux) + (infinitivo)” pode denotar construções com o caráter de ações vindouras, projetadas para o futuro, já que, se um ato é almejado, teoricamente, ele possui a latência de ser concretizado futuramente. Sua potencial realização é traçada para um tempo depois ao da concretização discursiva-pragmática, ou seja, o desejo que se projeta só se

efetiva, ou tem o potencial de se efetivar, depois do ato enunciativo, “ portanto, a estrutura querer + verbo no infinitivo seria associada a uma maneira de expressar tempo em português, já que apresenta a volição e a indicação de futuro” (Costa, Souza e Vieira, 2020, p. 34).

Segundo as autoras, ainda (p. 34), a construção do [verbo “querer” + infinitivo] com noção de futuridade, atualiza o verbo “querer”, já que o mesmo se comporta com diferentes potencialidades, que, de certa forma, retém alguns graus valorativos de volição e futuro. Entre as possibilidades, pode-se verificar que o verbo “querer” funciona gramaticalmente em algumas construções como um auxiliar de futuro: “ligando-se mais estreitamente a um verbo na forma de infinitivo, servindo mais para perspectivar temporalmente o estado de coisas que esse verbo representa do que para acentuar intencionalidade/volição”. Também o verbo sofre atração por sujeitos com o traço - animados, o que leva a menos restrições no que tange a compatibilização viáveis (natureza dos lexemas e sintagmas que integralizam os predicadores e seus argumentos). Vale lembrar, porém, que as autoras estão considerando a formação de querer + v. (infinitivo), indiferente ao tipo de verbo que acompanha o verbo “querer”.

Costa, Souza e Vieira (2020, p. 35) chegam à seguinte questão:

[...] em alguns dados, é nítida essa condição de Vvolitivo Auxiliar de futuro a qual querer passa. Em outros, pode-se supor apenas algum grau de mudança construcional, em que a alteração detectada ou está na forma (na percepção de certa coesão entre querer e Vinfinitivo), ou está no significado (no eixo volição-futuridade, pendendo um pouco mais para o valor de futuridade) (COSTA, SOUSA e VIEIRA, 2020, p. 35).

2.3 Modalidade e epistemicidade

Capelle e Depraetere (2016) definem as construções como emparelhamento de uma forma e uma função semântica ou discursiva em que algo sobre este ou aquele (forma/função) não é totalmente previsível, o que recai também sobre o conceito de não previsibilidade de Goldberg (1995) e sobre o primeiro critério de Hilpert (2014) para a definição de construções, cuja definição consiste em que uma nova construção seria o desvio da forma canônica.

A partir desses pressupostos, Capelle e Depraetere (2016) estabeleceram a taxonomia modal, que seria a classificação em classes dos modais, segmentados em camadas semânticas e pragmáticas. Para tal, considera-se cinco classes de significados: habilidade, oportunidade, permissão, possibilidade geral da situação e permissibilidade da situação que poderiam ser

distinguidas com base em três critérios: (a) fonte da modalidade, (b) escopo da modalidade e (c) barreira potencial.

A fonte da modalidade referiria-se sobre a pessoa ou circunstância a qual a possibilidade se originaria, podendo ser um assunto interno (algo que se originaria na mente, como “será que consigo tocar a ponta do nariz com a língua”), e assunto externo (como posso solicitar um passaporte online e não ter que entrar uma fila, por exemplo). O escopo da modalidade pode ser abrangente, que abarcam toda a proposição, como o exemplo dado pelos autores: “rachaduras podem aparecer da noite para o dia, ou seja, 'rachaduras que aparecem durante a noite são uma possibilidade’” ou estreitas, caso em que recai apenas sobre o verbo principal, como em “eu posso falar russo”. O recurso 'barreira potencial' pode ser positivo se a fonte puder potencialmente impor uma barreira à atualização, que é o recurso do qual deriva seu status de fonte. Neste caso (escopo restrito) permissão ou (escopo amplo) significado de permissibilidade é comunicado. No caso da sentença: “Você pode estacionar aqui”, a fonte (regulamentos de trânsito) tem status de fonte porque pode impedir que alguém estacione em um local específico. Este não é o caso em eu “Posso falar russo”, em que o status de fonte do referente sujeito não se deve a ele/ela ter o potencial de impor uma barreira à atualização.

Depraetere (2010) distingue a colocação dos modais de forma semântica, diferenciando abordagens de cunho mono e polissêmicas. Um dos exemplos a seguir, retirados do texto acima referido, mostram que o *can*, em uma construção aparentemente igual, pode ter diferentes significados a partir de sua colocação sintática:

2. f. *You can leave now. (examiner to student)*¹⁴

g. *Can you leave now? (examiner to student)*

Observemos que o status do impacto da força ilocucionária no significado modal faz com que o verbo “*can*”, apesar de ser um verbo que indique permissão (como em 2.f), já em 2.g é compreendido como ordem. Tal acontece por conta da colocação, modificando uma construção permissiva para uma ordenativa. Acreditamos que a posição sintática pode exercer certa influência no significado das construções. Em um primeiro momento, acreditamos que os usos evidenciais ocorram mais ao final do período do enunciado, ao que será analisado em nossa pesquisa.

¹⁴ Exemplos extraídos do autor.

O quadro abaixo, retirado do texto de Depraetere (2010), mostra uma análise da seguinte construção: “ (7) Mary can swim. And so can Jennifer. (permission or ability)”:

Figura 4 - Componentes semântico e pragmático da construção

Context-independent semantics, encoded meaning	POSSIBILITY							
Context-dependent semantics	EPISTEMIC			ROOT				
Context-dependent semantics	NO FURTHER DISTINCTIONS			A	O	PN	GSP	SP
Pragmatic meaning	—effect of illocutionary force —effect of context of speech (pragmatic strengthening) —etc.							

Fonte: Depraetere (2010)

O quadro mostra que na construção “*Mary can swim. And so can Jennifer.*”, o verbo “*can*” é epistêmico, ou seja, pressupõe uma possibilidade, dependendo do contexto. Pragmaticamente há o efeito da força ilocucionária, já que é um ato de fala no qual se afirma, sugere ou promete, por exemplo, além do efeito do contexto, ou fortalecimento pragmática, no qual o contexto nos indicará, dentre as possibilidades verificadas, qual o sentido real relacionado. Em nossa análise, vamos aplicar esse modelo de análise Depraetere (2010). A epistemicidade se refere à maneira como o falante avalia o grau de certeza ou incerteza de uma afirmação. Em outras palavras, é a forma como o falante indica se uma informação é conhecida, duvidosa ou inferida. Na construção “quer ver que”, a epistemicidade é expressa por meio da partícula “que”, que indica uma suposição ou uma hipótese, assim como a partícula “como”, que além destas características supracitadas, pode indicar o modo como algo acontece (frequentemente) ou acontecerá.

Essa construção é comumente usada em conversas informais, principalmente em situações em que o falante quer expressar uma opinião ou fazer uma previsão sobre algo. Por exemplo, imagine que dois amigos estão assistindo a um jogo de futebol e um deles diz: “Quer ver que o time da casa vai ganhar?”. Nesse caso, o falante está expressando uma hipótese, uma possibilidade, mas não tem certeza do resultado do jogo.

A GC permite analisar como essa construção é formada e como ela se relaciona com outras construções da língua. Em outras palavras, é possível entender como a expressão “quer ver que” é construída a partir de elementos como “quer”, “ver” e “que”, e como ela se

relaciona com outras construções que expressam epistemicidade, como "acho que", "talvez" e "provavelmente".

A epistemicidade é um conceito discutido pelo autor Hoffmann (2010), que explora como a epistemicidade está relacionada à expressão de conhecimento, crenças e incertezas por meio da linguagem. Essa dimensão epistêmica da linguagem é fundamental para a interação humana e a construção do significado. Segundo Hoffmann (2010), a epistemicidade pode ser expressa de várias maneiras, uma delas é por meio de palavras e expressões que indicam o grau de certeza ou incerteza em relação a uma afirmação, como "provavelmente", "possivelmente" ou "talvez". Esses marcos epistêmicos ajudam a sinalizar ao interlocutor o status do conhecimento ou das crenças do falante.

Além disso, Hoffmann (2010) também analisa como a epistemicidade pode ser marcada através de construções gramaticais, como o uso de modalidades verbais, como o futuro, para expressar incerteza ou possibilidade. Da mesma forma, certas estruturas de subordinação ou uso de verbos auxiliares podem indicar a perspectiva epistêmica de uma afirmação, como a construção analisada "quer ver".

Hoffmann (2010) argumenta que a expressão de epistemicidade varia entre as línguas e que as culturas e contextos sociais também desempenham um papel importante na forma como a incerteza ou o conhecimento são comunicados. Ela também destaca a importância de entender a epistemicidade na análise linguística e na interpretação de textos, uma vez que a forma como a informação é apresentada pode influenciar a percepção e a compreensão do receptor, além de investigar a epistemicidade como uma dimensão central da linguagem e da comunicação humana. Explora-se também como essa dimensão é expressa lexicalmente e gramaticalmente e destaca a importância de considerar a influência cultural e social na expressão e interpretação da epistemicidade.

Em resumo, a construção "quer ver que" é um exemplo interessante de como a GC pode ser usada para analisar a língua de forma mais abrangente e precisa. A epistemicidade, expressa por meio das partículas "que" e "como", é um elemento fundamental nessa construção, que permite ao falante expressar hipóteses e suposições sobre o mundo.

Os modais apresentam características diferentes a depender do significado que exercem semanticamente nas frases. Givón (2010, p. 300), ao delimitar as definições dos modalizadores, compara modalidade proposicional associada a uma oração como uma concha, a qual, apesar de envolver seu conteúdo, não interfere nele, em outras palavras, a estrutura proposicional da oração - os papéis gramaticais e semânticos, tipos de predicação e transitividade - não é afetada pela modalidade envolvida na proposição. A modalidade, então,

codifica a atitude do falante em relação à proposição.

No texto de Neto (2006, p. 42), faz-se uma definição da modalização:

a modalidade consiste na maneira com que um enunciado é qualificado a fim de expressar o julgamento do falante a respeito da probabilidade de ser verdadeira a proposição expressa pelo seu enunciado. Também em Saint-Pierre (1992), a modalidade é vista como um ato do sujeito da enunciação assumir o conteúdo do seu enunciado relativo a um evento ou a uma relação de intersubjetividade, donde surge a distinção entre o conteúdo do pensamento e a atitude tomada pelo falante relativamente a esse conteúdo (NETO, 2006, p. 42).

Logo, o julgamento do falante perante o discurso, suas crenças e seu comportamento ideológico importarão para que saibamos o grau de comprometimento intersubjetivo do locutor, a probabilidade e a noção de verdade.

O texto de Neto (2006, p. 42), continua argumentando sobre o sistema modalizador com a seguinte passagem:

Palmer (1986) reconhece a modalidade como sistemas modais que basicamente envolvem as noções de possibilidade e necessidade, mas também qualquer sistema modal que indique o nível de comprometimento do falante com aquilo que enuncia; isso deve ser interpretado como a expressão do nível de compreensão ou de conhecimento do falante, o que inclui claramente seu julgamento e o tipo de garantia para aquilo que está expresso em sua enunciação (NETO, 2006, p. 42).

Segundo Neto (2006 p. 14), “o estudo descritivo da expressão da modalidade, com ênfase na modalidade epistêmica, revela a função precípua das modalidades, ou seja, a veiculação da atitude do falante ante aquilo que anuncia.” Portanto, a modalidade marca a intenção e a postura do falante sobre aquilo que é falado.

Para Koch (2004, p. 125), a partir do quadro teórico da Linguística Textual, indica que o propósito das estratégias modalizadoras seriam de “preservar a face do locutor, por meio do texto de atenuações, ressalvas, bem como marcar o grau de comprometimento, de engajamento do locutor com o seu dizer, o grau de certeza com relação ao dito”. O que implica dizer que os modalizadores traçam a relação entre interlocutor e discurso, traçando o percurso ilocucionário, além das implicaturas entre o sujeito de fala e seu grau de comprometimento perante o ato discursivo.

Sobre as modalidades, deôntica e epistêmica, Neto (2006, p. 43) afirma que:

semanticamente parecem ter pouca coisa em comum: esta se refere à língua como informação, à expressão do grau ou da natureza do comprometimento do falante relativo à verdade daquilo que ele diz; enquanto aquela se refere à língua como ação, sobretudo à expressão pelo falante de sua atitude concernente a possíveis ações

realizadas por ele ou por outros. De fato, o que essas modalidades parecem partilhar é o envolvimento do falante (NETO, 2006, p. 43).

Hengeveld (1988, p. 10) separa a modalidade em três subgrupos:

1. modalidade inerente: caracterização, por meio do falante, de um estado-de-coisas e a realização deste;
2. modalidade objetiva: meios linguísticos que um dado falante faz uso para avaliar o estado-de-coisas dentro de seu conhecimento de um estado-de-coisas possível;
3. modalidade epistemológica: meios que o falante utiliza para demonstrar seu comprometimento com a verdade de uma proposição.

A modalidade epistêmica pode, em si, trazer estratégias de graus de descomprometimento. Neto (2006, p. 50), afirma que etimologicamente, o termo epistêmico deve ser interpretado como “compreensão” e “conhecimento”, porque expõe as condições de compreensão e conhecimento do falante, o que inclui tanto seus próprios julgamentos, quanto a garantia que ele tem para o que diz. Além disso, Palmer (1986, p. 50), no tocante a julgamentos e evidências, existem quatro maneiras pelas quais o falante pode indicar que o que está falando não representa um fato, mas pode indicar: (i) que ele está especulando sobre um fato; (ii) que ele o apresenta como uma dedução; (iii) que lhe falaram sobre o fato; e (iv) que a questão é meramente de aparência, baseada na evidência (possivelmente falível) dos sentidos.

Palmer (1986) ainda faz mais uma distinção entre os tipos de modalizadores epistêmicos devido a sua natureza, classificando-os de acordo com o tipo de evidência que o locutor utiliza para sustentar sua fala. Existiriam, então, dois subsistemas: um de julgamentos, que envolveria especulação e dedução, e outro de evidências, do qual o subsistema criativo seria constituinte.

Neves (1996, p. 178), ao esmiuçar a questão dos modalizadores epistêmicos no eixo do conhecimento, avaliando que se trata de um *continuum* entre o (absolutamente) certo e o possível (em seus diversos graus de possibilidade). O que definirá entre um e outro será o propósito comunicativo, assumindo escolhas lexicais, optando por modalizadores que denotem maior grau de certeza ou incerteza.

Avaliar o valor epistêmico da construção aqui em estudo permitirá atingirmos um de nossos objetivos indicados na introdução e aqui repetido: investigar o perfilamento ou não de base do significado de futuridade, epistemicidade e evidencialidade em dados do PB.

A modalidade epistêmica pode, em si, trazer estratégias de graus de descomprometimento. Palmer (1986, p. 50), no tocante a julgamentos e evidências, afirma

que existem quatro maneiras pelas quais o falante pode indicar que o que está falando não representa um fato, mas pode indicar: (i) que ele está especulando sobre um fato; (ii) que ele o apresenta como uma dedução; (iii) que lhe falaram sobre o fato; (iv) que a questão é meramente de aparência, baseada na evidência (possivelmente falível) dos sentidos.

Neves (1996, p. 178), ao esmiuçar a questão dos modalizadores epistêmicos no eixo do conhecimento, avalia que se trata de um *continuum* entre o (absolutamente) certo e o possível (em seus diversos graus de possibilidade). O que definirá entre um e outro será o propósito comunicativo, assumindo escolhas lexicais, optando por modalizadores que denotem maior grau de certeza ou incerteza.

2.4 A evidencialidade

A forma como o ser humano se comunica revela suas intenções. A informação transmitida por alguém é proveniente do próprio emissor ou de outras fontes indicadas no enunciado. Ao utilizar marcas que indicam a fonte da informação, o emissor recorre à evidencialidade. Através disso, é possível perceber atitudes em relação à informação transmitida e ao conhecimento que se tem dela. A evidencialidade é uma categoria linguística que possibilita estrategicamente a manipulação das informações quanto à fonte do conhecimento e ao compromisso do emissor com tais informações.

De acordo com Dendale e Tasmowski (2001), o termo evidencialidade começou a ser usado na primeira metade do Século XX, nos trabalhos de Boas e Sapir. No entanto, foi apenas algumas décadas depois, com a pesquisa de Jakobson (1957) intitulada *Shifters, verbal categories, and the Russian verb*, que a evidencialidade passou a ser considerada em estudos linguísticos, principalmente nas línguas Balcânicas, Eslavas e Românicas. Na década de 1980, a evidencialidade começou a ser reconhecida como um tema relevante na pesquisa linguística, especialmente na área semântico-pragmática, após a publicação de *Evidentiality: the linguistic coding of epistemology*, organizado por Chafe e Nichols (1986), que reuniu os trabalhos apresentados na primeira conferência sobre o tema, realizada em Berkeley (EUA), em 1981. A partir desse momento, eventos internacionais começaram a divulgar mais os estudos sobre a evidencialidade, como o Colóquio Internacional de Pragmática em 1998, no qual ocorreram debates sobre o tema.

A evidencialidade revela a fonte de um conteúdo proposicional e também indica o grau de comprometimento do falante com a verdade da proposição. Ela se manifesta principalmente através de operadores evidenciais. Nuyts (1993) conclui que toda qualificação modal é baseada em evidência, variando apenas a qualidade dessa evidência, e que a evidencialidade pode ser considerada uma propriedade definidora da modalidade epistêmica. Hengeveld (1989) faz uma diferenciação entre modalidade epistemológica subjetiva e modalidade epistemológica evidencial, enfatizando a importância da fonte de informação na proposição. Dall'Aglio Hattner et al (2001) propõem uma classificação que considera a fonte de informação individualizada e a fonte de informação compartilhada, levando em conta as intenções comunicativas do falante. Eles afirmam que os evidenciais indicam que tipo de evidência está disponível para embasar a confiabilidade do enunciado, permitindo que o interlocutor avalie por si mesmo a confiabilidade da informação. A avaliação da verdade de uma proposição dependerá das diferentes fontes de informação apresentadas, como um relato de terceiros, uma percepção visual ou auditiva, uma inferência ou suposição do próprio falante (CARIOCA, 2018).

A existência de um sistema evidencial no português é uma proposta sugerida por Galvão (2001), sendo que a pesquisadora dedicou-se, particularmente, ao processo de gramaticalização da expressão “diz que”. Outra pesquisa que vislumbra o surgimento de marcas que especificam a fonte da informação no português é a de Dall'Aglio Hattner et al. (2001), na qual expressões do tipo “diz que”, “parece que”, “sei lá” e “não sei” podem ser consideradas como estratégias de (des)comprometimento e passam pelo processo de gramaticalização, ou seja, estão deixando de ser itens lexicais plenos para assumirem uma nova função: a de itens evidenciais ou modais. Em pesquisa anterior, Dall'Aglio Hattner (1996) já anunciara, embrionariamente, uma gradação do comprometimento do falante em relação à evidencialidade, só que a noção evidencial estava inclusa à modalidade epistêmica como uma instância que revelava, segundo a autora: Uma proposição em sua função interpessoal: o falante se utiliza de meios lingüísticos para expressar sua atitude com relação ao seu ato de fala. Desse modo, [...] ao situar a qualificação epistêmica no nível da proposição, o falante assume, com diferentes graus de adesão, seu enunciado (DALL'AGLIO HATTNER, 1996, p. 163). Já numa relação direta do grau de comprometimento com a responsabilidade que o falante pode ter com a proposição que emite, Thompson (1996, p. 37) afirma que é possível determinar alguns valores ou escalas indicativas para este grau (alto, médio e baixo); tomando por base o estabelecido por Halliday (1994) para os operadores modais, conforme o grau de proximidade, de probabilidade ou certeza conferido à declaração.

As marcas evidenciais servem como estratégias discursivas na construção textual para um maior ou menor comprometimento com a proposição que se quer considerar, portanto, promovem a indicação da fonte do saber expresso pelo falante, determinando o grau de tensão que se estabelece entre os interlocutores (KOCH, 1986). Desse modo, saber utilizar essas marcas desenvolve uma relação direta do grau de envolvimento do falante com o que está querendo dizer, fornecendo ao ouvinte subsídios que o farão interpretar corretamente a mensagem proposta como sendo de uma fonte, responsabilizando essa fonte pelo que foi dito. (Carioca, 2018).

Os verbos de percepção **ver, ouvir e sentir**, muitas vezes estão relacionados à noção de evidencialidade em língua portuguesa, porquanto remetem à expressão da fonte da informação contida em um enunciado (VENDRAME-FERRARI, 2012, p. 100). Portanto, a evidencialidade seria a confirmação de dada informação por meio de um elemento gramatical, indicando assim, a natureza das evidências.

A tipologia dos evidenciais dependerá da fonte de onde são extraídas pelos falantes, se foram obtidas de forma testemunhal, em que o sujeito informa que viu, ouviu ou, de alguma maneira teve contato sensorial com a situação descrita, são, segundo Willet (1988), mecanismos de evidência direta, já que houve uma relação de forma direta com a situação. Por outro lado, a evidência indireta é elaborada por meio de inferências, nas quais o falante, por meio de algumas observações, chega a uma determinada conclusão, ou reportativa, cujo embasamento se dá por meio de afirmações de outrens a respeito de certo assunto.

O PB, segundo Vendrame-Ferrari (2012), possui poucos evidenciais gramaticais, o que faz com que os verbos de percepção sejam os meios linguísticos mais utilizados para este fim, já que a é por meio da percepção, por conseguinte a sensorialidade, que conhecemos e compreendemos muitas coisas no mundo em que vivemos.

Segundo o quadro da hierarquia da força evidencial de Givón (2001), a evidencialidade é distribuída da seguinte forma:

1. Hierarquia de Acesso Experiência sensorial direta > Inferência > Rumor (boato)
2. Sub-hierarquia sensorial Visão > Audição > Outros
3. Hierarquia dêitica pessoal Falante > Ouvinte > Terceira pessoa
4. Dêixis espacial perto > longe

5. Dêixis temporal

Fonte: adaptado de Givón (2001).

De acordo com Hengeveld e Hattner (2015), a evidencialidade se divide em: reportatividade, inferência, dedução e percepção do evento. Esta última constitui o que se convencionalizou chamar de evidencialidade direta.

2.4.1 Evidencialidade e dêixis

Porém, há algumas características específicas que fazem com que um verbo de percepção seja evidencial e outro não. Ainda consoante à supracitada autora, uma característica intrínseca aos evidenciais seria a dêixis,

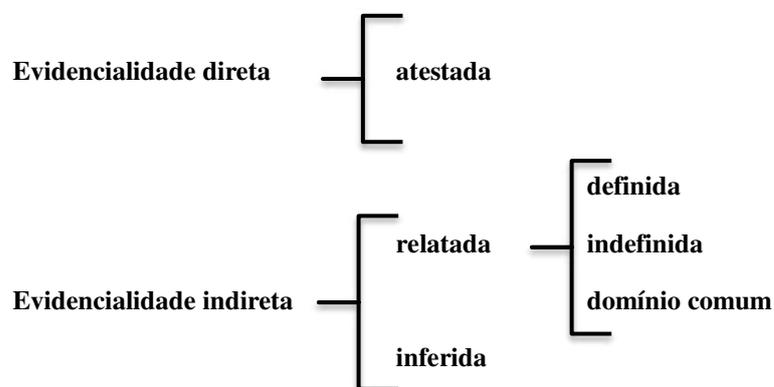
a evidencialidade direta é usada quando o falante deseja mostrar que o estado de coisas ocorre dentro de sua esfera dêítica, ao passo que a evidencialidade indireta (reportativa e inferida) é usada para mostrar que o estado de coisas ocorre fora da esfera dêítica do falante (VENDRAME-FERRARI, 2012, p. 102).

Logo, o que está no campo dêítico do falante, ou esteve, é considerado direto, pois foi percebido por um dos sentidos da percepção que consideramos evidenciais. Já os eventos fora da dêixis, são considerados indiretos, já que não foram, de fato, vivenciados pelo falante, mas sim para ele reportados ou por ele inferidos.

Uma das principais características de um verbo evidencial é a dêixis, considerada por muitos autores como algo inerente à evidencialidade. Alguns desses autores até compreendem a evidencialidade como uma categoria dêítica. De acordo com De Haan (2005), o significado básico da evidencialidade é marcar a relação entre o falante e as ações e eventos descritos por ele. Assim, a evidencialidade direta é usada quando o falante deseja mostrar que o estado de coisas ocorre dentro de sua esfera dêítica, enquanto a evidencialidade indireta é usada para mostrar que o estado de coisas ocorre fora da esfera dêítica do falante. Por conseguinte, levando em conta a noção de dêixis na evidencialidade, pode-se dizer que, ao utilizar um evidencial, o falante adota um ponto de vista particular em relação à fonte da informação que transmite. Como o próprio falante está sempre envolvido de alguma forma na percepção ou recepção das informações, ele é o centro dêítico de grande parte das orações que expressam

evidencialidade. Consequentemente, o falante e a pessoa gramatical correspondente ocupam uma posição especial nos paradigmas evidenciais (VENDRAME, 2010).

Quadro 5 - Tipologia dos evidenciais em língua portuguesa



Fonte: Dall’Aglío-Hattner (2001).

A fonte dos dados, o falante, a dêixis e o ponto de vista estão intimamente ligados para que haja o fator de evidencialidade, pois a fonte precisa ser algo do campo da dêixis do falante para ser direta, ou fora dela - inferente ou reportativa - e precisa de um dado ponto de vista, além da percepção, precisa ter uma ligação o mais prototípica possível a um verbo de percepção que seja sensorial, como no trabalho de Vendrame-Ferrari (2012), os verbos ver, ouvir e sentir.

- (18) “As pessoas não sabem o que acontece aqui. **Quer ver?** A taxa de homicídios é de sete para cada 100 mil habitantes. Em Miami, é 12.”

Fonte: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,alckmin-e-o-candidato-do-meu-coracao-diz-franca,70002258277> Acesso: 30/06/2023

- (19) “Com as participações de MC Zaac, Tropkillaz, Maejor e produção de o DJ Yuri Martins, o clipe - gravado em o Morro de o Vidigal, em o Rio - já é um fenômeno em as redes sociais. **Quer ver?** Se prepara e aperta o play!”

Fonte: <http://multishow.globo.com/musica/materias/anitta-lanca-o-aguardado-clipe-de-vai-malandra-com-mc-zaac-tropkillaz-e-dj-yuri-martins-veja-aqui.htm> Acesso: 30/06/2023

- (20) “Apesar de muitos fãs terem ficado abalados com a notícia, não podemos dizer que foi exatamente uma surpresa, já que o ex-casal Brumar vinha dando alguns indícios de que tinha chegado ao fim. **Quer ver?**... Cadê a aliança?”

Fonte: <https://capricho.abril.com.br/famosos/6-indicios-de-que-bruna-marquezine-e-neymar-nao-estavam-bem/> Acesso: 30/06/2023

Em (18) há a evidencialidade de forma reportativa, pois é baseada no relato de uma terceira fonte, provavelmente baseados em estudos sobre o caso, mas a fonte exata não é reportada. Segundo Miranda (2020), a estrutura reportativa possui o poder de conferir credibilidade ou descompromisso ao enunciador, uma vez que não há indicação clara da fonte do discurso. Ou seja, tanto o falante quanto o ouvinte identificam uma estrutura lexical evidencial, onde um substantivo ocupa o lugar da fonte, e a partir dela são inferidos os efeitos de sentido, mesmo que esse substantivo seja indefinido e remeta a uma fonte bastante vaga. Esses usos evidenciam a importância da indicação da evidencialidade na construção do argumento. Além disso, eles demonstram que a expressão lexical da evidencialidade é comumente utilizada na língua portuguesa, ao ponto de ser percebida pelos interlocutores como uma estratégia argumentativa. O estudo da expressão lexical da evidencialidade reportativa e citativa é pertinente por diferentes razões, uma delas é identificada no uso frequente no discurso jornalístico, em que um conteúdo é atribuído a uma fonte, seguindo a reportatividade, mesmo que essa fonte não seja especificada, como é o caso do exemplo em questão.

No exemplo (19) o verbo sensorial “ver” indica um elemento no campo dêitico de interlocutor e locutor, para que, de forma evidencial direta, observe o evento a que se refere. Vendrame (2010, p. 46) afirma que:

Algumas características desse tipo de construção são: o estado-de-coisas da oração matriz e o estado-de-coisas da oração complemento devem ser simultâneos; o estado-de-coisas da oração complemento deve ser perceptível por meio de algum sentido; o estado-de-coisas da oração complemento não pode ser negado independentemente em relação à oração matriz (VENDRAME, 2010, p. 46).

Em (20), há a evidencialidade indireta inferida, em que o falante, mesmo sem testemunhar um fato, faz inferências sobre alguém, ou um fato. Neste caso, infere-se que o casal tenha terminado o relacionamento por causa da ausência do objeto que socialmente é usado no ocidente para marcar envolvimento amoroso - a aliança.

O que se entende por inferência [dedução, nos termos da GDF] é que o falante não presenciou o evento em si, mas é capaz de deduzir a sua ocorrência via alguma evidência resultante. Mais uma vez, vemos o papel do tempo na definição de distinções evidenciais na medida em que esta condição impede, então, referência a eventos que estão ocorrendo no momento do ato de fala ou a eventos futuros.¹ (FLECK, 2003, p.405).

Dik e Hengeveld (1991), trazem o seguinte a respeito dos verbos de percepção, descrito depois por Vendrame-Ferrari (2012, p. 102):

i) percepção imediata de indivíduo, ou seja, a percepção imediata de um indivíduo por outro; ii) percepção imediata de estado-de-coisas, que corresponde à percepção imediata de um estado-de-coisas por um indivíduo; iii) percepção mental de conteúdo proposicional, isto é, a aquisição de conhecimento por meio de um dos sentidos por um indivíduo; e iv) recepção do conteúdo proposicional de um ato de fala, que diz respeito à recepção do conteúdo de um ato de fala por um indivíduo. Dos quatro tipos de construção com verbos de percepção, apenas o primeiro não se presta à expressão da evidencialidade. Os outros três tipos de construções expressam, respectivamente, evidencialidade direta, evidencialidade inferida e evidencialidade reportativa (VENDRAME-FERRARI, 2012, p. 102).

2.4.2 Evidencialidade vs. Epistemicidade

Uma das questões que tem gerado mais discussão e alguma confusão nos estudos recentes sobre a evidencialidade é se esta e a modalidade epistêmica são ou não domínios conceituais distintos. Bernárdez (2017) analisa diferentes tipos de línguas com e sem um sistema gramatical específico de evidencialidade e demonstra como essa categoria é determinada por fatores culturais e cognitivos. Em línguas como o cha'palaa (do norte do Equador), Bernárdez observa que a evidencialidade está associada às condições socioculturais e ambientais dos falantes, concluindo que pequenos grupos que vivem em ambientes isolados e inacessíveis, como a floresta amazônica ou locais com chuva excessiva que impossibilita a locomoção até mesmo para locais relativamente próximos, tendem a desenvolver marcadores evidenciais.

Na literatura das últimas duas décadas, encontram-se três concepções diferentes sobre a relação entre a evidencialidade e a modalidade epistêmica (Dendale & Tasmowski 2001, Marín Arrese et al. 2017): (i) a disjunção de dois domínios conceitualmente distintos, embora relacionados, restringindo a evidencialidade à identificação da fonte e do modo de acesso à informação disponível ao locutor (por exemplo, Anderson 1986, Aikhenvald 2004) ou à identificação da fonte da informação e à avaliação de sua confiabilidade (Cornillie 2009), sempre desconsiderando qualquer julgamento de grau de certeza ou incerteza; (ii) a inclusão da modalidade na evidencialidade (Matlock 1989) ou, mais comumente, da evidencialidade na modalidade, sendo esta um hiperônimo da modalidade epistêmica e da evidencialidade (por exemplo, Willett 1988, Nuyts 2001 e Palmer 2001, que prefere a expressão "modalidade proposicional" como hiperônimo); e (iii) a sobreposição, no sentido de que a evidencialidade inferencial e a necessidade epistêmica constituem um domínio de interseção (Van der Auwera & Plungian 1998) ou no sentido proposto por Boye (2012), segundo o qual a evidencialidade

e a modalidade epistêmica são subcategorias da categoria superordenada de epistemicidade (no sentido etimológico de serem relevantes para a epistemologia).

Neste trabalho, consideramos epistemicidade de maneira apartada ao conceito de evidencialidade, ainda que entendamos que uma possa servir à outra para atestar o estado-de-coisas, e a evidencialidade pode interferir nas convicções e valores que o falante possui ao formular uma hipótese ou ao fazer uma prospecção, como afirma Lucena (2008, p.15):

A evidencialidade determina a qualificação epistêmica uma vez que o sujeito anunciador só procede a avaliação da probabilidade de um estado de coisas quando tem evidências para reconhecer sua estimativa de ocorrer ou não no mundo podendo expressá-las ou não segundo seus propósitos enunciativos.

Todavia, existe um consenso relativo em considerar a evidencialidade e a modalidade epistêmica como noções distintas. A evidencialidade se refere à fonte da informação ou conhecimento e, de acordo com alguns autores, também expressa a confiabilidade dessa fonte e desse conhecimento, bem como a atitude do falante em relação à validade dessa informação ou conhecimento. Por outro lado, a modalidade epistêmica é descrita como a avaliação das chances de que um determinado estado hipotético em consideração ocorra, esteja ocorrendo ou tenha ocorrido em um mundo possível. Essa é uma definição mais restrita e precisa do que a definição tradicional de autores como Palmer (1986), que também consideram o termo epistêmico como indicador do compromisso do locutor com aquilo que está sendo enunciado, não apenas no sentido de 'possibilidade' e 'necessidade'.

Existem, portanto, razões teóricas e práticas para considerar que são categorias distintas. Por exemplo, o falante pode aceitar e apresentar uma afirmação como verdadeira, independentemente de se basear em observação direta, inferência ou discurso relatado. No entanto, a fonte da informação pode ter diferentes graus de confiabilidade, mas isso não implica necessariamente em diferentes graus de compromisso epistêmico por parte do falante, pois a avaliação da probabilidade de algo ser verdadeiro ou ocorrer é diferente da avaliação da confiabilidade da fonte de informação. Evidencialidade e modalidade epistêmica também estão intimamente relacionadas: confiamos mais em informações baseadas em experiência direta do que em inferências, confiamos mais em conhecimentos que coincidem com a realidade do que em conhecimentos que não coincidem ou são especulativos, e informações provenientes de outras pessoas naturalmente têm diferentes graus de confiabilidade. Além disso, as categorias da evidencialidade e da modalidade epistêmica, assim como a maioria das categorias conceituais e linguísticas, não são definidas em termos de "condições necessárias e suficientes", mas são flexíveis e construídas com base em protótipos e efeitos de

prototipicidade, como a teoria do protótipo da psicologia cognitiva e da linguística cognitiva e funcional tem demonstrado. Portanto, é natural que existam expressões que sejam prototipicamente ou periféricamente evidenciais/mediativas e modais epistêmicas, que os limites entre as duas categorias sejam difusos e que haja extensões semânticas (metonímicas ou metafóricas) de uma categoria que possam se aproximar ou se sobrepor à outra. Em termos semânticos, 'confiabilidade' é o que aproxima mais as categorias da evidencialidade e da modalidade epistêmica. Em termos de aplicação referencial das categorias, o mediador inferencial é a subcategoria que mais pode associar evidencialidade e modalidade epistêmica. Embora a confiabilidade da fonte de informação e o compromisso epistêmico do falante não se confundam nem se implicam, eles naturalmente se acompanham nos processos graduais de gramaticalização de expressões lexicais, como os marcadores evidenciais, e nas estratégias discursivas de identificação da fonte e do modo de acesso à informação, construção cognitivo-comunicativa do significado e interação conversacional.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, dispomos os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento desta pesquisa, além de delinear os critérios e valores/atributos controlados. Destaca-se a abordagem qualitativa como fundamental para a pesquisa, em 3.1 Metodologia Qualitativa, reconhecendo a influência do pesquisador e a importância da congruência de métodos. Em 3.2 A composição do corpus, este, proveniente de dados extraídos do Corpus Now entre 2016-2019. Em 3.3 As etapas metodológicas, analisa-se que a presente pesquisa considera as fases do trabalho em cada nível avaliado, aliando a perspectiva qualitativa à quantitativa em alguns momentos para que o trabalho tenha uma abordagem holística e completa. Além disso, no item 3.4 Os critérios de análise, os critérios de análise são estabelecidos para atender aos objetivos específicos, controlando variáveis como polaridade, configuração verbal, modo verbal, entre outros. Ao final, temos os atributos controlados e analisados em 3.5 Coleta.

3.1 A Metodologia Qualitativa

A metodologia é o caminho pelo qual o pensamento percorrerá e qual abordagem será tomada em relação ao objeto estudado. A investigação se inicia por um problema ou dúvida, que serão respondidos a partir de uma teoria utilizada para redarguir a esses fenômenos de modo a permitir que sejam compreendidos plenamente. Entretanto, nenhuma teoria dá conta de responder a todos os questionamentos. A pesquisa qualitativa, portanto, responde a questões particulares, trabalhando com um universo de significações e interpretações possíveis, cuja distinção para a pesquisa quantitativa recai sobre a natureza do objeto (MINAYO, 1994, p. 76).

Dois itens são de importância para conceituarmos uma pesquisa qualitativa: a primeira é o investigador. Destruirmos a noção de que o cientista é o sujeito afastado de crenças e ideologias para estudar seu objeto é fundamental. Nada nem ninguém consegue fazer uma pesquisa sem que haja algum tipo de influência. O investigador possui seu lugar no mundo e, é a partir dele que compreendemos a pesquisa de forma qualitativa. Posicionar o sujeito e suas particularidades é que pode nos mostrar qual o prisma observado, tal qual ao pegarmos um

crystal, aquele que está o segurando o vô de uma forma, ao passo que o outro à frente tem outro ângulo, assim como ao lado direito, esquerdo , etc.

O segundo item é a congruência de métodos de analisar um mesmo objeto, é esta combinação de olhares que possibilita um panorama mais complexo de uma mesma situação.

Mas é preciso dizer ainda que pesquisas qualitativas e quantitativas não concorrem, mas sim, complementam-se. É possível que haja certo hibridismo metodológico para que se tenha resultados mais tangíveis, portanto, a pesquisa bibliográfica será essencial para apoiar e embasar o trabalho aqui desenvolvido.

3.2 A composição do corpus

Para fins de análise, traremos exemplos do corpus do português (<https://www.corpusdoportugues.org/now/>) referentes ao ano de 2016-2019¹⁵, uma base de dados com usos do PB disponível para a pesquisa, da qual se extraíram todos os casos de uso concreto do verbo “querer” (auxiliar) + “ver” (VP - infinitivo).

3.3 As etapas metodológicas

A pesquisa quantitativa é uma abordagem que busca medir e quantificar variáveis e relações, permitindo a generalização dos resultados para a população. Para isso, serão coletados dados de usos do português do corpora supracitado, a fim de obter um grande número de exemplos e identificar padrões e frequências. Os resultados da pesquisa quantitativa complementarão a análise qualitativa, permitindo uma compreensão mais precisa e completa do fenômeno linguístico investigado. Além da pesquisa qualitativa e bibliográfica, a pesquisa linguística em questão também utilizará a pesquisa quantitativa para a análise de dados.

¹⁵ Nesta pesquisa, para fins de análise quantitativa, descartaremos o ano de 2019, uma vez que os dados que compõem o corpus só foram coletados até o 1º semestre do referido ano.

3.4 Os critérios de análise

Para definição dos critérios de análise, primeiramente, repetimos, aqui, nossos objetivos específicos, já apresentados em nossa introdução:

- (i) descrever e analisar as propriedades formais e funcionais que envolvem a construção de predicação complexa [$V_{\text{Volitivo(auxiliar)}} V_{\text{Percepção(ver)Predicador de um estado de coisas(infinitivo)}}$]_{Predicador complexo}], a partir de dados extraídos da amostra *Now*, do corpus do Português;
- (ii) analisar, no PB, os micropassos, tomados como etapas de neoanálises, que derivam na mudança construcional e/ou construcionalização gramatical do esquema construcional mais amplo;
- (iii) investigar o perfilamento ou não da base do significado de futuridade, epistemicidade e evidencialidade em dados sincrônicos do PB;
- (iv) Relacionar os achados descritivos com as propriedades de ordem cognitiva e discursivo-pragmática, bem como as propriedades formais.

Para atender aos objetivos expostos acima, na análise, controlamos os seguintes valores: i) polaridade da predicação (afirmativa, interrogativa ou entre sentenças); ii) configuração da predicação verbal (reduzida ou desenvolvida), bem como o modo verbal (infinitivo, gerúndio ou particípio); iii) presença de elemento negativo (não, nenhum); iv) pessoa gramatical; v) animacidade do sujeito; e vi) tipo de substantivo - concreto ou abstrato.

Além desses fatores, também controlamos os valores de futuridade, epistemicidade e evidencialidade a partir da análise do enunciado discursivo e pragmático.

No decorrer deste trabalho, utilizarei os critérios de Depraetere (2010) para realizar uma análise minuciosa de uma determinada construção. Estes critérios foram estabelecidos pela autora a fim de auxiliar na compreensão e avaliação de fenômenos linguísticos, considerando aspectos como a frequência de ocorrência da construção em um determinado corpus, sua regularidade, sua produtividade, sua competição com outras formas linguísticas, entre outros. Com base nesses critérios, pretendo examinar a construção em questão de forma sistemática, a fim de compreender sua estrutura, suas funções e seu uso em diferentes contextos linguísticos.

3.5 A coleta de dados

A coleta do corpus para esta pesquisa foi realizada a partir da amostra Now, disponível no site do Corpus do Português (<https://www.corpusdoportugues.org/now/>), referente aos anos de 2016 a 2019, cuja base de dados do português oferece uma variedade de usos da língua, permitindo a extração de casos específicos para a análise proposta neste trabalho.

O foco da coleta foi direcionado para todos os casos de uso concreto do verbo "querer" como auxiliar, seguido do verbo "ver" no infinitivo (VP - infinitivo). Essa escolha foi feita para investigar a construção de predicação complexa e analisar as propriedades formais e funcionais envolvidas nesse padrão linguístico específico.

As etapas metodológicas da pesquisa incluem uma abordagem quantitativa, que visa medir e quantificar variáveis e relações. A coleta de dados do corpus citado proporcionou um grande número de exemplos, permitindo a identificação de padrões e frequências. Esses resultados quantitativos complementarão a análise qualitativa, proporcionando uma compreensão mais precisa do fenômeno linguístico em questão.

Os critérios de análise foram estabelecidos para atender aos objetivos específicos do trabalho, incluindo a descrição e análise das propriedades formais e funcionais da construção de predicação complexa, a análise de micropassos no português brasileiro (PB) que levam a mudanças construcionais, a investigação do perfilamento de significados como futuridade, epistemicidade e evidencialidade, e a relação dos achados descritivos com propriedades cognitivas e discursivo-pragmáticas, bem como propriedades formais.

Os critérios de análise abrangem aspectos como polaridade da predicação, configuração da predicação verbal, modo verbal, presença de elementos negativos, pessoa gramatical, animacidade do sujeito, tipo de substantivo (concreto ou abstrato), futuridade, epistemicidade e evidencialidade. Além disso, a pesquisa considera elementos discursivos e pragmáticos na análise do enunciado.

Durante o trabalho, foram utilizados os critérios propostos por Depraetere (2010) para realizar uma análise minuciosa da construção em questão. Esses critérios incluem a frequência de ocorrência da construção no corpus, sua regularidade, produtividade e competição com outras formas linguísticas, entre outros. Essa abordagem sistemática visa compreender a estrutura, as funções e o uso da construção em diferentes contextos linguísticos.

Abaixo, resumimos os atributos controlados nesta dissertação.

Tabela 1- Atributos e valores controlados

Atributo controlado	Valores
Animacidade do sujeito	Animado Inanimado
Pessoa/ pronome	Pronome Nome Pessoa genérica
Elemento negativo	Presença Ausência
Configuração da Predicação	Infinitivo Particípio Gerúndio
Modo verbal	Subjuntivo Indicativo Imperativo Vazio
Polaridade da Predicação	Afirmativa Interrogativa
Posição da construção	Início Entre períodos Final
Tipo de sujeito	sujeito expreso sujeito elíptico
Elemento pragmático	Futuridade Epistemicidade Evidencialidade

4 QUER VER COMO FICOU A ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O presente capítulo explora a descrição e análise das propriedades formais e funcionais que envolvem a construção de predicação complexa [V_{Volitivo(auxiliar)} V_{Percepção(ver)Predicador de um estado de coisas(infinitivo)} Predicador complexo] a partir de diferentes contextos linguísticos. A seção 4.1 apresenta o panorama de usos a partir da verificação da frequência de ocorrência distribuídas no período de 2012 a 2018. Na seção 4.2, o foco se volta para a análise da polaridade da predicação, em que analisamos desde interrogativas com sujeito expresso ou elíptico até enunciados afirmativos, no início ou no final do enunciado, e até mesmo entre dois enunciados independentes. A seção 4.3, observamos a configuração da predicação verbal. Exploramos as orações subordinadas substantivas objetivas diretas reduzidas, considerando a presença de participípios, gerúndios e conjunções "que" e "como". As subseções 4.3.4 e 4.3.5 focam em orações desenvolvidas e na combinação "quer ver que" e "quer ver como", respectivamente. A subseção 4.3.6 compara "quer ver que" com a inversão da conjunção em "quer que veja" destacando diferenças modais e perdendo o caráter modalizador na segunda construção. As seções (4.4 a 4.5) aprofundam a análise, explorando o papel do sujeito agente ou experienciador, e os perfilamentos de futuridade, epistemicidade e evidencialidade envolvidos na construção "[quer ver]."

4.1 Panorama de usos das microconstruções

As formas linguísticas são motivadas por diversos fatores, que não se limitam apenas ao aspecto comunicativo ou social, mas também abrangem fatores cognitivos, estruturais e históricos. Esses fatores atuam de maneiras distintas nos diferentes contextos de comunicação, podendo se complementar ou se anular. Isso significa que é fundamental adotar uma metodologia que considere não só a interdependência desses fatores, mas também a sua atuação específica de acordo com o contexto.

Já que estamos interessados no uso real da língua em interações comunicativas, é de grande importância verificar a frequência de ocorrência de um fenômeno linguístico, pois isso indica sua consagração como estratégia de comunicação em determinado contexto. É

relevante investigar como os aspectos interacionais na interação verbal se transformam em construções gramaticais disponíveis para o uso da língua.

Nesse sentido, nós pesquisadores buscamos identificar e avaliar fatores de natureza cognitiva e pragmático-discursiva que influenciam as tendências de manifestação do fenômeno analisado, levando em conta as restrições formais que podem estimular ou bloquear essas tendências de regularização.

Nos interessa identificar as diferentes motivações funcionais e avaliar o efeito de cada uma delas na configuração concreta do fenômeno em análise. O aspecto qualitativo se refere ao caráter descritivo e interpretativo da análise, baseado na observação das amostras coletadas, enquanto a dimensão quantitativa está relacionada à mensuração do material empírico na amostra, tanto em termos absolutos, quanto percentuais.

Após a coleta de dados no corpus do Português *Now*, dos anos de 2012 a 2018, observa-se que a frequência de uso das construções [quer ver], [quer ver que] e [quer ver como] é bastante produtiva, sendo encontrada a microconstrução [quer ver] em 5.099 construtos; [quer ver que] em 11 construtos, e [quer ver como] com 81 ocorrências. A hipótese é de que [quer ver] seja mais produtivo pois é mais fixo na língua, sendo utilizado tanto na modalidade oral, quanto escrita. Além disso, o verbo “querer” pode ser associado a outros verbos, *quer cantar, quer comer*, entre outros. Já [quer ver que] parece ser mais produtivo na fala espontânea, visto que, nos momentos que apareceram o corpus, eram transcrições da fala para a escrita, como entrevistas, ou registros orais. A construção [quer ver como] parece estar em uma fase mais avançada de construcionalização gramatical que [quer ver que], porquanto é encontrada por mais vezes no corpus. Vejamos a frequência total de ocorrências no corpus investigado, conforme quadros, a seguir.

Quadro 6 - Frequência de ocorrências de “quer ver”

QUER VER	SECTION	ALL	2012-1	2012-2	2013-1	2013-2	2014-1	2014-2	2015-1	2015-2	2016-1	2016-2	2017-1	2017-2	2018-1	2018-2
	FREQ	5.069	60	78	216	217	274	278	288	310	299	411	700	705	610	623
	WORDS (M)	1443	17.7	19.7	55.3	60.1	62.0	65.7	72.0	76.0	73.7	96.5	166.8	165.2	146.1	167.0
	PER MIL	3.97	3.39	3.95	3.90	3.61	4.42	4.23	4.00	04.08	04.06	4.26	4.20	4.27	4.18	3.73

Quadro 7 - Frequência de ocorrência de “quer ver que”

QUER VER QUE	SECTI ON	ALL	2012- 1	2012- 2	2013- 1	2013- 2	2014- 1	2014- 2	2015- 1	2015- 2	2016- 1	2016- 2	2017- 1	2017- 2	2018- 1	2018- 2
	FREQ	11	0	0	0	0	2	0	1	0	0	0	1	3	2	2
	WORD S (M)	1443	17.7	19.7	55.3	60.1	62.0	65.7	72.0	76.0	73.7	96.5	166.8	165.2	146.1	167.0
	PER MIL	0.01	0.00	0.00	0.00	0.00	0.03	0.00	0.01	0.00	0.00	0.00	0.01	0.02	0.01	0.01

Quadro 8 - Frequência de ocorrência de “quer ver como”

QUER VER COM O	SECTI ON	ALL	2012- 1	2012- 2	2013- 1	2013- 2	2014- 1	2014- 2	2015- 1	2015- 2	2016- 1	2016- 2	2017- 1	2017- 2	2018- 1	2018- 2
	FREQ	82	1	4	2	4	2	7	8	9	8	5	11	4	12	5
	WORD S (M)	1443	17.7	19.7	55.3	60.1	62.0	65.7	72.0	76.0	73.7	96.5	166.8	165.2	146.1	167.0
	PER MIL	0.06	0.06	0.20	0.04	0.07	0.03	0.11	0.11	0.12	0.11	0.05	0.07	0.02	0.08	0.03

Como estamos diante de um universo extenso de dados, nosso recorte de análise será de 5% da frequência total de uso da construção “quer ver” e 100% de “quer ver que” e “quer ver como”. Assim, temos o seguinte quadro de dados, os quais consideramos em nossa análise.

Tabela 2 - Panorama de ocorrências - corpus da pesquisa

	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	TOTAL
quer ver	7	21	27	29	35	70	61	250
quer ver que	0	0	2	1	0	4	4	11
quer ver como	2	3	4	8	6	7	9	39
TOTAL	9	24	33	38	41	81	74	300

Fonte: a autora.

Observa-se que a produtividade das construções “quer ver que”, “quer ver como” e “quer ver”, coletadas no corpus do português Now, têm um crescimento de 2012 a 2018, o

que nos faz considerar que há um processo de mudança linguística em que as construções analisadas, aparentemente, estão mais consolidadas, tanto no que tange ao verbo “querer” como auxiliar, quanto ao verbo “ver” como verbo que passa de verbo sensorial a verbo de processamento mental. Observemos no gráfico (01) a seguir.

Gráfico 1 - Frequência de ocorrências da microconstruções “quer ver”, “quer ver que” e “quer ver como”



Fonte: a autora.

Após termos apresentados a frequência de ocorrências, conforme disposto no quadro anterior, passamos a observar as propriedades que compõem a construção. Nossa primeira etapa de análise recai sobre a avaliação i) polaridade da predicação (interrogativa, afirmativa ou entre sentenças); ii) posição da construção e iii) presença ou não de elemento negativo.

4.2 Polaridade da predicação

Na Gramática Cognitiva Baseada no Uso (GCBU), vários conceitos fundamentais ajudam a compreender a estrutura e funcionamento da linguagem. Entre eles estão a polaridade, que se refere à propriedade que uma expressão linguística tem de ser positiva ou negativa. Na GCBU, a polaridade é vista como uma característica contextualmente sensível, podendo variar de acordo com o contexto e a intenção comunicativa do falante. Por exemplo, na frase "Ele tem dinheiro", a expressão "tem" possui polaridade positiva, enquanto em "Ele não tem dinheiro", a polaridade é negativa.

Ao analisarmos os dados, encontramos diferentes configurações de uso da construção [quer ver], que passamos a explorar. Tal investigação inicial já evidencia a produtividade

dessa construção. Ao apresentar uma extensibilidade de configurações possíveis, revela-se a sua aplicabilidade em múltiplos contextos.

No escopo da análise que empreendemos, torna-se evidente a presença de diversas possibilidades de usos da construção em questão. Não é nosso objetivo avaliar a força ilocucional, mas sim verificar se há uma correlação entre a configuração das propriedades formais com o tipo de perfilamento semântico (futuridade, epistemicidade e evidencialidade). O perfilamento semântico é um conceito da linguística cognitiva que se refere à maneira como as propriedades formais de uma expressão linguística estão relacionadas aos seus significados semânticos. Essa correlação entre a configuração das propriedades formais e o tipo de perfilamento semântico, como futuridade, epistemicidade e evidencialidade, é fundamental para entender como os falantes constroem e interpretam significados em diferentes contextos linguísticos.

Talmy (2000) embasa essa ideia, um linguista cognitivo conhecido por seus estudos sobre a relação entre a linguagem e o pensamento. Talmy (2000) propõe que a estruturação do significado na linguagem reflete a estruturação da experiência humana no mundo, e isso é evidente na forma como as propriedades formais das expressões linguísticas estão relacionadas aos seus significados semânticos.

Por exemplo, a escolha de determinadas estruturas gramaticais, como tempos verbais ou modalidades, pode indicar se uma expressão está relacionada à futuridade, epistemicidade ou evidencialidade. Essas propriedades formais ajudam a sinalizar como o falante está concebendo a informação transmitida e como ela deve ser interpretada pelo ouvinte.

A sua extensibilidade manifesta-se através de contextos distintos, englobando desde i) interrogativa com sujeito expresso; e ii) interrogativa com sujeito elíptico. Além disso, essa estrutura também se estende a enunciados afirmativos, seja posicionando-se no iii) início do enunciado ou iv) final do enunciado. Além das possibilidades mencionadas, ainda se evidencia a ocorrência: v) entre dois enunciados de forma independente. No decorrer da análise, dedicaremos nossa atenção a cada uma dessas modalidades.

Assim, entre as possibilidades de usos, observamos a ocorrência em atos interrogativos, conforme se observa nos exemplos de (21) a (25), a seguir. Nestes exemplos, temos a ocorrência de [quer ver] iniciando o enunciado, como em (21), (22) e (23), sem preenchimento do sujeito, ou com preenchimento de sujeito, como em (24) e (25).

- (21) *“Quer ver seus vídeos do celular numa tela bem maior? Isso só poderá ser feito se os arquivos forem maiores que 100 MB e pedem que você faça o download para o computador.”*

Fonte: <http://apps.oi.com.br/blogapps/o-airdroid-e-um-app-que-exibe-os-arquivos-do-seu-smartphone-no-desktop-sem-o-uso-de-cabos/>. Acesso em: 23/08/22).

- (22) *“Quer ver em detalhe essa make?”*

Fonte: <https://gshow.globo.com/realities/the-voice-kids/noticia/the-voice-kids-veja-os-looks-dos-tecnicos-e-apresentadores-para-o-segundo-dia-de-shows-ao-vivo.ghtml> Acesso: 27/06/2023.

- (23) *“Quer ver mais alguma coisa? Os cavalos selvagens, não?”*

Fonte: <https://observador.pt/especiais/sao-lourenco-do-barrocal-no-interior-do-alentejo-ha-um-hotel-que-se-pode-comer/>

- (24) *“Você quer ver uma coisa interessante?”, deu uma volta e nós sobrevoamos uma taba de índios [habitação indígena menor que a oca]”.*

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/01/1846102-imagens-de-aldeias-evidenciam-papel-da-demarcacao-diz-cineasta.shtml> Acesso em: 19/06/2023.

- (25) *“E eu te pergunto: **Maurício**, o senhor não quer ver Jesus? Tocá-lo? Abraçá-Lo? Não é esta nossa esperança futura?”*

Fonte: <https://apenas1.wordpress.com/2011/09/26/cristao-deve-ouvir-musica-do-mundo/>. Acesso em: 23/08/22).

Em (21), há sentido de volição, de forma intersubjetiva, quando o locutor pergunta sobre o desejo/intenção do interlocutor “ver”, em seu sentido [+composicional]. A presença do complemento “seus vídeos do celular numa tela bem maior” especificam o desejo do locutor que convida o interlocutor a uma experiência, proposta por uma propaganda, de forma concreta. O sujeito elíptico animado “você” compõe a construção com o verbo “quer” na terceira pessoa gramatical do singular, junto ao verbo “ver” no infinitivo, formando o ato interrogativo, a qual não depende de uma resposta, mas sim uma indicação, proveniente de uma restrição cuja enunciação prejacente está semanticamente atrelada, uma condicional. Dessa forma, a ação futura pode ser concretizada em um futuro aproximativo ou não,

conforme Szczes'niak (2017), que afirma que, em certos contextos, construções que utilizam o verbo querer indicam o futuro imediato, como na fórmula 'X está prestes a infinitivo'.

O leitor genérico referido pelo pronome "você" é uma estratégia linguística amplamente utilizada na escrita para estabelecer uma conexão direta com o leitor e envolvê-lo no processo interpretativo. Conforme destacado por Bakhtin (1981), o uso do pronome "você" cria um efeito de proximidade e intimidade na comunicação escrita, fazendo com que o leitor se sinta diretamente envolvido na mensagem. Segundo Ferreira (2003), o leitor genérico, representado pelo pronome "você", é uma figura indefinida, porém, carrega consigo uma carga de identificação coletiva, abrangendo todos os possíveis leitores. Essa estratégia tem como objetivo principal criar uma interação mais próxima entre o texto e o leitor, permitindo uma maior identificação e participação ativa na construção de significados. A utilização do leitor genérico também permite uma maior liberdade de interpretação por parte do leitor. Como não se refere a uma pessoa específica, cada leitor pode se identificar de maneira única com a mensagem, trazendo suas próprias experiências, sentimentos e perspectivas para a interpretação do texto. Isso amplia o alcance do texto, tornando-o mais acessível e adaptável a diferentes públicos.

No exemplo (22), a construção interrogativa abriga um lexema verbal volitivo complexo, em que o Vvolitivo “querer” conjuga-se na terceira pessoa do singular e “ver” permanece no infinitivo. O sujeito elíptico é animado “você”, mas não especifica um ser do mundo real, mas sim constitui uma sentença intersubjetiva que convida todo aquele que estiver lendo para visualizar a maquiagem da qual se referêcia, um objeto concreto, isso pode ter sido constituído por meio do “você” genérico, visto que o leitor genérico "você" é uma estratégia utilizada para estabelecer uma conexão mais próxima entre o texto e o leitor, permitindo uma maior identificação e participação ativa na construção de significados. Essa abordagem busca criar uma relação de proximidade, estimular o engajamento e proporcionar uma experiência de leitura mais envolvente, que se concretiza com a observação *in locu* da imagem. O futuro neste caso, imbrica-se com a evidencialidade, pois, além da realização do ato enunciativo se concretizar em um tempo posterior ao da predicação volitiva, também se executará por meio da dêixis, o que atrela [querer ver] a [ver] de fato. De acordo com Costa Souza & Vieira (2020), neste tipo de construto, “a interpretação do verbo querer meramente volitivo não é possível, já que ele passa a remeter ao que está por vir e emerge uma inferência ligada à realização/consecução de um estado de coisas num tempo futuro”, e que, em nosso entendimento, estão diretamente relacionados à evidencialidade do EC, de forma direta, extraído do campo dêitico.

No vigésimo terceiro exemplo, temos uma construção totalmente composicional: o interlocutor deseja mostrar, na dêixis, um elemento do mundo real. O verbo “querer” volitivo, ao perguntar se o outro deseja olhar, sensorialmente, algum outro elemento possivelmente presente no campo dêitico em que os falantes compartilham. Neste caso, a sentença é [+composicional], [+ evidencial direta]. O sujeito elíptico animado “você”, dessa vez não é generalizado, mas sim aquele que participa ativamente da enunciação. A interrogação feita mobiliza o lexema verbal volitivo complexo que se liga a um predicador de um estado de coisas na forma de infinitivo - “ver”.

Em (24), o sujeito marcado e animado “*você*” - topicalizado - a topicalização do pronome “você” é um fenômeno linguístico observado em estruturas interrogativas, no qual o pronome é colocado no início da frase, antes do verbo. De acordo com Byers (2010, p. 56), a topicalização do pronome “você” em estruturas interrogativas é uma estratégia utilizada para enfatizar a pessoa a quem se dirige a pergunta. Ao colocar o pronome no início da frase, o falante direciona a atenção para a pessoa do pronome, conferindo-lhe uma posição de destaque na pergunta. Byers (2010) destaca que, além do aspecto de focalização do pronome, a topicalização de “você” também pode ser influenciada pelo contexto comunicativo. Em situações em que há um maior grau de intimidade ou familiaridade entre os interlocutores, a tendência de utilizar a topicalização é maior. Já em contextos formais ou com interlocutores desconhecidos, essa estratégia pode ser menos comum. O autor ainda argumenta que o uso da topicalização do pronome “você” em estruturas interrogativas pode variar de acordo com a região e o dialeto do falante. O interlocutor é convidado pelo falante a experienciar um cenário que, para ele é uma composição interessante, portanto, deveria ser contemplada pelo interlocutor, em que a proposição a quem se dirige é alguém específico. A predicação traz o referente de forma concreta, traçando a implicatura de futuridade pelo verbo volitivo “quer”, apesar de estar no presente, configura uma ação posterior à interrogação feita no excerto analisado, embora não requeira uma resposta ou ação daquele a quem se refere: “*querer ver algo interessante*” é uma proposição que não pede complemento, mas se confirmará com as evidências disponíveis no momento da fala - querer mostrar algo vs. mostrar no futuro posterior ao questionamento. Ou seja, a realização da proposta está ancorada na própria dêixis, o que completa o significado do proposto. O sujeito agora não só convida ou dá comandos, como também participa e mostra, no campo dêitico, a evidencialidade de forma direta. A posição da construção “quer ver” no início do sintagma, de forma interrogativa marca uma provocação/proposição para o outro, de forma retórica, para a consecução no tempo posterior, como um intervalo de tempo entre pergunta e “resposta”.

No exemplo (25) os traços prototípicos permanecem nos dois verbos, "querer" e "ver", por meio de um questionamento se o interlocutor não tem a intenção de olhar para Jesus, em estar na presença, no campo dêitico dele. Existe outra forma metafórica, da qual não trataremos, mas vale a pena a comparação: existe uma expressão totalmente especificada idêntica a esta "quer ver Jesus", porém refere-se, semanticamente, do ato de "morrer". Trata-se de uma polissemia, apenas compreendida pelo contexto. O sujeito animado, marcado, compõe a interrogativa, ligando-se ao lexema verbal volitivo "querer" na terceira pessoa do singular, que, por conseguinte, une-se ao verbo infinitivo sensorial de percepção visual, tornando a enunciação totalmente composicional.

Além dos exemplos acima, encontramos também a configuração sem a configuração de negação da ação do enunciado, em início do enunciado, conforme os exemplos (26), (27) e (28), a seguir.

(26) *"O George **quer ver** um dos seus melhores amigos, o Brad Pitt, feliz novamente", afirmou uma fonte à revista Life & Style."*

Fonte: <https://www.flash.pt/celebridades/detalhe/surpresa-jennifer-aniston-e-brad-pitt-novamente-juntos>. Acesso em: 23/08/22).

(27) *"Agora, a psicóloga não **quer ver** Basma nem pintada de ouro".*

Fonte: <https://gshow.globo.com/novelas/orfaos-da-terra/noticia/helena-expulsa-basma-dalila-de-seu-quarto-va-embora-daqui.ghtml>. Acesso em: 23/08/22).

(28) *"Sem essas provas, só pelo pênalti não marcado, acho que não caberia. A gente **quer ver** as provas ...".*

Fonte: <https://globoesporte.globo.com/al/futebol/times/csa/noticia/advogado-do-csa-sestario-explica-pedido-de-impugnacao-do-jogo-contra-o-fla-var-demorou-demais.ghtml>. Acesso em: 23/08/22).

Em (26), o significado de "quer" é volição/intenção/desejo já que resulta da ação de [x quer y]. Contudo, na sequência "quer ver seu amigo feliz", "ver" não está sendo empregado no sentido de percepção visual, mas sim de experienciar, presenciar um fato. Portanto a construção é formada por querer [+prototípico] e "ver" [-prototípico]. Tais definições podem ser formadas pelo grau de abstração do substantivo "feliz", que pode ter acarretado o traço [-prototípico] para "ver", tornando a sentença [-composicional]. O sujeito animado marcado

“George” configura, junto à perífrase “quer ver”, uma predicação verbal simples, em que o verbo auxiliar “quer”, exercendo valor gramatical de auxiliar de futuro, ainda que mantenha relação com a volição, parece compor uma construção de volição-futuridade.

Em (27) a “psicóloga não quer ver Basma nem pintada de ouro”, “ver (X) nem pintado X de ouro” é uma construção semipreenchida utilizada no PB que significa não desejar a presença de uma ou mais pessoas específicas. Apresenta-se como uma construção parcialmente especificada - lexical, morfossintática e semanticamente, cuja frequência sem modificações é relativamente alta, indicando que, possivelmente seja resultante do processo de construcionalização, em que o interlocutor apresenta uma rejeição forte a outrem, em que o estatuto perifrástico potencializa a inferência de funcionalidade. Além disso, apenas o verbo “querer” apresenta o traço [+prototípico], ao passo que “ver” é [-prototípico], formando uma estrutura [-composicional], porquanto “ver” significa “estar na presença”, dividindo o mesmo ambiente que a pessoa a quem se refere. Segundo Costa, Souza & Vieira (2020):

Querer pode, ainda, integrar construções cristalizadas (tais como quer dizer, quer saber e quer ver), que indiciam resultarem de um processo de construcionalização que se nota a partir da opacidade do significado do significado de desejo de V^{1e} da repetição de combinações com algum grau de fossilização de certos lexemas com querer, assim como das significações inferidas desse chunkings; supomos que tais combinações estão estocadas na memória como unidades com forma e funcionalidade (relativamente) fixas (COSTA, SOUZA & VIEIRA, 2020, p. 48).

O sujeito animado compõe uma predicação afirmativa, conjugando-se o V volitivo na terceira pessoa do singular, e “ver” permanece na forma infinitiva. Não há a presença de elementos evidenciais, contudo, existe a perspectiva de futuro, ainda que hipotético.

Já em (28), o enunciador é o sujeito animado, porém genérico, “a gente” deseja “ver”, “colocar os olhos” nas provas, o que torna a sentença [+prototípica] - tanto “querer” denota volição, quanto “ver” carrega as propriedades de percepção, o que faz com que a sentença seja [+composicional]. A predicação integra uma polaridade afirmativa cujo lexema volitivo se liga a um verbo no infinitivo predicador de um estado de coisas.

Até aqui, vimos que podem a construção [quer ver] pode estar associada a enunciados interrogativos, como os exemplos acima, bem como a enunciados afirmativos, como os exemplos xxx. Outra possibilidade de uso é a ocorrência da construção [quer ver] em final de sentença afirmativa, conforme os exemplos (29), (30) e (31), a seguir

(29) “*Gente vamos orar, o fim está próximo volta de Jesus já está aí ninguém **quer ver**. Isso que aconteceu com essas criança é inaceitável tem que dar cadeia*”.

Fonte: <https://www.tercalivre.com.br/casal-homossexual-assassinou-garoto-de-7-anos-a-marteladas-por-nao-aceitar-se-vestir-como-menina/>. Acesso em: 24/08/22).

(30) “*Mas, a julgar pelos primeiros capítulos, é justamente isso que o público **quer ver**. Com uma agilidade impressionante, Walcyr Carrasco faz uso sem nenhum pudor...*”

Fonte: <https://www.24horasnews.com.br/entretenimento/orfaos-da-terra-repete-sina-da-faixa-das-18h-e-gera-impaciencia-com-novo-ritmo.html>. Acesso em: 24/08/22).

(31) “*Agora, o sapato é mais importante do que eu, todo mundo **quer ver**. O sapato virou uma atração à parte no casamento.*”.

Fonte: <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/musica/joao-rock/2019/noticia/2019/06/18/pitty-autografa-sapato-de-casamento-estampado-com-versos-de-equalize-por-noiva-fa.ghtml>. Acesso em: 23/8/22).

No excerto (29), o sujeito animado “ninguém” liga-se aos predicadores verbais “querer”, na terceira pessoa do infinitivo, e “ver” na sua forma infinitiva. Esta construção parece passar pelo processo de construcionalização gramatical, visto que desempenha, além do papel de predicador, o papel de volição-futuridade, e, o novo significado que emerge da construção é o de que X ignora Y - “A volta de Jesus está aí ninguém quer ver” - ou seja, ignora-se propositalmente um fato, o que afasta o sentido prototípico dos lexemas volitivos.

Em (30) o sujeito animado “público” liga-se aos predicadores volitivos complexos “quer ver”, conjugados de maneira afirmativa, respectivamente, na terceira pessoa do singular e na forma infinitiva, constituindo a perífrase servindo para prospectar temporalmente o estados de coisas prejacente, o qual se encontra na primeira parte da enunciação - isso - formando uma anáfora e resgatando a referenciação.

O exemplo (31) traz o sujeito animado “todo mundo”, configurando a predicação de polaridade afirmativa, conjugada na terceira pessoa gramatical. O objeto concreto “sapato” é recuperado com a referenciação ao item da oração prejacente, em uma repetição, que promove um elo coesivo. O lexema volitivo, unido ao lexema infinitivo, aquele conjugado na terceira pessoa do singular, comporta-se como um operador de futuridade.

Por fim, encontramos ainda a possibilidade da construção ocorrer entre dois enunciados, conforme os exemplos (32) e (33), que passamos a explorar.

- (32) *“Ora, senhoras leitoras, senhores leitores, toda vez que vocês esbarram com o chamado “furo” de uma investigação o que está acontecendo ali quase sempre tem também um outro nome: ilegalidade. **Quer ver?** Alguma emissora ou jornal ficou choramingando as horas e horas de vazamento i-le-gal sobre a contabilidade do senador Flávio Bolsonaro?...”*

Fonte: <https://www.poder360.com.br/opinio/volta-o-filme-como-e-que-e-grampos-agora-vem-do-ceu-indaga-mario-rosa/>. Acesso em: 23/08/22).

- (33) *“Um menino, o Curtis Weintraub, que é da minha turma, me empurrou quando eu estava descendo a escada no parque”, ela disse. **“Quer ver?”** Ela começou a tirar o esparadrapo do braço.”*

Fonte: <https://cultura.estadao.com.br/blogs/estado-da-arte/j-d-salinger-o-apanhador-no-campo-de-centeio/>. Acesso em: 23/08/22).

Observa-se que o posicionamento da construção “quer ver” entre sentenças, frequentemente, possui a polaridade interrogativa, constituindo a predicação de modo a exemplificar a primeira enunciação, reforçando o argumento prejacente, com a presença no exemplo que vem na construção seguinte, de forma reportativa direta - em que o material da evidencialidade é extraído pelo falante diretamente da dêixis, ou indireta - reportativa, em que o interlocutor tem a informação que extraiu de outra fonte - soube por outrem. Isso acontece porque a construção liga a primeira parte da enunciação a terceira, assemelhando-se a uma espécie de operador exemplificativo reportativo. Assim, em (32), temos a reportativa indireta, e em (33), a reportativa direta.

4.3 Configuração da predicação verbal

Neste momento, procederemos à análise da estrutura das orações presentes nos exemplos coletados, para determinarmos se elas são reduzidas ou desenvolvidas. Ao examinar as orações reduzidas, será observado o uso de participios e gerúndios. Por outro lado, nas orações desenvolvidas, focaremos na presença das conjunções “que” e “como” (além deste como advérbio de modo), as quais são utilizadas para conectar informações de maneira mais detalhada.

Observa-se que o modal exerce influência direta na gradualidade como afirma Ferreira (2020):

o complemento de todos os verbos modais pode hospedar um operador de futuro que se manifesta na morfologia do próprio verbo. Propõe-se também que o complemento dos modais epistêmicos hospeda uma projeção de tempo cujo núcleo é alçado para a oração principal, novamente se manifestando morfossintaticamente como desinência do verbo.

Isso pressupõe dizer que os complementos dos verbos modais possuem a tendência de projetar o tempo futuro, cujo núcleo dos epistêmicos é alçado na oração principal (OP), apresentando-se na morfologia do verbo. De acordo com Ferreira (2020), tempo e modalidade foram tratados como domínios distintos, sem levar em conta questões modais quando se tratou de tempo e questões temporais quando se tratou de modalidade. Isso pode ser considerado duplamente contraintuitivo, uma vez que obrigações, permissões, evidências e conhecimento mudam ao longo do tempo. O que sabemos hoje pode não ser o mesmo que sabíamos ontem, e as leis e permissões também podem mudar.

Portanto, é necessário incorporar a perspectiva temporal nos operadores modais, como proposto por Condoravidi (2002). Por conseguinte, o uso do tempo futuro irá preencher a lacuna do verbo modal na questão temporal, e a forma infinitiva do predicado principal será vista como acontecendo ao mesmo tempo do futuro. Em outras palavras, o operador de futuro terá influência sobre o verbo modal.

De acordo com Bernardo (2004, p. 118) “a subordinação é definida em termos de dependência sintática, já que a oração subordinada consiste em um termo que exerce função na principal, e semântica, porque a subordinada não tem sentido completo sem a principal”.

As orações encontradas com a estrutura “quer ver” são as Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas (OSSOD), a maioria desenvolvidas, mas também encontramos casos de reduzidas, que analisamos mais adiante.

No Português Brasileiro (PB) contemporâneo, é comum observarmos o uso das conjunções “que” e “se” como conectores entre as Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas (OSSOD) e suas respectivas Orações Principais (OP). Entretanto, este capítulo investigará exemplos em que o termo “como” desempenha o papel de conjunção integrante, possivelmente enraizada na forma arcaica do português, conforme mencionado por Castilho (2012).

Através de uma análise dos dados coletados em corpora do PB contemporâneo, identificamos a presença do uso do termo “como” como conectivo nas construções OSSOD-

OP. Embora sua ocorrência seja menos frequente em comparação com as conjunções "que" e "se", evidências sugerem que essa conjunção integrante ainda é utilizada em contextos específicos.

Dentre os contextos observados, destacam-se os casos em que o termo "como" é utilizado para introduzir uma comparação entre a OSSOD e a OP. Por exemplo, em frases como "Ele agiu como se tivesse conhecimento prévio do assunto", a conjunção "como" é empregada para estabelecer uma relação de semelhança entre a ação realizada pelo sujeito e a possibilidade de ter tido conhecimento prévio.

Vale ressaltar que o uso do termo "como" como conjunção integrante pode ter sua origem no português arcaico, conforme mencionado por Castilho (2012). No entanto, novas investigações são necessárias para analisar a presença dessa construção em diferentes variedades do PB contemporâneo, bem como sua influência no uso de outras conjunções integrantes.

4.3.1 A Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta Reduzida

Os lexemas verbais de predicação complexa “quer ver”, desenvolvidos ou reduzidos, afastam as características prototípicas de volição do verbo “querer” e de percepção visual do verbo predicado de estado de coisas “ver”. Isso parece ocorrer porque os modais não são cobertos por uma projeção TP encabeçada por um tempo e a perspectiva temporal é sempre ancorada no momento de fala. Eles tomam um complemento proposicional que inclui uma projeção de tempo, que hospeda uma proforma temporal que pode ser projetada para a oração principal, aparecendo na superfície como uma desinência verbal.

Quando a posição à direita é ocupada por um elemento, este pode modificar o sentido dos verbos “querer” e “ver”. Observemos que não se trata mais de locuções verbais, mas sim de orações subordinadas substantivas objetivas diretas reduzidas. O sentido do complemento modifica os verbos à esquerda, dotando-os de caráter [- sensorial], ou [+ metafórico].

4.3.2 OSSOD Reduzida de Particípio

Ao discorrer sobre as orações subordinadas substantivas objetivas diretas reduzidas de particípio e de gerúndio, é relevante destacar as considerações feitas por Neves (1997) cuja assevera que o particípio e o gerúndio são formas nominais do verbo, sendo que o particípio denota uma ação concluída, enquanto o gerúndio expressa uma ação em processo. Neves (1997) ressalta a importância de observar a concordância e a regência dessas formas verbais quando utilizadas como substantivo, bem como o seu uso adequado na formação das orações reduzidas. Ao analisar essas estruturas, a autora enfatiza a necessidade de atentar para as relações semânticas estabelecidas e a coerência textual.

- (34) *“Por um valor que vai de US\$ 7 (R\$ 26) a US\$ 2,5 mil (R\$ 9,5 mil), é possível comprar um vídeo em que seu famoso favorito conversa com você. Dá até para mandar a ele o roteiro da mensagem que você **quer ver** declamada...”*

Fonte: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/celebridades/astros-de-hollywood-se-vendem-para-fana-internet-por-ate-r-95-mil-27715>. Acesso em: 24/08/22).

- (35) *“Vanderlei Luxemburgo afirmou que não **quer ver** o seu time relaxado depois de ter vencido a primeira no Brasileirão”.*

Fonte: <https://jornaldebrasil.com.br/torcida/em-meio-a-greve-de-funcionarios-elenco-do-vasco-foca-no-ceara-para-deixar-degola/>. Acesso em: 24/08/22).

Em (34), o sujeito animado “você” liga-se ao predicador complexo [V volitivo querer + V infinitivo ver] e a perífrase se une ao verbo “declamar” na sua forma nominal no particípio, sem a intermediação de conjunção integrante. Observa-se que há o traço de volição, o verbo “ver” é representado de forma multimodal, uma vez que se atrela tanto ao sentido prototípico de “fitar com os olhos”, quanto a certa metaforização sinestésica da visão, em que a audição seria abarcada por conta do elemento precedente à construção. A microconstrução “quer ver” possui características de auxiliar de futuridade, já que projeta uma perspectiva do sujeito a quem se dirige, para uma ação possivelmente vindoura.

Em (35), o sujeito animado conjugado na forma verbal da terceira pessoa do singular, une-se à construção “quer ver”, com o objeto direto concreto “seu time” e o verbo procedente na forma nominal no particípio, assim como no exemplo anterior, sem a conjunção para

conectar as orações. O tempo futuro é marcado pela sucessão temporal em que [X não deseja Y por causa de Z], em que Z é a causa ocorrida em um tempo anterior ao da afirmação prejacente. Logo, analisa-se que “querer” funciona como auxiliar de futuridade, porquanto é um desejo que o enunciador afirma que o sujeito não pretende, inferindo-se que aquele de quem se faz a proposição quer o time focado. A negativa serve exatamente ao propósito de se negar o que não pode ser feito, inferindo-se que se deve fazer o contrário.

4.3.3 OSSOD Reduzida de Gerúndio

Vejam, agora, os contextos de usos em OSSOD reduzida de gerúndio, conforme exemplificado em (36).

- (36) *“Fiquei feliz por um lado, mas por outro triste por ver tudo isso, como o Hino Nacional sendo vaiado, jogadores sendo vaiados, isso me deixou triste. Ninguém **quer ver** o Hino do seu país sendo vaiado, ninguém gosta de ver isso, eu não gostei”.*

Fonte: <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2019/06/16/charles-o-homem-que-fez-a-bahia-queimar-ingresso-de-jogo-da-selecao.htm>. Acesso em: 23/08/22).

Em (36), o sujeito animado “ninguém”, representado pela terceira pessoa gramatical do singular, liga-se à perífrase “quer ver” e o objeto “hino do seu país” e ao verbo “ser” na forma nominal no gerúndio. O sujeito forma uma polaridade negativa à microconstrução, uma vez que nega que as pessoas gostem de que o hino de seus países seja vaiado. O verbo “querer” marca a volição, enquanto o verbo “ver” perde, de certa forma, a prototipicidade, uma vez que não se trata exatamente de ver, sensorialmente, o evento, mas sim do desejo de (não) presenciar o evento (até porque a vaia é algo sonoro, apesar da representação física que se pode observar com o olhar, é um evento de manifestação sonora, o que pode explicar a metaforização do referido verbo).

4.3.4 A oração desenvolvida QUER VER QUE

Primeiramente, vamos direcionar a análise para as orações desenvolvidas, nas quais pretendemos examinar distintamente dois cenários: inicialmente, nas construções que fazem uso da conjunção "que". Sobre o assunto, Azeredo (2011, p. 91) especifica que as orações principais das subordinadas são seguidas de conjunção integrante, cujas marcas de modalização são trazidas para o enunciado para que fique claro não só o ponto de vista, como as intenções do enunciador.

Castilho (2012) sobre as conjunções, e traz os seguintes dados:

A conjunção integrante que deriva do latim vulgar *quid*. Nessa variedade, várias conjunções ligavam as substantivas às matrizes (*quod, quid, quia, quomodo*), mas foi *quid* a que sobreviveu (Maurer Jr., 1959:167-168, 217). As seguintes sintaxes eram possíveis: *dixit quod/quid/quia/quomodo* + verbo, em que o português arcaico encontra suas raízes: *disse que (<quid)/ca (<quia)/ como (<quomodo)* + verbo. A conjunção integrante e a conjunção condicional se derivam de um mesmo étimo latino, *si* (CASTILHO, 2012, p. 356-357).

Nesse contexto, essa conjunção conecta ideias e desempenha um papel crucial na relação entre as partes da sentença. Em seguida, voltamos a atenção para as orações que empregam a conjunção "como". Aqui, o objetivo é explorar como cada conjunção (como/que) é utilizada para introduzir exemplos, comparar situações ou indicar meios e processos. Ao analisar separadamente esses dois usos, espero lançar luz sobre as diferentes formas pelas quais as orações se interligam, contribuindo para uma compreensão mais abrangente da estrutura da linguagem.

Vejamos, a seguir, exemplos de uso da conjunção “que”, conforme (37) a (41).

- (37) “ *O coração fica apertado, não dá pra não pensar. **Quer ver que** não é exagero? Pai de selfie dos filhos da minha amiga, interrompe tratamento de saúde de um deles e é certo o garoto baixar hospital.*”.

Fonte: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ferias-escolares-o-pai-de-selfie-chegou/>. Acesso em: 23/11/2022).

- (38) “ *Já agora, e falando em Roma, o Colosseo e a Basílica de São Pedro são em travertino, e aguentam à bronca há quase 2000 anos e 400 anos respectivamente... **Quer ver que** o seu lavatório não se vai aguentar?*”.

Fonte: <https://forumdacasa.com/discussion/13071/quais-as-pedras-naturais-adequadas-para-tampos-de-lavatorios/>. Acesso em: 24/08/22).

- (39) *“Mas estes é que são uns patifes. **Quer ver que** foi o Gaspar e o Passos Coelho que vos impediram de distribuir melhor o dinheiro, de aumentar os salários, de fortalecer a classe média, de melhorar os serviços de saúde, quando os senhores andavam a sonhar com novos aeroportos!?”*

Fonte: <http://lobidocha.com/602139.html>. Acesso em: 24/08/22)

- (40) *“Eu ainda falei para o vô, “« **quer ver que** ela vai esquecer de mexer e vai queimar? ” Dito e feito!”*

Fonte: <http://passaneura.com/2012/11/o-que-rolou-no-instagram-2/>. Acesso em 23/08/22).

- (41) *“Por exemplo: A pessoa diz: “« **Quer ver que** eu vou ficar sem graça, vou ficar vermelho e não vou conseguir conversar com ninguém em a festa ”» e, pronto! Vai para a festa e não conversa com ninguém mesmo.”*

Fonte: <https://marisapsicologa.com.br/terapeuta.html>. acesso em: 23/08/22).

Em todos os exemplos acima podemos verificar que não se trata mais do “ver” com o significado de “percepção visual passiva”, mas sim do “ver” significando “percepção não visual”, o que configura um micropasso da mudança linguística. A construção “quer ver”, nessas enunciações, funciona como uma ação futura a ser confirmada pelo falante dentro do campo de sua dêixis, em que o interlocutor presenciará o fato. Essa mudança, provavelmente se deu por inferência pragmática, ou seja, uma analogização, o que consideramos um micropasso da mudança linguística Fiorin (2016, p. 31) conceitua inferência: “é a operação pela qual se admite como correta uma proposição em virtude de sua ligação (por implicação, por generalização ou mesmo, segundo alguns autores, por analogia) com outras proposições consideradas verdadeiras”.

Em todos os exemplos percebemos que é algo que se espera da ação a seguir, algo rotineiro, porém, ainda não concretizado, ainda não 100% confirmado. Há, de certa forma, uma pequena dúvida, o que não compromete totalmente o falante. Em (40), por exemplo, “quer ver que ela vai esquecer de mexer e vai queimar?”, termina com o seguinte desfecho: dito e feito, ou seja, confirmou-se o que o locutor prospecta, o fato de que a pessoa “sempre se esquece e queima” mais uma vez aconteceu, como de costume. Porém, imaginemos outro desfecho: que, depois do enunciado em (40) houvesse a seguinte oração hipotética: “até que dessa vez ela se lembrou, aleluia”; ainda haveria a denotação de que “ela” é esquecida, só que, dessa vez a história, por um fator não citado, terminou de maneira diferente das demais. O sujeito ainda se exime da responsabilidade com o fechamento, mas ainda sim, mantém o

significado. A perífrase analisada revela que há, por parte do interlocutor, uma postura epistêmica dos fatos, em que suas vivências e conhecimentos sobre o ocorrido afetam diretamente a proposição, ainda que observe a intersecção entre modalidade epistêmica e evidencialidade, já que uma poderia se ancorar na outra, para que a prospecção baseada em suas convicções e saberes se confirme ou se reforce, com o uso da dêixis, por exemplo.

No exemplo (37), a expressão "Quer ver que" é utilizada para indicar uma expectativa do falante em relação ao desfecho da situação apresentada. Há uma antecipação de um possível resultado negativo, e a utilização da construção "é certo o garoto baixar hospital" reforça a convicção do locutor. Já em (38), o locutor utiliza a expressão "Quer ver que" para criar uma analogia entre a resistência do travertino nos monumentos históricos e a possível fragilidade do lavatório. A expectativa é de que o lavatório não suporte situações adversas, embora essa previsão esteja marcada por uma certa dose de dúvida.

No excerto (39), a expressão "Quer ver que" é usada para expressar a desconfiança ou incredulidade do falante em relação à suposta responsabilidade dos indivíduos mencionados na situação descrita. A expectativa é de que a atribuição de culpa não seja válida. Soma-se, em (41), a expressão "Quer ver que" é usada para antecipar o desfecho da situação hipotética. O falante expressa a expectativa de que a pessoa realmente não consiga conversar com ninguém na festa, reforçando a ideia de que a previsão inicial se confirmará.

Em todos os casos, observa-se a presença de uma postura epistêmica por parte do interlocutor, que baseia suas expectativas em vivências, conhecimentos ou crenças pessoais. A utilização dessas expressões condicionais contribui para criar um tom especulativo e de antecipação em relação aos eventos futuros descritos.

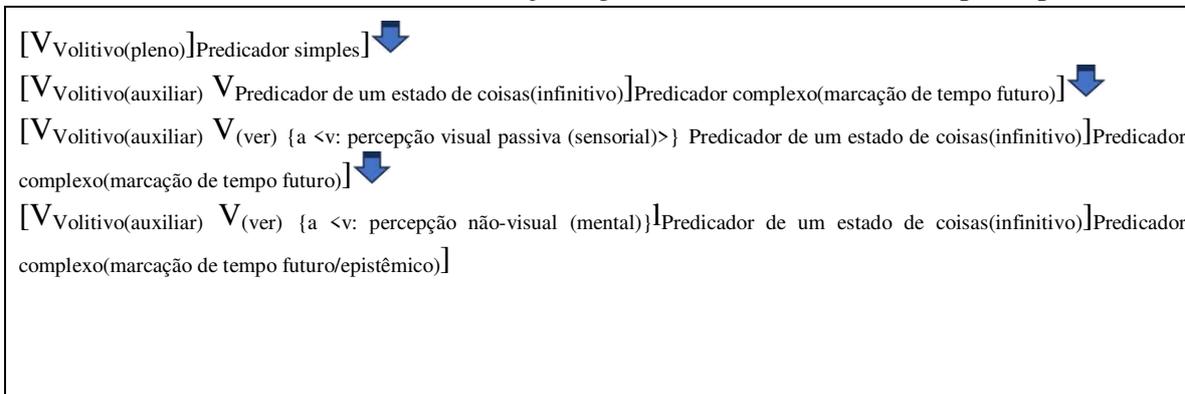
Em nossa análise, encontramos 11 ocorrências da conjunção "que", conforme já dispomos na Tabela (02) no início deste capítulo. Após a classificação desses dados a partir dos valores/atributos, vimos que é categórico o uso epistêmico em todas as ocorrências. Assim, nestes contextos de uso, o sujeito faz uma pergunta semi-retórica baseada em seu retrospecto de fatos passados, em que suas experiências apontam para a repetição de fatos.

Essa constante utilização da conjunção "que" está intrinsecamente ligada à construção de perguntas semi-retóricas, onde o sujeito lança questionamentos baseados em seu retrospecto de experiências passadas. Essa abordagem não apenas sugere uma certa expectativa em relação à repetição de padrões observados, mas também ressalta a confiança do falante em suas percepções e entendimentos prévios. A conjunção "que" funciona como um marcador linguístico que fortalece a dimensão epistêmica, destacando a intersecção entre as experiências passadas do locutor e suas projeções para o futuro, criando assim uma dinâmica

rica em especulação e antecipação. Essa escolha linguística não apenas enriquece a narrativa, mas também contribui para a construção de um discurso persuasivo, onde as convicções pessoais do locutor são intrinsecamente entrelaçadas com as projeções de eventos futuros.

Esses resultados confirmam o Quadro (01) apresentado no início desta dissertação e retomado aqui.

Quadro 1 - Possível caminho de mudança linguística do valor futuridade para epistêmico



Fonte: a autora.

O Quadro (01) delinea um possível caminho de mudança linguística, especificamente do valor de futuridade para epistêmico, através de diferentes estruturas gramaticais. As diferentes configurações apresentadas refletem variações na expressão da futuridade, destacando a transição para uma abordagem mais epistêmica. As construções envolvendo o uso de verbos volitivos, tanto em sua forma plena quanto como auxiliares, demonstram a intenção do falante em relação ao futuro. No entanto, à medida que se avança para estruturas mais complexas, como a introdução de verbos de percepção visual e não-visual, há uma clara inserção de elementos epistêmicos na linguagem. A marcação de tempo futuro associada a predicadores complexos destaca a interconexão entre a percepção do falante e suas projeções para o futuro, sugerindo não apenas uma intenção, mas também uma base sólida de conhecimento ou experiência que influencia as expectativas futuras. Esse caminho de mudança linguística ilustra a fluidez e adaptabilidade da linguagem na expressão de nuances temporais e epistêmicas.

4.3.5 Que ver como

Além da combinação "quer ver" seguida da conjunção integrante "que", encontramos orações com essa mesma estrutura, porém conectadas pela conjunção "como". A utilização de "como" nesse contexto apresenta dois significados distintos: um de natureza mais modal e outro que se assemelha ao emprego da conjunção integrante. Vejamos inicialmente o valor modal.

- (42) “*Se você é de aqueles que vivem on-line ou não desgrudam de uma série de aparelhinhos, deve estar se perguntando: como essa galera consegue? ...**Quer ver como** isso funciona na prática? Vamos lá! Rafael Brondani, 23 anos, estudante de Jornalismo do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), transformou essa dúvida em desafio.*

Fonte: <http://atdigital.com.br/campus/2013/06/conheca-jovens-que-nao-curtem-smartphones-redes-sociais-e-outros-aparelhos-da-moda/>. Acesso em: 23/08/22).

- (43) “*...havia hierarquia na Igreja, e a obediência aos bispos e presbíteros era largamente ensinada e difundida. **Quer ver como** esta canalha que vive falando mal de Roma delira? Santo Inácio morreu mártir no comecinho do segundo século...”.*

Fonte: <https://beinbetter.wordpress.com/2013/02/17/se-quiserem-um-lider-que-saia-distribuindo-camisinhas-na-sapucaí-chamem-o-lula-mas-deixem-o-papa-fora-disso/>. Acesso em: 23/08/22).

- (44) “*O estresse aparece quando você faz coisas mas não vê razão pra fazer as tais coisas. **Quer ver como** isso é verdade? Você já viu alguém ficar estressado porque foi a o cinema? Existe. Fica estressado aquele cujo professor obrigou a ver um filme, mas ele não vê que seja necessário”.*

Fonte: <https://marisapsicologa.com.br/psicoterapia-focada-na-vida-profissional.html>. Acesso em: 24/08/22).

- (45) “*Quando amanheceu eu vi duas porteiras, aí me arrastei. Cheguei na porteira e gritei: 'Socorro!'. Eu vi um monte de gado. Abri a porteira e pensei: '**Quer ver como** o dono do gado aparece rápido'. Soltei o gado todinho”.*

Fonte: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2016/02/oficial-de-justica-conta-como-sobreviveu-apos-passar-2-dias-na-mata.html>. Acesso em: 24/08/22).

(46) *"Prepara, que todo mundo quer ver como Anitta era antes da fama".*

Fonte: <https://youpix.com.br/pessoas/o-que-as-pessoas-procuram-no-google-sobre-suas-celebridades/>
Acesso em: 16/06/2023).

Em (42), a oração prejacente à construção “quer ver como” constrói a imagem do sujeito a quem se dirige, tornando-se também o sujeito animado da referida construção, conjugada na terceira pessoa gramatical do singular. A predicação complexa de polaridade interrogativa constitui um futuro proximativo, porquanto se realiza logo em seguida ao exposto, utilizando, para isso, de evidencialidade reportativa na oração procedente. Assim, a microconstrução “quer ver como” aponta para a seguinte intenção comunicativa “convidar alguém a observar ou entender a maneira como algo acontece ou funciona.

Já em (43), o sujeito animado, conjugado na terceira pessoa gramatical do singular, é utilizado para exemplificar e reforçar o argumento da primeira enunciação, mediado pela construção “quer ver como”, que formam uma interrogativa com o intuito de elucidar na enunciação procedente. Apesar de haver a polaridade interrogativa, a intenção do enunciador não é obter uma resposta, mas sim explicitar a “forma que uma pessoa delira”, pospondo o reforço argumentativo para construir o certame, ou seja, uma pergunta retórica que sugere incredulidade em relação àqueles que criticam Roma. O futuro proximativo se concretiza no momento que se segue, materializando-se por meio de evidências reportativas que o falante conhece sobre a temática desenvolvida anteriormente.

No enunciado (44), assim como em (43), constrói o discurso com a finalidade de comprovar um argumento, no caso, sobre o estresse e temos novamente uma pergunta retórica, expressando um convite para verificar a validade da afirmação anterior. O sujeito animado conjugado na terceira pessoa do singular, “você”, faz parte de uma estratégia do enunciador para, por meio da polaridade interrogativa, convidar o interlocutor a comprovar uma premissa. Este método é comum ao jornalismo para dar credibilidade e envolver o leitor na matéria desenvolvida por ele. O futuro é concretizado logo em seguida, por meio de outra interrogativa e uma explicação para que esse evento ocorra.

No excerto (45), a predicação verbal complexa revela a modalidade epistêmica do enunciador, por meio da terceira pessoa gramatical do discurso, que, ao realizar uma ação (soltar o gado), denota que possui convicções acerca dela, as quais o levam a pensar que, ao tomar essa posição, haverá uma reação. Isso se dá porque o locutor acredita que a ação “A” está relacionada à ação “B”.

Em (46), o sujeito marcado “todo mundo”, liga-se à perífrase formando um lexema verbal volitivo complexo, ainda que o predicador a seguir esteja no passado “era antes da fama”, a construção revela a marcação de futuro, a ser realizado a seguir, com elementos dêiticos (possivelmente imagens da cantora referenciada). O sujeito animado reforça ainda mais a ideia de volição. A polaridade da construção é interrogativa, porém com a função de convidar o telespectador a “observar algo”, pergunta que não depende da resposta do interlocutor para se concretizar, já que se trata de um chamamento típico do jornalismo com enfoque em notícias de famosos. A evidencialidade é materializada de forma direta, com os elementos da realidade exposta no contexto.

Como vimos, em todos os exemplos acima temos o aspecto modal. Passamos agora a analisar os dados em que “como” exercendo o papel de conjunção integrante

(47) *“deslocaram juntos à residência do autor Gileon Fernandes Gonçalves, que momentos antes do fato esteve no comércio de venda de bebidas e em alto e bom som teria dito: “**Quer ver como** eu mato um homem agora? Vou matar o Ronaldo!”.*

Fonte: <https://patrocinioonline.com.br/noticia/homem-anuncia-publicamente-antes-de-matar-colega-andarilho-a-golpes-de-faca-em-monte-carmelo-27011.html>. Acesso em: 24/08/22).

(48) *“**Quer ver como** eles vão separar em o papel, somente em o papel pra receberem, em esse estado já vi desembargador que antes de morrer voltou com a esposa que tinha separado pra ela e as filhas terem direito a receber aposentadoria... é bem a justiça do BRASIL que passa o exemplo”.*

Fonte: <https://www.folhamax.com/politica/tj-nega-liminar-e-proibe-que-casal-de-autoridades-tenha-beneficio-duplo-em-mt/156440>. Acesso em: 24/08/22).

(49) *“Tira terra, bota terra, tira terra, bota terra.. ” (É isso que o trem vai falando..) “ **Quer ver como** ele agora vai apitar? Ó: - piuim ” - E apitava mesmo”.*

Fonte: <https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/> Acesso em: 24/08/22).

(50) *“As pessoas que aí habitam sofrem com estes alienígenas. Mas não fazem nada. **Quer ver como** o Serra vai ganhar, se ganhar só resta as pessoas que moram aí ir para o Norte / nordeste, porque lá esta melhorando as coisas”.*

Fonte: <http://glaucoortez.com/2012/04/20/cpi-da-imprensa-jornalista-orienta-naji-nahas-que-expulsou-familias-do-pinheirinho-a-processar-jornalistas-que-denunciaram-corrupcao/>. Acesso em: 24/08/22).

Os exemplos acima ilustram o uso da conjunção integrante "como" em diferentes contextos. Nesses casos, "como" é utilizado para introduzir uma ideia que complementa ou esclarece o sentido da frase anterior. É uma conjunção que desempenha um papel importante na coesão textual, conectando diferentes partes de um texto e contribuindo para a compreensão global. No primeiro exemplo (47), "como" é empregado para introduzir a declaração que precede um evento específico, reforçando a relação causal entre a fala do autor e o acontecimento subsequente. No segundo exemplo (48), a conjunção "como" é usada para evidenciar a relação de exemplificação, mostrando a situação em que um desembargador teria voltado atrás em sua separação visando obter benefícios. No terceiro exemplo (49), "como" introduz uma explicação ou detalhamento do que o trem estava dizendo, demonstrando a relação de explicação. Já no quarto exemplo (50), a conjunção "como" é empregada para introduzir a consequência do que está sendo afirmado, indicando que, se o Serra vencer, a única opção para as pessoas seria se mudar. Em todos esses casos, "como" desempenha o papel de conectar ideias de maneira mais completa e coesa, contribuindo para a compreensão do contexto em que cada afirmação é feita.

Além disso, as proposições são marcadas também pela postura epistêmica do falante em relação ao que está sendo proposto, porquanto suas convicções e conhecimentos anteriores permeiam as construções. Nestes exemplos, o “como” poderia ser substituído sem prejuízo de significado por “que”. Assim, diferentemente dos exemplos anteriores, a conjunção “como” não apresenta a noção de modo, mas se comporta como uma conjunção integrante, conforme podemos observar ao substituímos “como” por “que”:

(51) *Quer ver que eu mato um homem agora?*

(52) *Quer ver que eles vão separar no papel, somente no papel pra receberem.*

(53) *Quer ver que vai apitar de novo " - E apitava mesmo, outra vez.*

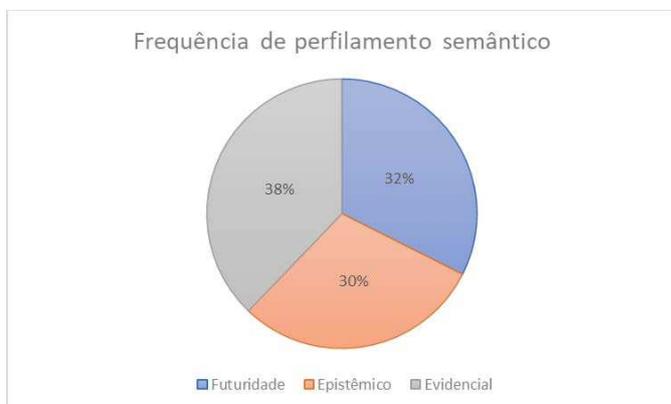
(54) *Quer ver que o Serra vai ganhar, se ganhar só resta as pessoas que moram...*

Segundo Castilho (2012), o português arcaico, poderia ser um resquício, quando se trata de futuridade utilizando o como em lugar do que, mais presente na modalidade oral do PB.

Porém, a conjunção integrante “que”, passa a ser “como”, isso porque a conjunção “como” ganha opacidade e não é mais uma conjunção de modo ou outras possibilidades, porquanto fez o seguinte caminho como (conjunção) >>> como (conjunção integrante). O desenvolvimento desse caminho de mudança construcional do desenvolvimento do valor de conjunção integrante pode ser melhor investigado em pesquisas futuras. Nesta dissertação, avaliamos os dois valores a partir dos aspectos discursivo-pragmáticos.

Diferentemente da conjunção “que”, ao se integrar com o esquema [quer + ver], a conjunção integrante “como” perfila os três valores (futuridade, epistêmico e evidencial), conforme os resultados apresentados no gráfico (02), a seguir.

Gráfico 2 - Frequência de perfilamento semântico (futuridade, epistêmico e evidencial)

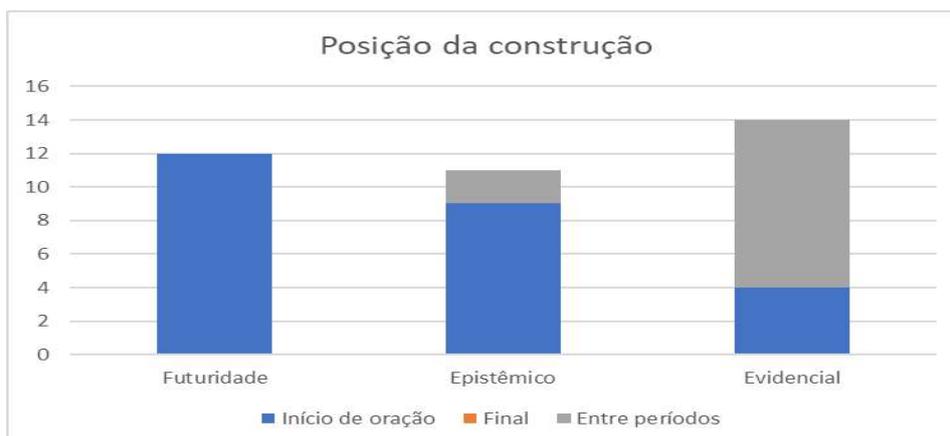


Fonte: a autora.

O gráfico (02) que exhibe a frequência de perfilamento semântico (futuridade, epistêmico e evidencial) proporciona uma visão norteadora sobre a mudança construcional da conjunção integrante "como" em comparação com a conjunção "que". A análise revela que, ao integrar-se com o esquema [quer + ver], a conjunção "como" adquire uma opacidade distinta, transformando-se de uma conjunção mais lexical para uma conjunção integrante. A significativa divergência nos resultados do gráfico é notável, demonstrando que, ao adotar essa nova função, "como" perfilou os valores de evidencialidade, com 38%, seguido de 32% para futuridade e 30% para epistêmico. Esses números indicam uma distribuição expressiva nos diferentes usos semânticos da conjunção, sugerindo que a pesquisa futura pode aprofundar a compreensão desse fenômeno, considerando os aspectos discursivo-pragmáticos avaliados nesta dissertação.

Um outro resultado relevante é o valor (posição da construção), em que encontramos o seguinte quadro de resultados, conforme disposto no gráfico (03), a seguir.

Gráfico 3 - Posição da construção na microconstrução [quer ver como]



Fonte: a autora.

A análise do Gráfico (03), que representa a posição da construção na microconstrução [quer ver como], revela padrões distintos nas ocorrências dos valores semânticos, destacando-se tendências nos valores de futuridade, epistemicidade e evidencialidade. As ocorrências de futuridade concentram-se no início de enunciados, sugerindo uma associação intrínseca entre a expressão desse valor semântico e a posição inicial nas estruturas linguísticas, característicos dos verbos que se desenvolvem para o papel de auxiliar. No caso do epistêmico, observa-se uma predominância similar no início de enunciados, indicando uma inclinação para a explicitação das informações epistêmicas no início das construções. Por outro lado, o valor evidencial apresenta uma distribuição maior entre períodos. Dessa forma, vemos que parece ocorrer uma relação entre a posição da construção e os valores semânticos acionados.

4.3.6 “Quer ver que” versus “quer que veja” e “queria ver que”: uma questão de modalização

Ao analisarmos a construção “quer ver que”, em contraposição à inversão da conjunção integrante “que”, como em “quer que veja”, o sentido da segunda assemelha-se ao de “quer ver”, enquanto locução verbal, perdendo, portanto o caráter modalizador, como podemos atestar a partir do corpus:

(55) “Ao bloquear a conta, os novos seguidores precisam ser todos aprovados pelo usuário para terem

acesso às fotos, o que ajuda a eliminar alguém que você não quer que veja suas publicações”.

Fonte: <https://www.techtudo.com.br/listas/2018/05/dez-funcoes-do-instagram-para-evitar-pessoas-chatas.ghtml>).

- (56) *“escreveu, lembrando como « quem quer que veja futebol é bombardeado com marketing, publicidade e patrocínios de empresas de apostas ». # « Tudo isto significa que este não é um ambiente fácil para tentar deixar de apostar, ou mesmo convencer as pessoas de que apostar é errado”.*

Fonte: <https://maisfutebol.iol.pt/bad-boy/polemica/joey-barton-ate-ao-fim-a-portar-se-mal-mas-com-coisas-para-dizer> Acesso em: 24/08/22).

- (57) *“Foi uma tragédia, né (risos)? Estava lidando com os bichos no sítio e queria ver que dente do cavalo estava doendo. Coloquei a mão por dentro da boca dele, e o bicho arrancou um pedaço do meu dedo fora”.*

Fonte: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2016/12/dentista-por-um-dia-cowboy-leva-mordida-de-cavalo-arrancou-pedaco.html> .

Observa-se que em (55), “querer” significa vontade, e “ver” significa, de fato, fitar com os olhos, no âmbito do sentido da visão. Em (56), o sentido muda para “qualquer um” ou “todos” na expressão “quem quer”, complementado por “que veja”, sendo apenas o “ver” com sentido mais lexical de assistir. Mas em ambos os casos, (55) e (56), não há o caráter modalizador de “querer”, já que permanece como complemento da expressão, oposto de (57), por exemplo. Ao flexionarmos o verbo “querer” para o pretérito imperfeito do indicativo, tomando por conseguinte a forma examinada “queria ver que”, assim como em “quer ver” ou “quer que veja”, perde-se o traço modalizador, como em (56).

Neste caso, o “queria ver que” é equivalente a “queria ver qual”, mantendo-se a prototipicidade tanto em “querer” quanto em “ver”. Isso nos mostra a possibilidade versus impossibilidade de desenvolvimento do infinitivo ver, ou do verbo querer, para que haja a presença do modal.

4.4 O papel do sujeito

Os diferentes tipos de sujeitos também podem influenciar as construções formadas pelos verbos analisados neste trabalho. Isso porque, a depender de quem fala, para quem se fala, onde se encontra a dêixis e esta em relação ao sujeito da oração, pode haver mudança na configuração semântica. Dessa forma, a construção pode apresentar diferentes configurações, conforme veremos abaixo. Inicialmente, observamos os usos com sujeito simples,

(58) “*Nós temos que compreender o torcedor, ele **quer ver** gol*”.

Fonte: <https://br.yahoo.com/entretenimento>. Acesso em: 23/08/22

(59) “*Ninguém **quer ver** o Hino do seu país sendo vaiado*”.

Fonte: <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2019/06/16/charles-o-homem-que-fez-a-bahia-queimar-ingresso-de-jogo-da-selecao.htm>. Acesso em: 23/08/22.

(60) “*Você quer ver que eu não estou depilada?*”

Fonte: <https://www.clickparana.com/noticia/13971/bbb18-paula-mostra-genitalia-para-mahmoud-e-reclama-de-depilacao.html>. Acesso em: 23/08/22.

(61) “*”ele quer ver que o público está curtindo*”.

Fonte: <http://www.mmaspace.net/jose-aldo-responde-criticas-de-dana-sobre-estilo-cauteloso-65971/>. Acesso em: 23/08/22.

Em (58), podemos observar o significado de um torcedor que anseia por um gol, talvez não ver como forma de percepção passiva, mas sim como um desejo de assistir. Já em (59), mostra uma generalização das pessoas que não gostariam que seu hino fosse depreciado, trocando um sentido por outro (audição pela visão), mas com o sujeito temos a real intenção da mensagem - generalizar algo que não é desejável por nenhum ser humano. Já, em (60), o sujeito está explícito para que o falante seja enfático na dêixis (que parece estar no mesmo campo que o ouvinte), revelando algo observável. Por fim, em (61), o sujeito referencial busca, na outra oração a quem se refere e, por meio do pronome, expõe sua estruturação.

Nesse caso, temos o sujeito da OP, regendo a OSSOD, composta por outro sujeito, mas fica bem delimitada a função de cada um deles.

Além dos usos com sujeito simples, encontramos uma frequência alta de sujeito desinencial, principalmente quando se trata de interrogativas semi-retóricas, já que são construções em que o falante parece já saber a resposta, mas a faz para evidenciar certos fatos que estão num futuro proximativo a se confirmarem em breve.

(62) “*Quer ver que não é exagero?*”

Fonte: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ferias-escolares-o-pai-de-selfie-chegou/>.
Acesso em: 23/11/2022.

(63) “*Quer ver que não gostaram da sua cara?*”

Fonte: <http://im-parcial.blogspot.com/2013/07/se-e-fotogenicoa-envie-sua-foto-e-uma.html>. Acesso em: 23/08/22.

(64) “*Quer ver que afinal a fidelidade também se treina?*”

Fonte: <https://inesperado.org/2012/09/18/a-infidelidade-treina-se-ii/>. Acesso em: 23/08/22.

Em (62) e (63), podemos observar que o sujeito fala com o interlocutor, um você, prevendo, de certa forma, a resposta. Essa ocultação do sujeito junto à negativa, dá certa previsibilidade do que se quer dizer: não é exagero e não gostaram de você. Já em (64), há uma intersubjetivação, pois o sujeito faz uma previsão de algo que, baseado em experiências anteriores, afirma que acontecerá no futuro próximo, condicionado a alguma outra ação. Quando não usa o sujeito, esse “quer ver que” pode ser usado de forma geral, para mais de uma pessoa, apesar do sujeito estar, teoricamente no singular, não parece causar estranheza chegar em uma roda de amigos e falar “quer ver que eu vou ficar sem graça”, portanto, serve como uma estratégia para falar em público, para generalizar, para não apontar um único receptor da mensagem.

4.4.1 Animacidade do Sujeito

A animacidade do sujeito é uma característica fundamental para compreendermos a construção da subjetividade nas relações semântico-pragmáticas. Segundo Langacker (1987), todos os elementos de uma língua têm um grau de animacidade que influencia na forma como são percebidos e categorizados pelos falantes. Assim, elementos como animais e seres humanos são vistos como mais animados do que objetos inanimados, por exemplo.

Essa diferenciação na animacidade dos elementos da língua tem implicações para a forma como os falantes se relacionam com esses elementos e como constroem suas identidades. De acordo com Lakoff e Johnson (1999), um sujeito mais animado é visto como tendo mais agência e vontade própria, enquanto um sujeito menos animado é visto como mais passivo e menos capaz de agir no mundo.

Na construção da subjetividade, a animacidade do sujeito influencia diretamente na forma como os falantes categorizam e representam os seres e objetos do mundo. Segundo Hopper e Traugott (2003), os protótipos são categorias mentais que são baseadas na experiência sensorial e emocional dos falantes. Dessa forma, seres mais animados, como animais e seres humanos, são mais facilmente categorizados como protótipos do que objetos inanimados.

Além disso, a animacidade do sujeito também influencia na forma como os falantes se referem uns aos outros na comunicação. Por exemplo, em línguas como o inglês, o pronome "it" é usado para se referir a objetos inanimados, enquanto os pronomes "he" e "she" são usados para se referir a animais e seres humanos. Esse tipo de distinção na referência influencia diretamente na forma como os falantes veem a si mesmos e aos outros, na construção da subjetividade.

Em resumo, a diferenciação entre sujeitos mais animados e menos animados influencia a forma como são categorizados e representados pelos falantes, o que tem implicações diretas na comunicação e na construção da identidade. Assim, animacidade é algo que tem a origem no papel gramatical do nome, na natureza dos seres, como animados (animais, pessoas, etc) ou inanimados (objetos, abstrações, lugares, etc), formando então uma hierarquia de maior ou menor grau de animacidade.

Vejamos, a seguir, a ocorrência da animacidade.

(65) “*Pedro Almodóvar quer ver mais sexo em filmes de super-heróis*”.

Fonte: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/3048545/suplentes-assuem-cadeiras-na-camara-de-sao-caetano> acesso: 27/06/2023

Em (65), o sujeito animado compõe um exemplo em que a predicação formada por [V volitivo + V infinitivo], V1 na terceira pessoa do singular e V2 na forma infinitiva, resultam numa construção não composicional. Ao que parece, é uma construção com propriedades semi-preenchidas em que se deseja algo no futuro - quer que haja algo no futuro: “quer ver mais sexo em filmes de super-heróis” significa não apenas que o interlocutor “quer ver” no que tange a assistir, em seu sentido mais prototípico, a cenas de sexo, mas sim que sejam elaboradas mais tipos desse conteúdo, para que exista maior incidência neste gênero, de atos que envolvam expressões sexuais por parte das personagens. Observa-se que essa predicação ocorre em outros construtos com a mesma função: i) quer ver mais amor em sua vida, ou ii) quer ver mais cor em sua vida, por exemplo. Ainda podemos perceber o valor volitivo, contudo, com um pouco mais de opacidade, operando como um auxiliar de futuro - “no eixo volição-futuridade pendendo um pouco mais para o valor de futuridade” (Costa, Souza & Vieira, 2020).

(66) “*Temos certa dificuldade cognitiva para compreender o que não seja nosso espelho. Quer ver um exemplo? Que não entendamos a capacidade inteligente dos peixes não significa que elas não existam*”

Fonte: <http://arautodofuturo.wordpress.com/2012-antes-durante-e-depois/quem-e-kryon/>. Acesso em: 23/08/22).

No exemplo (66), a análise revela a presença de uma predicação que se enquadra na estrutura [V volitivo + V infinitivo], com V1 na terceira pessoa do singular e V2 na forma infinitiva. Essa construção, frequentemente utilizada para expressar desejos, aspirações ou expectativas futuras, apresenta-se de maneira não composicional. O sujeito animado inicia a frase com a assertiva sobre a dificuldade cognitiva para compreender o que não seja nosso espelho, introduzindo, em seguida, o convite “Quer ver um exemplo?”. Essa expressão carrega consigo uma carga volitiva, indicando o desejo do interlocutor de apresentar algo como exemplo para sustentar a afirmação anterior. A análise sugere que a predicação ocorre de forma semi-preenchida, indicando não apenas o desejo de ver algo no sentido mais prototípico de observar, mas também a aspiração por uma mudança ou aumento na incidência desse conteúdo no futuro. O exemplo dado, “Que não entendamos a capacidade inteligente

dos peixes não significa que elas não existam", ilustra essa ideia ao desafiar a concepção prévia sobre a inteligência dos peixes. A conjugação do valor volitivo nesse contexto adquire uma leve opacidade, atuando como um auxiliar de futuro, indicando uma inclinação em direção ao valor de futuridade. Essa análise se alinha à compreensão da predicação volitiva como um elemento que não apenas expressa o desejo imediato, mas também sugere uma projeção para o futuro.

- (67) “quando eu estava descendo a escada no parque ", ela disse. " Quer ver ? " Ela começou a tirar o esparadrapo do braço.

Fonte: <https://estadodaarte.estadao.com.br/>. Acesso em 23/08/22.

- (68) “...o mercado segue confiante na aprovação da reforma, mas quer ver qual o texto a ser aprovado nesta semana na comissão especial”.

Fonte: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,ibovespa-se-mantem-em-alta-nesta-segunda-feira-apos-fechamento-recorde-de-102-mil-pontos,70002885176>. Acesso em 23/08/22.

Em (67), podemos ver o sujeito [+animado] “ela”, que convida a ver (um possível machucado no braço) - traço [+intersubjetivo]. Já em (68), o sujeito [-animado], a sentença [-intersubjetiva], já que esse “ver” já não exprime mais “fitar os olhos” e alguma coisa, mas sim, o desejo futuro da aprovação da reforma. Na análise dos exemplos (67) e (68), é possível destacar a influência dos traços de animacidade e intersubjetividade na expressão dos valores semânticos relacionados ao verbo "ver". No caso de (67), o sujeito animado "ela" instaura uma dimensão intersubjetiva, pois a ação de "ver" está associada a uma interação direta entre sujeitos, convidando a observar um possível machucado no braço. Nesse contexto, o traço de animacidade contribui para uma experiência compartilhada e direciona a interpretação do verbo para uma perspectiva mais subjetiva e interpessoal. Por outro lado, em (68), com um sujeito não animado e a sentença desprovida de intersubjetividade, o verbo "ver" assume uma função diferente. Neste caso, o ato de ver não implica mais a ideia de "fitar os olhos" em algo tangível, mas sim sugere a projeção para o futuro, representando o desejo futuro da aprovação da reforma. A ausência de animacidade e a falta de um elemento intersubjetivo alteram significativamente a natureza da ação, transformando-a em um ato mais abstrato e orientado para o contexto político. Além disso, ao observarmos nossos dados, todos os casos evidenciam são com sujeito animado

4.5 Futuridade, epistemicidade e evidencialidade em jogo

Conforme já anunciamos, em nossa introdução, no quadro (02), uma de nossas hipóteses, é que a expansão de significado do verbo “ver”, de “percepção não-visual passiva (sensorial)}Predicador de um estado de coisas(infinitivo)” para “percepção não-visual (mental)} Predicador de um estado de coisas(infinitivo)]”, ou seja, não se trata apenas de uma evidência física, o que promoveu os usos epistêmico e evidencial.

O ampliação do escopo do significado do verbo “ver”, a partir da neoanálise do significado do verbo por consequente afastamento do sentido mais lexical, o que parece ter promovido o sentido da percepção por outro (conforme a tabela de Viberg, 1984), o que acarreta a polissemia deste verbo e, como consequência a possibilidade de uma extensibilidade, promovendo assim, novos sentidos para a construção “quer ver”. Observamos, a seguir, alguns usos realizados pelo falante.

(69) “Esse ponto foi revogado e agora o governo **quer ver** aprovado o projeto de lei...”

Fonte: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/apos-sete-decretos-de-armas-o-que-esta-vigente-e-o-que-foi-revogado-entenda,0b82a9081f6fa9c8d30c72bcab1193986p9jtson.html>. Acesso em: 23/08/22.

(70) “*O pior cego é o que não quer ver.*”

Fonte: <https://boainformacao.com.br/2019/06/maria-da-paz-salva-vivi-da-morte/>. Acesso em: 23/08/22.

(71) “Se você quer **ver** um pouco de um vídeo online ele é baixado completamente”.

Fonte: <https://www.tudocelular.com/planos/noticias/n143286/tim-planos-5g-italia-a-partir-de-30-euros.html>. Acesso em: 23/08/22.

Em (69), o verbo "ver" assume uma camada adicional de significado ao ser usado em conjunção com o verbo "querer". Nesse contexto, a combinação de "querer + ver" não se refere simplesmente à ação de enxergar, mas sim a um desejo, revelando uma metaforização do ato de ver como uma expressão de futuridade. Esse uso sugere uma intenção ou aspiração por parte do governo, onde o ato de ver transcende a visão física e se transforma em um anseio por algo que se espera no futuro. (70) No segundo exemplo, há uma expressão

cristalizada e idiomática que utiliza o verbo "ver" de maneira figurada. Nesse caso, a expressão não implica literalmente em mirar os olhos em algo, mas sim indica alguém que se recusa a acreditar. A compreensão dessas expressões idiomáticas é essencial para uma interpretação mais precisa e completa do texto. (71) O terceiro exemplo destaca mais uma faceta do verbo "ver" ao denotar o sentido de assistir ou observar, como no contexto de ver um vídeo. Essa aplicação evidencia a amplitude de significados que a palavra pode abranger, desde a simples ação visual até a compreensão de conteúdo audiovisual. A variedade de sentidos do verbo "ver" destaca sua adaptabilidade e polissemia, permitindo que seja empregado em diferentes contextos com nuances distintas.

Ainda na esteira do desenvolvimento e expansão de novas matizes de significado do verbo ver, encontramos, ainda, os seguintes exemplos, a seguir.

(72) “quando eu estava descendo a escada no parque”, ela disse: “Quer ver?” Ela começou a tirar o esparadrapo do braço”.

Fonte: <https://estadodaarte.estadao.com.br/>. Acesso em 23/08/22.

(73) “...e dissimulado, que muitas vezes fala uma coisa, mas tá dizendo outra. Quer ver? Ouça essa resenha da jornalista Maíra Azevedo, a Tia Má”.

Fonte: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/barril-linguistico-salvador-tem-diaeto-que-quase-nunca-se-leva-ao-pe-da-letra/>. Acesso em: 23/08/22.

(74) “**quer ver** que ela vai esquecer de mexer e vai queimar?” Dito e feito”.

(75) “Mas enfim, eu acho que tem gente que não **quer ver** que está gordo e pronto”.

Fonte: <http://www.pensandomagro.net/2012/01/como-dizer-a-alguem-que-ela-precisa-emagrecer/>. Acesso em: 23/08/22.

Na interrogativa, em (72) já temos um traço [+ intersubjetivo], mas ainda com sentido lexical do verbo, em que a atuação da dêixis, já que o sujeito contextualmente intenciona mostrar algo a alguém naquele espaço em que locutor e interlocutor ocupam naquele tempo. A oração posterior nos contextualiza e, pragmaticamente postula o sentido do verbo “ver” na oração anterior. Já no exemplo (73), há uma alteração de sentidos, pois quando se pergunta se “quer ver?” e, imediatamente depois, diz para ouvir uma resenha, na verdade o sentido é para averiguar, tomando o sentido da audição pelo da visão para que o interlocutor se certifique de algo. Veja que a fala anterior é: “**fala** uma coisa, mas tá **dizendo** outra...”. Em (74), há uma

noção de futuridade proximativa, uma dedução, não necessariamente com o sentido da visão, mas sim como algo a ser confirmado num futuro próximo. Outro exemplo pode ser conferido em (75), que expressa o sentido de percepção, mas não de visão prototipicamente. O significado parece mais atrelado ao de autopercepção, de se ver, de certa maneira, mas não enxergar, de aceitação.

Vejamos mais três exemplos da expansão do significado do verbo ver.

(76) “**Quer ver** como esta canalha que vive falando mal de Roma delira?”

Fonte: <https://beinbetter.wordpress.com/2013/02/17/se-quiserem-um-lider-que-saia-distribuindo-camisinhas-na-sapuca-i-chamem-o-lula-mas-deixem-o-papa-fora-disso/>. Acesso em: 23/08/22.

(77) “Você **quer ver** como eu sou macio?”

Fonte: <http://cheirar.blogspot.com/2007/12/mas-que-lindo-pezinho-de-laranja-lima.html>. Acesso em 23/08/22.

Em (76) Neste caso se trata de uma exemplificação a ser dada na oração a seguir, diferente do “que”, o “como”, possui a característica de exemplificar. E em (77), não se deseja que a pessoa “enxergue” como algo ou alguém é macio, mas sim que sinta e comprove a maciez. Temos então um caso de troca de um sentido por outro, mais especificamente, do tato pela visão.

A evolução semântica do verbo "ver" no processo de mudança linguística, expandiu a rede de significados, resultando no desenvolvimento de conotações epistêmicas além da sua acepção prototípica de percepção visual. Essa expansão permitiu a incorporação de nuances relacionadas a expressões de desejos, intenções e a compreensão de realidades subjetivas. O verbo "ver" passou a abranger uma variedade de sentidos que vão além da observação física, caracterizando-se por uma expressividade que reflete o envolvimento subjetivo do falante com o conhecimento e a perspectiva. A leitura epistêmica do verbo "ver" surge ao agregar um novo significado à construção, perpassando a ação de enxergar, criando um novo frame, o qual evidencia a busca ativa por conhecimento, a compreensão de complexidades e a manifestação de crenças e intenções. A próxima seção se dedicará a uma análise do desenvolvimento do valor epistêmico, examinando essa evolução semântico-pragmática.

4.5.1 O desenvolvimento do valor epistêmico

A modalização, que se refere à expressão da atitude ou perspectiva do falante em relação à proposição. Em outras palavras, a modalização destaca a necessidade, possibilidade, obrigação, entre outros, associados à informação apresentada. Ao abordar o valor epistêmico, referimo-nos ao grau de certeza ou conhecimento que o falante atribui a uma proposição. Essa perspectiva epistêmica está intimamente relacionada à modalização, pois a maneira como expressamos nossas atitudes em relação à informação também influencia a credibilidade e a certeza que atribuímos a ela. Ao acionarmos a construção [quer ver], estamos introduzindo um elemento modal que indica um desejo, uma vontade expressa pelo falante. A referida construção está ligada ao aspecto epistêmico na medida em que revela uma atitude do falante em relação à validade ou confirmação da proposição que está sendo apresentada. A expressão "quer ver" sugere uma certa confiança na veracidade da informação e desafia o interlocutor a verificar ou confirmar por si mesmo.

Nos exemplos a seguir, demonstraremos como essa relação entre o modal e o epistêmico se manifesta. Ao destacar casos específicos, ilustramos como as atitudes do falante em relação à informação, expressas por meio da modalização, influenciam o valor epistêmico atribuído a uma proposição. Vejamos os exemplos.

(78) “**Quer ver que**, se isso não resolve o problema, ajuda muito?”

Fonte: <https://oinsurgente.org/2013/06/17/um-liberal-a-favor-de-uma-greve/>. Acesso em: 23/08/22.

(79) “*á vem um homem, **quer ver que** ele vai me encher o saco*”.

Fonte: <https://papodehomem.com.br/como-se-sente-uma-mulher/>. Acesso em: 23/08/22.

(80) “**quer ver que** ela vai esquecer de mexer e vai queimar?”

Fonte: <http://passaneura.com/2012/11/o-que-rolou-no-instagram-2/>. Acesso em 23/08/22.

(81) “**Quer ver que** eu vou ficar sem graça, vou ficar vermelho e não vou conseguir...”

Fonte: <https://marisapsicologa.com.br/terapeuta.html>. acesso em: 23/08/22.

(82) “*Maurício, o senhor não quer ver Jesus?*”

Fonte: <https://apenas1.wordpress.com/2011/09/26/cristao-deve-ouvir-musica-do-mundo/>. Acesso em: 23/08/22.

(83) “*Não consegui fazer o que foi sugerido, mas escrevi, quer ver?*”

Fonte <https://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69388&>. Acesso em: 23/08/22.

(84) “*Estou em outra, quer ver?*”

Fonte: <http://blog.mafaldacrescida.com.br/?p=144>. Acesso em: 23/08/22.

Em (78), o sujeito tem certeza do resultado, apesar de não ser clara sua fonte, mas sua postura em relação ao discurso é nitidamente assertiva. Já em (79), o locutor prevê uma situação baseada em suas convicções e valores, baseados em experiências acumuladas do passado. Em (80), podemos perceber o verbo “querer” funcionando como um modal, baseado na crença do falante. Outro exemplo é (81), em que há mais um caso de previsão baseado apenas na crença ou experiência do locutor. Em (82), é possível observar que, com a retirada da conjunção “que”, o auxiliar “quer” deixa de ser epistêmico e passa a ter valor volitivo, mostrando vontade, bem diferente dos demais casos acima analisados. Já em (83), o “quer ver” isolado em uma oração interrogativa, também não traz o ver como modal epistêmico, mas sim como volição, com um traço [+ intersubjetivo] porquanto faz um chamamento ao interlocutor para participar, para ver, de fato o fato narrado.

A uma primeira análise pode nos parecer que todos os casos sem o conector “que” passam de modalizador epistêmico a volitivo. Contudo, o exemplo (84) é interessante, pois o julgamento do falante perante o discurso, suas crenças e seu comportamento ideológico importarão para que saibamos o grau de comprometimento intersubjetivo do locutor, a probabilidade e a noção de verdade. Sobre isso, é importante retomar Dall’Aglio-Hattner (1996), que estabeleceu dois tipos de evidencialidade relacionadas à modalidade: a modalidade objetiva epistêmica, e a modalidade epistemológica. Na primeira, o falante mobiliza meios linguísticos para que possa avaliar a realidade do estado de coisas (EC) relacionando a todos ECs possíveis, enquanto a segunda se trata dos meios linguísticos selecionados pelo falante para exprimir o grau de comprometimento no que tange à verdade do conteúdo da predicação. Portanto, a modalidade objetiva epistêmica estaria no nível da

predicação, utilizando-se de predicados encaixadores e operadores, enquanto a modalidade epistemológica, estaria no nível da proposição, sendo a função principal desta expressar o grau de comprometimento do falante, utilizando, para tal, predicados encaixadores, operadores e satélites.

Uma predicação pode, ainda, ser construída em uma estrutura de ordem mais alta, a proposição, que designa um "conteúdo proposicional" ou um "fato possível". As proposições podem ser motivo de surpresa ou dúvida, podem ser mencionadas ou negadas, rejeitadas e lembradas e podem ser consideradas verdadeiras ou falsas. As proposições podem, ainda, ser especificadas por operadores e satélites de nível 3. Finalmente, a proposição revestida de força ilocucionária constitui a cláusula, que corresponde a um ato de fala especificado pela proposição e pelos operadores e satélites de nível 4 (DALL'AGLIO-HATTNER, 1996, p. 154).

Para nosso objeto de estudo, as expressões: “quer ver”, “quer ver que”, “quer ver como”, o modal “quer”, em algumas das orações, aparece como um epistêmico, que poderemos observar nos exemplos a seguir:

(85) “**Quer ver que**, se isso não resolve o problema, ajuda muito?”

Fonte: <https://oinsurgente.org/2013/06/17/um-liberal-a-favor-de-uma-greve/>).

(86) “**Você quer ver que** eu não estou depilada?”

Fonte: <https://www.clickparana.com/noticia/13971/bbb18-paula-mostra-genitalia-para-mahmoud-e-reclama-de-depilacao.html>).

Em (85), o sujeito tem certeza do resultado, apesar de não ser clara sua fonte, mas sua postura em relação ao discurso é nitidamente assertiva. Já em (86), o falante assume, durante a relação do ato ilocucionário com interlocutor, a posição de verdadeira para sua sentença, elaborada de forma semi-retórica, não marcada por operadores satélites, mas sim por encaixadores, por meio da formação da oração interrogativa, entendida, pelo ouvinte, como uma afirmação em nível de futuro. Entende-se que, em (86), o locutor pretende fazer uma asseveração (de que não está depilada), formulando, para isso, uma pergunta que, de certa forma, convida o interlocutor, em um futuro proximativo, presenciar (e confirmar) evidencialmente, aquilo que está sendo dito.

Ao examinarmos o continuum modal entre "quer ver que" e "quer ver", conforme evidenciado nos exemplos (87) e (88), somos levados a perceber uma transição gradual e significativa nesse componente linguístico. A sutil mudança modal, partindo de uma

expressão mais condicionada, como em "quer ver que", para uma forma mais assertiva e desafiadora em "quer ver", reflete a sensibilidade do ouvinte ao matiz modal. Esse fenômeno revela não apenas a mudança na probabilidade ou certeza associada à declaração, mas também implica uma alteração na atitude do locutor em relação à afirmação proposta. Essa transição modal, assim delineada, não apenas reforça a complexidade da comunicação linguística, mas também destaca a importância de considerar o papel do modal na interpretação das intenções comunicativas. A escolha modal influencia, de certa forma, a percepção global do discurso e adiciona camadas de significado, contribuindo para uma compreensão mais ampla e precisa das nuances presentes nas interações linguísticas.

Nas sentenças desenvolvidas, como (24) e (25), analisa-se que o grau de comprometimento do locutor com a proposição é mais alto, já que recai sobre a fala do locutor, diferente do que acontece em locução verbal:

(87) “Claro que o torcedor é impaciente, ele **quer ver** o resultado dentro de campo...”

Fonte: <https://dnsul.com/2019/esporte/tigre-segure-em-busca-de-identidade-dentro-de-campo/>).

(88) “A gente **quer ver** as provas porque acha que demorou mais de cinco minutos em o VAR...”

Fonte: <https://globoesporte.globo.com/al/futebol/times/csa/noticia/advogado-do-csa-sestario-explica-pedido-de-impugnacao-do-jogo-contra-o-fla-var-demorou-demais.ghtml>).

Nas enunciados (87) e (88), acima, o verbo “querer” passa a ser um auxiliar modal que denota intenção, desejo, ou seja, não-epistêmica dinâmica:

as epistêmicas (relacionadas ao conhecimento) e as não-epistêmicas, ou de raiz (relacionada às ações), estas subdivididas em deontica (que envolve permissão e obrigação) e dinâmica (tipo subclassificado em volição e habilidade, ou capacidade) (NEVES, 2006, p. 161).

Caracterizam-se, portanto, (87) e (88), como a categoria não-epistêmica dinâmica, já que possuem a classificação do verbo “querer” como volitivo. A categoria dinâmica seria orientada em direção ao sujeito da enunciação:

é a maneira pela qual referentes de sintagmas nominais de função sujeito são dispostos em direção a um ato, em termos de habilidades e intenção” (NEVES, 2006, p. 162). Assim, sua prioridade é a expressão de volição e habilidade por parte do sujeito (ALVES, 2010, p. 29).

Podemos concluir que se trata de uma mudança da expressão de modalidade,

envolvendo a perda da epistemicidade à medida em que há a aproximação do “querer” ao seu valor mais lexical, consequência do desenvolvimento da forma [- encaixada] (LocV), para [+encaixada] (OSSOD). Esta, sendo modificada pelos argumentos, ao passo que aquela mantém a prototipia, mantendo o caráter de volição.

Em síntese, é perceptível que o valor epistêmico, ao ser explorado pelos falantes a partir dos novos desenvolvimentos de significados, abre espaço para a consideração da ideia de evidência e evidencialidade na linguagem, havendo uma interseção entre ambos. A epistemicidade, ao introduzir o sentido de algo baseado no conhecimento ou crença do falante, estabelece uma conexão intrínseca com a evidencialidade, que se refere à marcação linguística de fontes de informação ou evidências que sustentam uma afirmação, portanto, ao fazermos uma prospecção a respeito de algo/alguém, poderemos utilizar fontes de evidências para sustentar nossa asserção, o que faz com que evidencialidade e epistemicidade tenham valores completivos. Na próxima seção, abordaremos a dimensão evidencial, explorando como a linguagem incorpora e sinaliza as fontes de informação que respaldam as assertivas, ampliando a compreensão das nuances semânticas e pragmáticas que permeiam a construção analisada.

4.5.2 O desenvolvimento do valor evidencial

O desenvolvimento da evidencialidade na linguística é marcado por uma evolução complexa, destacando-se a evidência reprodutiva inferida, indireta, e a evidencialidade direta. Vejamos os exemplos:

(89) “*Não consegui fazer o que foi sugerido, mas escrevi, **quer ver** ?*”

Fonte: <https://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69388&>. Acesso em: 23/08/22.

(90) “*Sei sim, mamãe! **Quer ver** ? Capitalismo é a exploração do homem pelo homem*”.

Fonte: <https://www.informativo.com.br/cronica/colunistas/conversa-com-o-mestre,270560.jhtml>.

Acesso em: 23/08/22.

- (91) “...uma brincadeira com a própria arte e, principalmente, com o público. **Quer ver?**” A foto abaixo é duma das obras que vi em essa...”

Fonte: <http://www.caldinas.com.br/2013/02/a-arte-moderna-me-intriga.html>. Acesso em: 23/08/22.

Em (89), a fonte está no campo direto da evidencialidade, já que os escritos parecem estar na dêixis do falante. Já em (90), o falante comprova evidencialmente sua proposição por meio da sua fala com a dêixis. E em (91), o falante diz algo que comprova com uma foto, diretamente, cujo objeto encontra-se no mesmo campo dêitico que tal. A semelhança entre ambas é o campo dêitico, sempre no mesmo em que o falante, o referente é real, não é metafórico, o sujeito está em primeira pessoa, além da construção [quer ver] aqui analisada.

A evidencialidade inferida é quando o falante se baseia em evidências internas para expressar determinado conteúdo, usa para isso, conhecimentos acumulados, somados a indícios que observa na dêixis com seus sentidos (percepção) para inferir algo. Vejamos o exemplo.

- (92) “Lá vem um homem, **quer ver** que ele vai me encher o saco”.

Fonte: <https://papodehomem.com.br/como-se-sente-uma-mulher/>. Acesso em: 23/08/22.

Em (92), o falante supõe que, por ser um homem ao vir em sua direção, vai encher o saco, já que parece ser uma mulher narrando. Ela faz essa inferência ligando A (metafórico) = homens são chatos e assediam mulheres + B (percepção/visão) = há um homem vindo na minha direção. Apesar de ter uma certa futuridade na fala, ela já apresenta a evidencialidade com os fatores de inferência que apresenta antes e a oração posterior, porquanto, antecipa um fato apresentando como evidência uma inferência. E é aqui que discordo do modo verbal dos verbos de percepção evidenciais serem apenas passado e presente, esse exemplo mostra que podemos ter um futuro, mesmo que não distante, nesta modalidade verbal. Outro exemplo análogo é em (93), onde o sujeito, baseado no repertório histórico dele (muitas vezes “ela” esqueceu de mexer algo no fogo e queimou a comida), infere que, mais uma vez, ela fará isso, tudo isso no campo dêitico, num futuro quase imediato.

- (93) “...**quer ver** que ela vai esquecer de mexer e vai queimar?”

Fonte: <http://passaneura.com/2012/11/o-que-rolou-no-instagram-2/>. Acesso em 23/08/22.

Em (93), temos mais um caso inferido a partir de uma série de eventos em que aconteceram coisas semelhantes na vida do falante, ele já supõe que tal se repetirá, e essa evidência se comprovará com os aspectos fisiológicos que seu corpo dará como sinais de vergonha.

Os três exemplos se aproximam pois possuem o sujeito na primeira pessoa do singular, falante no campo dêitico, inferência por situação análoga no passado, dedução por ter algo no campo de visão do sujeito que leve a essa inferência, futuro baseado nas evidências inferidas do passado a serem confirmadas em imediato por meio de uma ação de um terceiro ou de algum fato.

Podemos observar, adicionalmente, que o valor modal pode ser corroborado através do continuum modal, que varia desde "quer ver que" até "quer ver", como exemplificado nos casos (92) e (93), essa variação no uso modal reflete diferentes níveis de ênfase e intensidade na expressão do desejo ou vontade do falante em relação à confirmação da proposição, contribuindo para uma análise mais aprofundada do valor modal na linguagem. No contexto da dêixis, percebemos a presença constante da primeira pessoa do singular, indicando a centralidade do falante na expressão linguística. A dêixis é um fenômeno linguístico em que o significado de certas palavras ou expressões depende do contexto, especialmente em relação à identidade do falante, do ouvinte e do contexto situacional. Ao observar a referência à série de eventos e à repetição de situações similares na vida do falante, notamos uma forte conexão entre dêixis e a ideia de continuidade temporal. A inferência baseada em eventos passados cria uma relação temporal, em que o falante se posiciona no presente, mas sua fala é ancorada nas experiências anteriores, conectando passado, presente e futuro de forma coesa.

A presença do campo dêitico, com o uso da primeira pessoa do singular, intensifica a dimensão dêixis, uma vez que a linguagem é ancorada na perspectiva individual do falante. A dedução feita pelo falante em relação ao futuro, utilizando como base a evidência inferida do passado, revela uma manifestação clara da deixis temporal e causal. A referência aos aspectos fisiológicos do corpo como sinais de vergonha destaca a dêixis pessoal e corporal, onde o corpo do falante se torna um marcador significativo de suas emoções e estados mentais. Este uso da dêixis corporal adiciona uma dimensão sensorial e pragmática à expressão linguística, reforçando a interconexão entre linguagem, experiência e corpo. Em suma, a discussão sobre dêixis nesse contexto destaca não apenas a temporalidade e a causalidade, mas também a dimensão pessoal e corporal da linguagem, ilustrando como a dêixis enriquece a expressão linguística ao vincular as palavras e as ações diretamente à experiência individual do falante.

O desenvolvimento da evidencialidade na linguística é marcado por uma evolução complexa, destacando-se a evidência reprodutiva inferida, indireta, e a evidencialidade direta. Este estudo enfatiza a relevância da evidencialidade, cujo valor pode ser comprovado por pesquisas diacrônicas futuras. Atualmente, observamos os micropassos da mudança linguística, esquematizados no Quadro 02. Este quadro delinea um possível caminho de transformação linguística, partindo da futuridade em direção à evidencialidade. O percurso inicia com construções volitivas simples, progredindo para auxiliares volitivos associados a predicados infinitivos, indicando um estado de coisas futuro. À medida que avança, incorpora a percepção visual como elemento de evidencialidade, passando por percepções não-visuais passivas (sensoriais) até chegar à percepção não-visual mental. O ponto mais saliente desse percurso de mudança linguística ocorre quando a estrutura inclui a percepção não-visual mental em conjunto com verbos de visão, marcando tanto evidencialidade direta quanto indireta. Este processo reflete a sofisticação gradativa da linguagem, evidenciando uma intrincada rede de construções que expressam nuances de temporalidade e fontes de informação.

Quadro 2 - Possível caminho de mudança linguística da futuridade à evidencialidade

[V _{Volitivo(pleno)}]Predicador simples]
[V _{Volitivo(auxiliar)} V _{Predicador de um estado de coisas(infinitivo)}]Predicador complexo(marcação de tempo futuro)]
[V _{Volitivo(auxiliar)} V _(ver) {a <v: percepção visual>} Predicador de um estado de coisas(infinitivo)]Predicador complexo(marcação de tempo futuro)]
[V _{Volitivo(auxiliar)} V _(ver) {a <v: percepção não-visual passiva (sensorial)}Predicador de um estado de coisas(infinitivo)]Predicador complexo(marcação de tempo futuro/epistêmico)]
[V _{Volitivo(auxiliar)} V _(ver) {a <v: percepção não-visual (mental)>} Predicador de um estado de coisas(infinitivo)] Operador evidencial (marcação de evidencialidade indireta - reportativa/inferida]
[V _{Volitivo(auxiliar)} V _(ver) {a <v: percepção não-visual (mental)>} Predicador de um estado de coisas(infinitivo)] Operador evidencial (marcação de evidencialidade direta]

Fonte: a autora

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O coração fica apertado, não dá pra não pensar .

Quer ver que não é exagero?”

Fonte: <http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ferias-escolares-o-pai-de-selfie-chegou/>

A presente dissertação apresentou a investigação e análise dos contextos de uso da predicação complexa [V_{Volitivo(auxiliar)} V_{Percepção(ver)}Predicador de um estado de coisas(infinitivo)]Predicador complexo] e verificar que, no PB, além dos usos de valor de futuro/futuridade, encontramos também os usos de valor epistêmico e evidencial. Além disso, procuramos atender aos nossos objetivos específicos, retomados aqui: (i) descrever e analisar as propriedades formais e funcionais que envolvem a construção de predicação complexa [V_{Volitivo(auxiliar)} V_{Percepção(ver)}Predicador de um estado de coisas(infinitivo)]Predicador complexo], a partir de dados extraídos da amostra *Now*, do corpus do Português; (ii) analisar, no PB, os micropassos, tomados como etapas de neoanálises, que derivam na mudança construcional e/ou construcionalização gramatical do esquema construcional mais amplo; (iii) investigar o perfilamento ou não da base do significado de futuridade, epistemicidade e evidencialidade em dados sincrônicos do PB; e (iv) relacionar os achados descritivos com as propriedades de ordem cognitiva e discursivo-pragmática, bem como as propriedades formais.

Em relação aos contextos de uso e frequência de ocorrências, a coleta de dados do corpus do Português *Now* entre 2012 e 2018 revela uma frequência produtiva das construções "quer ver", "quer ver que" e "quer ver como". "Quer ver" é a mais frequente, evidenciando sua estabilidade na língua. "Quer ver que" com uma menor frequência, é associado a contextos específicos de incerteza ou especulação, menos consolidada, enquanto "quer ver como" aparenta estar mais avançada na construcionalização gramatical.

Ao analisarmos a construção linguística "quer ver" em múltiplos contextos, investigando suas configurações e usos, os dados que abrangem desde enunciados interrogativos até afirmativos, e mesmo entre sentenças, buscamos compreender as nuances e os significados subjacentes a essa estrutura. Nos enunciados interrogativos, "quer ver" é empregado para convidar à visualização ou experiência de algo, não necessariamente requerendo uma resposta imediata. Em situações afirmativas, a construção pode expressar a vontade de presenciar algo específico ou até mesmo ignorar intencionalmente um acontecimento. Além disso, quando posicionado no final de sentenças, "quer ver" destaca a

prospectiva ou reforça a futuridade de um elemento já mencionado. Entre sentenças, essa estrutura opera de forma reportativa, exemplificando ou reforçando informações anteriores.

Em relação à configuração verbal, examinamos os usos de participípios e gerúndios nas orações reduzidas, enquanto nas orações desenvolvidas, verificamos as conjunções “que” e “como”. Os resultados apontam que os modais influenciam a projeção do tempo futuro nos complementos verbais, afetando a morfologia do verbo. Assim, o estudo mostra a necessidade de se considerar a perspectiva temporal nos operadores modais, conforme proposto por Condoravidi (2002). A incorporação do tempo futuro parece preencher a lacuna temporal nos modais, influenciando o verbo modal e a forma infinitiva do predicador principal, levando a uma interação entre o auxiliar de futuro e o verbo modal.

Além disso, ao analisarmos as conjugações que complementam as OSSOD, vimos a ocorrência e desenvolvimento de “como” como conjunção integrante. Estudos diacrônicos poderão confirmar a hipótese do desenvolvimento desse sentido, que parece estar enraizado desde o português arcaico, conforme referido por Castilho (2012). Percebe-se que “como” é utilizado em contextos específicos, principalmente para estabelecer uma comparação entre a OSSOD e a OP. Novas investigações são necessárias para entender sua presença em variedades do PB contemporâneo e sua influência no uso de outras conjunções integrantes.

Ainda sobre a configuração verbal, os resultados apontam para a presença de orações subordinadas substantivas objetivas diretas reduzidas, mostrando como os verbos “querer” e “ver” assumem características [- sensoriais] ou [+ metafóricas], diferentemente das locuções verbais, tornando-se orações subordinadas. Além disso, no caso das orações, tanto desenvolvidas quanto reduzidas, nota-se que a construção [quer ver] se afasta das características prototípicas do verbo “querer” (voltado para volição) e do verbo “ver” (associado à percepção visual de um estado de coisas). Essa mudança parece ocorrer porque os modais não são cobertos por uma projeção encabeçada por um tempo, e a perspectiva temporal é sempre ancorada no momento de fala. Esses verbos modais tomam um complemento proposicional que inclui uma projeção de tempo, afetando a superfície da oração principal como uma desinência verbal.

Em relação às orações subordinadas substantivas objetivas diretas desenvolvidas com a conjunção “que”, destacando como essa conjunção é utilizada para expressar expectativas, antecipações e suposições em relação a eventos futuros. Vimos que verbo “ver” não se trata apenas da percepção visual passiva, mas sim de uma percepção não visual, indicando uma mudança linguística sutil, abrindo espaço para novos desenvolvimentos, tais como epistêmico e evidencial. A microconstrução “quer ver que” funciona como uma antecipação do que o

falante acredita que acontecerá, baseando-se em experiências passadas, conhecimentos prévios ou padrões observados. Assim, a conjunção "que" nessas estruturas condicionais reflete uma postura epistêmica por parte do interlocutor, baseada em suas vivências, conhecimentos ou crenças pessoais. Essas expressões contribuem para criar um caráter especulativo e de antecipação em relação aos eventos futuros. Dessa forma, os resultados apontam para um possível caminho de mudança linguística, partindo do valor de futuridade em direção a um valor mais epistêmico, evidenciando a transição na expressão do tempo futuro para uma noção que leva em consideração a base de conhecimento ou experiência do falante na projeção de expectativas futuras.

Já em relação às microconstruções que envolvem a conjunção “como”, destacamos tanto o seu papel modal quanto integrante em diferentes contextos de uso. Em relação ao valor modal, essa expressão é empregada para convidar alguém a observar ou entender a maneira como algo acontece ou funciona. Por meio de polaridades interrogativas, o falante busca trazer uma antecipação do que está por vir, baseando-se em evidências reportativas ou em situações anteriores. Assim, ao associar a conjunção “como” à modalidade epistêmica do falante, para expressar suas convicções e conhecimentos prévios sobre o assunto abordado. Já como conjunção integrante, é usada para introduzir uma ideia que complementa o sentido da frase anterior. A análise dos valores semânticos da conjunção "como" em comparação com a conjunção "que" proporciona insights valiosos sobre sua mudança construcional. A conjunção "como", ao integrar-se com o esquema [quer + ver], assume uma opacidade distinta, passando de uma conjunção mais lexical para uma conjunção integrante. Essa transição é evidente nos resultados apresentados nas análises empreendidas, destacando uma distribuição dos diferentes usos semânticos de "como" nessa construção, sugerindo uma área fértil para futuras pesquisas que verifiquem os papéis discursivo-pragmáticas. Além disso, outro resultado importante é em relação à distribuição das ocorrências nos enunciados, que sugere uma relação entre a posição da construção e os valores semânticos, com uma inclinação para a expressão de futuridade.

Em relação da análise das configurações de sujeitos na construção [quer ver], vimos que a animacidade do sujeito revela sua importância na construção da subjetividade, onde sujeitos mais animados tendem a gerar interpretações mais subjetivas e intersubjetivas, enquanto sujeitos menos animados orientam o significado do verbo para representações mais abstratas ou futuras, especialmente quando desprovidos de intersubjetividade. Já as estruturas com sujeitos desinenciais, particularmente nas interrogativas semi-retóricas, destacam a

relação direta com o interlocutor, indicando uma previsibilidade na resposta e uma propensão para negações ou generalizações.

Em relação ao perfilamento dos sentidos de futuridade, epistemicidade e evidencialidade, vimos que o verbo "ver" revela uma evolução em seu significado, expandindo-se para além da percepção visual. Assim, observamos uma transição da percepção passiva sensorial para um contexto mais amplo, envolvendo tanto aspectos epistêmicos quanto evidenciais. A hipótese levantada sugere que essa expansão semântica se deu através da distância do sentido lexical primário do verbo, promovendo uma transição para a percepção não-visual, especialmente mental, resultando na polissemia do termo e na consequente extensibilidade de seus significados.

Na sequência, vimos que ao empregar a construção [quer ver] a partir desses novos sentidos, o falante introduz um elemento modal que reflete um desejo ou uma vontade expressa. Essa construção está relacionada ao aspecto epistêmico, revelando a atitude do falante em relação à validade ou confirmação da proposição apresentada. A expressão "desafia" o interlocutor a verificar ou confirmar por si mesmo a veracidade da informação, sugerindo uma certa confiança na assertividade do que está sendo dito. Nesse contexto, as expressões "quer ver", "quer ver que" e "quer ver como" variam nesses espectros modais, indicando diferentes graus de comprometimento do falante com a veracidade da informação. A epistemicidade, ao introduzir o conhecimento ou crença do falante, está intrinsecamente conectada à evidencialidade, que se refere à marcação linguística das fontes de informação que sustentam uma afirmação.

Na continuidade dos achados desta pesquisa, vimos que a evidencialidade é direta, onde o sujeito parece estar na dêixis do falante. Em outras, há uma inferência baseada em conhecimentos acumulados e percepções sensoriais para antecipar eventos futuros. O uso da primeira pessoa do singular e a referência a situações passadas reforçam a conexão entre a dêixis e a continuidade temporal. Além disso, o corpo humano pode ser um marcador importante para as emoções e estados mentais do falante, adicionando uma dimensão sensorial à linguagem, algo que pode ser aprofundado em pesquisas futuras.

Por fim, os resultados empreendidos ao longo desta dissertação fornecem uma base sólida para futuras investigações que possam aprofundar ainda mais o entendimento dessas estruturas e sua relação com aspectos temporais, epistêmicos e evidenciais na língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Alexandra. **Categoria Modalidade: Considerações Tipológicas e Análise de Material Didático**. Revista Trama - Volume 9 - Número 18 - 2º Semestre de 2013, RS. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/19658/1/2013_art_aaraujo.pdf Acesso em: 23/08/22.

BAKHTIN, M. (1981). **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes.

BARONI, Gabriela do Couto. **O Caráter Multifuncional de Verbos Volitivos do português do Brasil em gêneros Jornalísticos**. 2011, Dissertação, UFES.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 39ª Ed. 16ª reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna, 2019.

BERNARDO, Sandra. **Reflexões Sobre Coordenação e Subordinação**. Revista Solettras, 2004, RJ. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/4482/3284> Acesso em: 225/08/22.

BYERS, Ivan. The Topicalization of the Pronoun "Você" in Interrogative Structures. In: Proceedings of the International Conference on Linguistic Variation. Ano 2010, p. 45-67.

CAPELLE, Bert & DEPRAETERE, Ilse. **Short-circuited interpretations of modal verb constructions**. In: *Constructions and Frames*, John Benjamins, 2016, 8, pp.7 - 39. Hal Open Science, 2016.

CARIOCA, Cláudia Ramos. **A integração dos aspectos sintáticos, semânticos e pragmático-discursivos na manifestação da evidencialidade**. Entrepalavras, Fortaleza, v. 8, n. esp., p. 112-129, set. 2018. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1204> Acesso em: 01/07/2023.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CEZARIO, Maria Maura; ALONSO; Karen Sampaio; CASTANHEIRA, Denis (orgs). **Linguística Baseada no Uso: Explorando Métodos, Construindo Caminhos**. 1 ed. - Rio de Janeiro : Rio Book's, 2020. Disponível em: LINGUÍSTICA Baseada no Uso: Explorando Métodos, Construindo Caminhos Acesso em: 25/08/22.

CEZARIO, Maria Maura. **Graus de integração de cláusulas com verbos cognitivos e volitivos**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

CEZARIO, Maria Maura. **Graus de integração de cláusulas com verbos volitivos**. In: VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura; MARTELOTTA, Mário Eduardo. Gramaticalização. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004.

COATES, Jennifer, *The Semantics of the Modal Auxiliaries*. Croom Helm, London: Canberra. 1983.

CONDORAVDI, C. (2002) **Temporal interpretation of modals: Modals for the present and for the past**. In Beaver, D., Kaufmann, S., Clark, B., & Casillas, L., editores, *The Construction of Meaning*, pp. 59-88. CSLI Publications, Stanford, CA.

CONFORTE, Andre Nemi; CONSTANCIO, Felipe de Andrade. **Oração principal na agenda da gramática dos usos**. Revista DeSlimites – Revista de Linguagens do Colégio Pedro II, vol 1, n2, 2020, RJ. Disponível em: <http://cp2.g12.br/ojs/index.php/deslimites/article/view/2889/1825> Acesso em: 25/08/22.

COSTA, Mariana Gonçalves. SOUZA, Lais Lima. VIEIRA, Marcia dos Santos Machado. **Construções de Futuro com Verbos Volitivos no Português do Brasil: querer + Verbo no Infinitivo**. In: *Linguística Baseada no Uso: Explorando Métodos, Construindo Caminhos*. 1 ed. - Rio de Janeiro : Rio Book's, 2020.

CROFT, W. (2001). *Radical construction grammar: Syntactic theory in typological perspective*. Oxford, UK: Oxford University Press.

DALL'AGLIO HATTNER, M. M. **Uma Análise funcional da modalidade epistêmica**. Revista Alfa, n. 40, 1996.

DALL'AGLIO HATTNER, M. M. et al. **Uma investigação funcionalista da modalidade epistêmica**. In: NEVES, M. H. de M. (Org.). *Descrição do português: definindo rumos de pesquisa*. Araraquara; São Paulo: FCL/UNESP; Cultura Acadêmica, 2001. (Série Trilhas Linguísticas, 1).

DENZIN, L.N.; LINCOLN, Y.S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, L.N.; LINCOLN, Y.S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DEPRAETERE, Ilse. *Modals and lexically-regulated saturation* . University of Lille, Lille, 2014.

DEPRAETERE, Ilse. *Some Observations on the Meaning of Modals*. University of Lille, Lille, 2010.

DEUTSCHER, G.. **As forças da criação**. In: _____. *O desenrolar da linguagem*. Campinas: Mercado de Letras, 2014. p. 207-242.

DIESSEL, H. *Usage-based Construction Grammar*. In: DABROWSKA, E.; DIVJAK, D. *The Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 2015.

DIESSEL, H. *The Grammar Network: How language structure is shaped by language use*. Cambridge: University Press, 2019.

FERRARI, V. V. **Verbos de Percepção em Construções Evidenciais de acordo com o Modelo da Gramática Discursivo-funcional**. Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. V. 8, n. 1, 2012.

FERREIRA, Marcelo. **Vista do Alçamento em Complementos Infinitivos do Português**. Cad. Est. Ling., Campinas, v.62, p. 1-19, e020001, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8655883/22037> Acesso em: 10/06/2023.

FERREIRA, M. M. (2003). **A construção do leitor virtual**. In: Queiros, A. (Org.). Olhares de Leitor. São Paulo: Contexto.

FILLMORE, C. J. (1982). *Towards a descriptive framework for spatial deixis*. In R. J. Jarvella & W. Klein (Eds.), *Speech, place, and action: Studies in deixis and related topics* (pp. 31-59). Chichester: Wiley.

FONSECA, A. M. H. **Tempo, Aspecto, Modo / Modalidade (TAM) na expressão de futuridade**. ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, São Paulo, 39 (1): p. 45-58, mai.-ago. 2010

GALVÃO, V. C. C. **Evidencialidade e gramaticalização no português do Brasil: os usos da expressão diz que**. 2001. 241f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2001.

GIBBON, Adriana de Oliveira. **A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação**. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística, UFSC, Florianópolis, SC, 2000.

GIBBON, Adriana de Oliveira. **Trajatória de gramaticalização da perífrase ir (presente) + infinitivo no domínio funcional do futuro: análise sincrônica e diacrônica em amostras de fala e escrita gaúchas**. Tese (Doutorado em Letras/Linguística) – Curso de pós-graduação em Letras/Linguística, UFSC, Florianópolis, SC, 2014.

GIVÓN, T. Tense-Aspect-Modality. In: _____. **Syntax: a functional-typological introduction**. v. 1 Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984.

GIVÓN, T. **Syntax: An Introduction**. Amsterdã; Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

GIVÓN, T. **The origins of syntactic complexity – diachrony, ontogeny, neuro-cognition, evolution**. Amsterdam: John Benjamins. 2010.

GOLDBERG, A. E. (2006). *Constructions at work: The nature of generalization in language*. Oxford University Press.

HABLER, Gerda. **Temporalität, Aspektualität und Modalität in romanischen Sprachen**. Berlin; Boston: Walter de Gruyter, 2016.

HATTNER, M. M. D. **A expressão lexical da evidencialidade: reflexões sobre a dedução e a percepção do evento**. Entrepalavras, Fortaleza, v. 8, n. esp., 2018, p. 98-111.

HATTNER, M. M. D. A. *The interaction between tense and evidentials of event perception and deduction in Brazilian Native languages*. In: MACKENZIE, J. L.; OLBERTZ, H. (Ed.) *Casebook in Functional Discourse Grammar*. 1ª ed. Amsterdam: John Benjamins, p. 39-66, 2013

HENGEVELD, Kess. *Illocution, Mood, and Modality in Functional Grammar of Spanish*. Journal of Semantics, v.6, p.227 - 269, 1988.

HENGEVELD, K.; HATTNER, M.M.D.A. *Four types of evidentiality*. Linguistics, v. 53, p. 479-524, 2015.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, L. *Functional Discourse Grammar. A typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HILPERT, Martin. *Construction Grammar and its Application to English*. Edinburgh University Press Ltd, Scotland, 2014.

HOFFMANN, Dayane Gaio.; FEOLA, A. **Um Estudo da Modalização Estabelecida pelo Verbo Poder em Livros Didáticos**. Travessias, Cascavel, v. 2, n. 3, p. e3177, 2010. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3177> . Acesso em: 01/07/2023.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo. Martins Fontes, 2004.

LEINO, L.; ÖSTMAN, J-O. **Constructions and variability**. In: FRIED, M.; BOAS. H. C. Grammatical Constructions: back to the roots. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 192-213. (Constructional Approaches to Language).

LUCENA, Izabel Larissa. **A Expressão da Evidencialidade no Discurso Político: Uma Análise da Oratória Política da Assembleia Legislativa do Ceará**. Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação e Linguística, da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Linguística. Ceará, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6100/1/2008_dis_illucena.pdf Acesso em: 01/07/2023.

MACHADO VIEIRA, M. dos S.; WIEDEMER, M. L. **A variação no modelo construcionista da Linguística Funcional-Cognitiva**. In.: BRESCANCINI, C. R.; MONARETTO, V. N. O. (orgs.) Sociolinguística no Brasil: textos selecionados. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 265-304, 2020.

MATOS, Priscila Teixeira. **Evidências Sobre a Polissemia e a Gramaticalização do Verbo Ver**. Dissertação de Mestrado, UFJF, 2012. Disponível em: <https://www.ufjf.br/nupact/files/2019/09/Evid%C3%AAsncias-sobre-a-polissemia-e-a-gramaticaliza%C3%A7%C3%A3o-do-verbo-ver.pdf>. Acesso em: 25/08/22.

MELO, Sara Azevedo Santos. **Estrutura Argumental com Verbos de Percepção Ver e Olhar**. Dissertação de doutorado, UFRN, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/22551/1/SaraAzevedoSantosDeMelo_DISSE RT.pdf Acesso em: 25/08/22.

MINAYO, M.C. de S. *Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social*. In: MINAYO, M.C. de S. (org.) **Pesquisa Social** – Teoria, método, criatividade. Petrópolis: Vozes, 1993.

NETO, Francisco Marino Neto. **A Manifestação da Modalidade Epistêmica em Narrativas Oraís.** Dissertação de mestrado, UFC, 2006. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6110/1/2006_dis_fmneto.pdf Acesso em: 25/08/22.

NOGUEIRA, Lua Camilo. **A gramaticalização dos verbos “ver” e “olhar” no português falado do interior paulista: : uma abordagem discursivo-funcional.** Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2021. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/213456/nogueira_lc_me_sjrp.pdf?sequenc e=7&isAllowed=y. Acesso em: 26/08/22.

NUYTS, J. **Epistemic modal adverbs and adjectives and the layered representation of conceptual and linguistic structure.** *Linguistics*, v. 31, 1993.

NUYTS, J. **Subjectivity as an evidential dimension in epistemic modal expressions.** *Journal of Pragmatics*, v. 33, 2001.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. **O futuro na língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança.** Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, 2006.

OLIVEIRA, Nathália Félix. **O Desenvolvimento de Verbos Volitivos na Língua Portuguesa: Uma Abordagem Construcional.** Tese de doutorado UFJF, 2016, MG. Disponível em: <https://www.ufjf.br/nupact/files/2019/09/O-desenvolvimento-de-verbos-volitivos-na-l%C3%ADngua-portuguesa1.pdf> Acesso em: 25/08/22.

PEREK, F. **Argument structure in Usage-Based Construction Grammar: Experimental and corpus-based perspectives.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2015.

ROBUSTE, Taísa Barbosa. **Construções [V1+VER] no Português Brasileiro Contemporâneo Sob a Perspectiva Construcional.** Dissertação de doutorado, UNESP, 2018. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/180393/robuste_tb_dr_sjrp.pdf?sequence =6&isAllowed=y Acesso em: 25/08/22.

ROST, Claudia Andrea. **Expansão semântico-pragmática e mudança categorial de verbos de percepção: amostra sincrônica.** *Working Papers em Linguística* 6 (1), 116-134, 2002

SANTOS, Josete Rocha. **A variação entre as formas de futuro do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de letras, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, 2000.

SANTOS, Valéria Cunha. **Intenção e Desejo: Os Usos de Querer com Implicatura de Futuridade.** UFSC, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/169454/338149.pdf?sequence=1 &isAllowed=y> Acesso em: 25/08/22.

SILVA, Augusto Soares - **Evidencialidade/mediatividade, modalidade epistêmica e (inter)subjetividade.** *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto - N.º Especial*, Vol. 1 - 2022 - 263-294. Disponível em:

https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/39527/1/2022_evidencialidade_modalidade_intersubjetividade.pdf Acesso em: 01/07/2023.

SILVA, A. S. *O Mundo dos Sentidos em Português: Polissemia, Semântica e Cognição*. Coimbra: Edições Almedina, 2006.

SILVA, Livia Ferreira Alves da Silva. **Expressões de futuridade em Língua Portuguesa: descrição e ensino**. 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, 2021.

SZCZEŚNIAK, K. **É um não querer mais que bem querer: gramaticalização de conceitos volitivos**. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, n. 12, p. 179-200, 201

TESCH, Leila Maria. **A expressão do tempo futuro no uso capixaba: variação e gramaticalização**. Doutorado (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, 2011.

TOMASELLO, M. (2003). *Constructing a language: A usage-based theory of language acquisition*. Harvard University Press.

VENDRAME, V. **Os verbos ver, ouvir e sentir e a expressão da evidencialidade em língua portuguesa**. São José do Rio Preto, 2010. 173 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de São José do Rio Preto, 2010.

VIBERG, Ake. *The verbs of perception: a typological study*. In: BUTTERWORTH, Brian; COMRIE, Bernard; DAHL, Östen. *Explanations for language universals*. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1984. p. 123-162.

WILLETT, T. *A cross-linguistic survey of the grammaticization of evidentiality*. In.: *Studies in Language*, v. 1, n. 12, 1988